



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do 6º Seminário da Indústria Brasileira da
Construção (Construbusiness) 2005**

São Paulo-SP, 03 de outubro de 2005

Meu caro Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego,

Meu caro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria
e Comércio Exterior,

Meu caro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Senadores Aluizio Mercadante, Eduardo Suplicy e Romeu Tuma,

Deputada Ângela Guadagnin,

Deputado Julio Lopes,

Deputado Arlindo Chinaglia,

Deputado Ricardo Izar

Deputado Jamil Murad,

Senhor Gilberto Kassab, vice-prefeito da cidade de São Paulo,

Meu caro Paulo Skaff, presidente da Federação das Indústrias do
Estado de São Paulo,

Meu caro Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica Federal,

Vereador Agnaldo Timóteo, aliás, Agnaldo, quero te agradecer a
homenagem prestada a mim no programa do Raul Gil. Muito obrigado.

Meu caro José Carlos de Oliveira Lima, coordenador do Comitê da
Cadeia Produtiva da Construção Civil da Fiesp,

Senhor Antonio de Sousa Ramalho, presidente do sindicato dos
trabalhadores nas indústrias da construção civil,

Senhoras e senhores membros da Diretoria da Federação das Indústrias
do Estado de São Paulo,

Senhoras e senhores empresários da indústria da construção civil,



Senhoras e senhores jornalistas, amigos e amigas,

Começar com uma boa notícia que o Furlan me passou agora, que eu acho que é boa para todos nós, de São Paulo e do Brasil. Em setembro, o Brasil ultrapassou a meta anual que era de 112 bilhões de dólares de exportação com um saldo de 41 bilhões, o que já é muito, viu Furlan, precisamos de tanto saldo assim. Espero que o Ministério possa, hoje, estourar um champanhe para comemorar. Eu estou achando que vamos chegar logo, logo a 120, não vai faltar. Não peça para o dólar aumentar.

Primeiro, parabenizar a Fiesp por este 6º Construbusiness realizado aqui no salão da Fiesp. Este seminário trata de um tema essencial, eu acredito que para todos nós, individualmente, e para o Brasil. A cadeia da construção civil emprega, de forma direta e indireta, nada menos que 15 milhões de brasileiros e brasileiras e, como já foi dito aqui, é responsável por 13,8 do produto interno bruto brasileiro.

Além disso, contribui muito para nossos saldos comerciais com o exterior. Prova disso é que considerando apenas o primeiro semestre de 2005, a balança comercial do setor foi superavitária em 673 milhões de dólares. Mas do que elevar positivamente nossos índices econômicos, a importância da indústria da construção civil tem se afirmado pelos resultados sociais que atinge.

Os investimentos em habitação e saneamento, não somente concretizam direitos básicos de cidadania, como geram emprego e renda nas comunidades em que são realizados.

É por isso, que desde o início de 2003, quando criamos o Ministério das Cidades, temos nos empenhado ao máximo para que essas atividades estejam cada vez mais fortes em nosso país. Graças ao intenso diálogo com diversos setores da sociedade civil, em especial com representantes dos trabalhadores, responsáveis pela gestão de fundos como o FAT e o Fundo de Garantia do



Tempo de Serviço, conseguimos aumentar significativamente a disponibilidade de recursos públicos para habitação e saneamento básico .

Em dois anos e meio, somando-se o recurso desses dois Fundos e do Orçamento-Geral da União, o governo federal disponibilizou 6 bilhões e 100 milhões de reais para o saneamento ambiental, revertendo um quadro de restrição ao financiamento que caracterizou os três anos anteriores ao nosso mandato.

Aqui não é nenhuma novidade para os empresários do setor que no ano 2000, 2001 e 2002, praticamente tivemos zero para o saneamento básico, e mesmo aquilo que estava disponibilizado, apenas 262 milhões de reais foram utilizados. E todo mundo sabe, também, que o saneamento básico tem que ter uma carteira, ou seja, se todo ano se colocar um pouco do dinheiro, nós temos consciência de que poderemos resolver o problema de saneamento no Brasil e não faltarão empregos nem para os trabalhadores, nem financiamento para as prefeituras e para os empresários.

Já para o financiamento imobiliário, a expectativa da Caixa Econômica Federal, e já foi dito aqui pelo senhor presidente da Caixa, é de aproximadamente 10 bilhões de reais. Com os investimentos privados, esse montante deve atingir 15 bilhões de reais. Todo mundo sabe que há muitos e muitos anos isso não acontecia na construção civil.

Fizemos, também, algumas mudanças importantes nas linhas de financiamento para que esses recursos beneficiem cada vez mais os milhões de brasileiros e brasileiras que vivem em habitações precárias e, além disso, crie novas oportunidades de empregos e geração de renda. Uma delas foi nos Programas com recurso do Fundo de Garantia. Concentramos os subsídios da habitação, antes dispersos em diversas linhas, em um financiamento voltado às famílias que têm renda de até 5 salários mínimos. Nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, o subsídio do governo federal cobrirá até 14 mil reais por imóvel.



Como esses Programas priorizam as parcerias nas quais as prefeituras e governos estaduais podem entrar com o terreno ou com a parte do valor do imóvel, aumentam as oportunidades para as famílias de baixa renda adquirirem sua casa própria. Somente essa mudança na aplicação do Fundo de Garantia permitirá a construção de mais de 150 mil novas moradias.

Minhas amigas e meus amigos, estou entusiasmado com as sugestões que o companheiro Graziano me disse que vão surgir aqui dos seminários para o setor. Por isso mesmo, determinei aos meus Ministros a constituição de um grupo de trabalho permanente para intensificar o diálogo e a busca conjunta de soluções para os problemas da indústria da construção civil. Este grupo trabalhará, inclusive, com o conceito de casa popular, uma habitação acessível ao segmento de menor renda, mas que será tratada como um produto específico, com sistemas de planejamento e financiamento que possibilitem um tratamento tributário diferenciado. O resultado será um maior número de casas populares, motivado por, cada vez mais, interesse e capacidade de construção.

Diálogo constante, negociação e persistência para superar os problemas do setor têm marcado essa nova fase da história do crédito imobiliário em nosso país. Ao mesmo tempo em que ampliamos a dotação dos recursos para habitação e saneamento e tornamos sua aplicação mais racional e eficiente, também avançamos na construção de um novo modelo institucional para esses setores. Tornamos a regulamentação do setor imobiliário mais precisa e eficaz, dando maiores garantias tanto aos compradores de imóveis financiados quanto aos empreendedores. Desoneramos projetos da área da construção civil e determinamos a isenção do imposto sobre o lucro imobiliário, que o Mattoso já disse aqui também, em caso de venda de casa própria para aquisição de nova moradia.

Uma grande conquista foi, sem dúvida nenhuma, a criação, em junho passado, do Sistema e do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social, antiga reivindicação dos movimentos sociais que se concretizou na lei, no



primeiro projeto de lei de iniciativa popular encaminhado ao Congresso Nacional, que tive a honra e a alegria de sancionar. Este Fundo, que vai somar e aplicar com mais eficiência os recursos das três esferas de governo, terá a sua regulamentação finalizada ainda este mês, e começar a operar no início de janeiro.

Temos um amplo horizonte pela frente. O que nos une aqui, neste Seminário, é muito mais do que os nossos objetivos comuns neste setor tão essencial para o Brasil. Juntos, temos que continuar construindo um país mais próspero e justo para o nosso povo.

Meus amigos e minhas amigas, eu quero crer que todos vocês hoje já têm a dimensão de que ainda precisamos fazer reparos em muitas coisas no Brasil. Um deles, meu companheiro Márcio Fortes, meu companheiro Paulo Skaff, meu companheiro Jorge Mattoso, é que nós precisamos utilizar o IBGE ou a Fundação Getúlio Vargas ou o IPEA ou a construção civil, para que a gente possa aferir, com mais precisão, o déficit habitacional. Desde 1974 que nós utilizamos o mesmo número. Algo está errado. E eu digo desde 1974, porque foi quando pela primeira vez um partido político pode ir à televisão, e naquele tempo se tinha Arena e MDB disputando as eleições e, naquela época, se discutia o déficit habitacional de seis milhões. Vamos completar, na verdade, 31 anos e o déficit continua seis milhões e meio de habitação.

Eu acho que nós temos a responsabilidade, enquanto governo, sociedade civil, os empresários de instituições que fazem pesquisas e que fazem estudo, de a gente ter um número mais exato, mais preciso para que possamos trabalhar. Eu acho que o comodismo é que nos levou a continuar usando o mesmo número, porque ninguém nunca desmentiu. Então, vamos continuar falando o mesmo número. Mas algo está acontecendo e nós precisamos, de uma vez por todas, trabalhar com números exatos, saber quais as regiões que precisam de mais habitação, quantas habitações nós temos desocupadas no Brasil, para que a gente possa trabalhar com precisão os



investimentos, seja do Orçamento da União, seja do Fundo de Garantia, seja do FAT, e melhor precisar os investimentos junto aos setores empresariais.

A segunda coisa que eu acho importante dizer aqui, é que nós estamos vivendo um momento no Brasil que, de vez em quando eu ouço uma crítica dizendo “mas o presidente Lula repete demais o discurso”. Nenhuma música faria sucesso se não fosse repetida muitas vezes na rádio, ou nenhum filme ganharia prêmios se não tivesse que repetir em todas as salas de projeção. Pois bem, nós estamos vivendo, e eu ousou falar isso aqui na frente do Luciano Coutinho, na frente do Aloizio Mercadante, dois brilhantes economistas do nosso país, para dizer a vocês que nós estamos vivendo um momento que merece uma reflexão do setor empresarial, merece uma reflexão dos trabalhadores e, sobretudo, merece uma reflexão do conjunto da classe política brasileira. Faz 120 dias que o Brasil vive subordinado a centenas e centenas de denúncias. Eu disse outro dia que as mentiras irão aparecer e as verdades também irão aparecer, que o que o povo precisa ter é apenas cautela porque o denunciamento ficou solto durante quatro, cinco meses. Eu acho que os deputados devem estar com muita dificuldade de apurar a concretude das denúncias feitas e, no Brasil, nós vivemos momentos, não apenas agora, mas em outros momentos históricos, em que as denúncias aparecem e depois não se concretizam e fica o dito pelo dito. E não existe pedido de desculpas, não existe reparação, não existe retratação, ou seja, essa é uma coisa que nós trabalhamos com muito cuidado para não permitir que viesse a criar qualquer problema na economia brasileira.

Isso demonstra o resultado com o saldo das nossas exportações, mas não são apenas exportações. Houve poucos momentos na história econômica do Brasil em que nós tivemos uma combinação de fatores tão positivos como estamos tendo agora na economia brasileira.

Alguém poderia dizer que o Brasil poderia estar crescendo mais, é verdade. Alguém poderia dizer que os juros poderiam ser mais baixos, é



verdade, mas antes da gente fazer a crítica, vamos fazer o reparo do que está acontecendo na economia brasileira. Nós temos uma combinação de crescimento econômico, crescimento das exportações, crescimento das importações, sobretudo de bens de capital, o que significa que as nossas empresas estão acreditando na sua reestruturação produtiva; nós temos um crescimento de superávit de conta corrente, nós temos um crescimento como há muito tempo não se via de geração de empregos neste país.

Eu estou dizendo que estamos gerando uma média de 104 mil novos empregos com carteira profissional assinada, por mês, contra o 8 mil empregos nos oito anos anteriores ao meu governo. Eu estou dizendo que nós estamos com um crescimento de crédito muito importante, eu estou dizendo que nós estamos com um crescimento da poupança interna muito importante, e eu estou dizendo a vocês que não há volta para o Brasil. O Brasil finalmente encontrou o caminho de ter um crescimento sustentável para que, no médio prazo, nosso país deixe de ser um país eternamente em vias de desenvolvimento e seja definitivamente um país desenvolvido.

Digo isso porque depende única e exclusivamente de nós. Eu acho que nós temos que reconhecer o que aconteceu neste país nesse último período, ver a solidez da nossa economia, ver algumas medidas que nós tomamos em momentos de crise, em que o governante é mais vulnerável a ceder. Por exemplo, quando aprovaram o salário mínimo de 384 reais, eu disse textualmente que ia vetar porque nem as prefeituras poderiam pagar e muito menos a Previdência suportaria.

Eu sei que isso foi feito para me desgastar politicamente. Da mesma forma que tenho dito sobre a política de juros. Durante a campanha eu fiz muito debate com os setores empresariais, aqui e no Brasil inteiro, e as coisas que os empresários mais reivindicavam para mim era que o Banco Central deveria ter autonomia. Agora as pessoas querem que eu determine a política de juros.

Vocês cobraram de mim, durante 10 anos, que o câmbio fosse flutuante,



agora querem que eu determine o valor da moeda. Essas coisas vão acontecer na medida em que o mercado brasileiro, governo e sociedade civil, comecem a perceber que a seriedade veio para ficar, que não terá medidas em função do ano eleitoral, que não terá medidas para ajudar o candidato a presidente ou o candidato a governador ou o candidato a deputado, de que este país não vai jogar fora a oportunidade ímpar que ele tem, e nós sabemos que uma das dificuldades de investimento no saneamento básico, hoje, é o endividamento do estado, é o endividamento das cidades, em que muitas vezes disponibilizamos o dinheiro, chamamos dezenas e dezenas de prefeitos para uma reunião e os prefeitos não têm condições de tomar dinheiro emprestado, apenas algumas empresas podem pegar dinheiro emprestado.

Criamos o consórcio para ver se facilitamos a vida de muitas prefeituras que precisam de saneamento básico, para ver se a gente consegue resolver este problema que é crucial, como disse o Marcos Fortes, para que nós possamos atender às Metas do Milênio e nós sabemos que cada real que a gente investe em saneamento básico, nós estaremos economizando três ou quatro reais na saúde pública deste país.

É com essa dinâmica, que nós queremos, primeiro dizer aos empresários aqui presentes, que se tem uma coisa que a nós não faltará a oportunidade de fazer é o diálogo. Construimos um diálogo muito forte com o setor da indústria, muitas das mudanças de desoneração que nós fizemos foram em discussão com o setor da indústria no Brasil, criamos agora um grupo de trabalho com o setor do comércio para debater a questão do comércio, vamos criar esse grupo de trabalho no Construbusiness para que a gente possa encontrar a solução, por uma razão muito simples: o nosso mandato é muito passageiro, mas as políticas públicas consistentes são duradouras, e o dinheiro não é do Presidente da República, o dinheiro é dos trabalhadores brasileiros – grande parte é o dinheiro do FAT, o dinheiro do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço – então, o que nós precisamos criar



são as condições objetivas para que a gente possa fazer esse dinheiro fluir o mais rápido possível, porque não há nenhum orgulho para nós que chegue no final do ano e o Fundo de Garantia tenha um montante exagerado de dinheiro acumulado, que o FAT tenha outro montante e que a Caixa Econômica fique se vangloriando que aplicou muito dinheiro no título do governo e ganhou muito dinheiro. A nós não interessa isso. A nós interessa o resultado prático, que esse dinheiro seja desovado para coisas que signifiquem geração de empregos, geração de renda e geração, sobretudo, de crescimento econômico para o nosso país.

Esse grupo de trabalho que foi criado, que vai ser criado e eu espero que seja criado logo, pode apresentar as soluções definitivas, mas é preciso ter consciência de que vocês, empresários, de que os deputados e a sociedade civil precisam fazer a regulamentação de um novo marco regulatório para a construção civil. Uma das coisas que me deixou triste, meus amigos, foi que quando nós fizemos a Lei da Afetação, nós fomos à sede da CNI fazer uma comemoração da lei, e eu vi, nos dirigentes empresariais, que eles lamentavam profundamente que, a partir da lei, nós teríamos este ano, por volta de 13 bilhões de reais disponibilizados pelo Sistema Financeiro Privado e que os empresários da área não estavam preparados para tomar aquele dinheiro emprestado.

Obviamente que nós esperamos que 2006 seja o ano em que as coisas já estejam mais ou menos acertadas e que a gente veja a construção civil brasileira, também é importante dizer, que ficou muitos e muitos anos neste país caindo. Vocês, cada um sabe o tanto de anos em que a construção civil brasileira deixou de ser uma fonte de crescimento porque houve pouco investimento e nós, agora, estamos com a combinação que eu acho que pode melhorar. A economia vai continuar crescendo, a massa salarial vai começar crescendo, a geração de empregos vai continuar crescendo, o dinheiro da Caixa Econômica vai continuar crescendo, o dinheiro do Fundo de Garantia vai



continuar crescendo, o dinheiro do FAT vai continuar crescendo, portanto, as condições todas estão dadas para que a gente possa, no próximo Construbusiness, voltar aqui para comemorar o crescimento definitivo do setor.

Muito obrigado e boa sorte.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do Congresso dos Metalúrgicos do ABC**

São Bernardo do Campo-SP, 03 de outubro de 2005

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Matilde, secretária Especial de Política da Igualdade Racial,

Minha companheira Marisa,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro, senador Aloizio Mercadante e o deputado federal Arlindo Chinaglia,

Quero cumprimentar os companheiros deputados federais que já foram citados aqui,

Quero cumprimentar o meu companheiro Tarso Genro, ex-ministro da Educação e hoje presidente do Partido dos Trabalhadores, até o PED decidir quem vai ser o próximo Presidente,

Quero cumprimentar os nossos companheiros prefeito João Avamileno, José de Felipe e cumprimentar a nossa querida companheira Marta Suplicy, ex-prefeita de São Paulo,

Quero cumprimentar o companheiro José Lopez Feijóo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,

Quero cumprimentar o senhor João Antônio Felício, companheiro João Felício, presidente da CUT,

Quero cumprimentar o companheiro Grana, presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos,

Quero cumprimentar o companheiro Jorginho, companheiro da Força Sindical que sempre esteve muito, muito próximo, pelo menos das vezes em que eu fui candidato. Mas o Jorginho é um companheiro especial lá para a banda de Osasco, companheiro com quem eu tive a oportunidade de participar



da reinauguração da Cobrasma, que estava há muito fechada e voltou a produzir vagões, porque nós estamos retomando as ferrovias.

O nosso querido companheiro Jair Meneguelli, presidente do Conselho Nacional de Serviços da Indústria, Sesi – quem diria, hein, Meneguelli?

Meu caro Biba, delegado regional do Trabalho,

Meu caro Luiz Cláudio Marcolino, presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo,

Meu caro Carlos Ramiro, presidente do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo,

Minha querida companheira de governo, Miriam Belchior, subchefe da Casa Civil da Presidência da República,

Meu querido companheiro Rafael, secretário-geral e mestre de cerimônia neste Congresso, nesta abertura de Congresso,

Demais companheiros da Mesa,

Companheiros metalúrgicos,

Companheiros participantes do 5º Congresso,

Jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu estou sentido, Feijóo, depois de muitos anos, porque, se vocês não sabem, desde 1968 eu participo de atividades neste Sindicato. De 68 até agora, estamos chegando próximo dos 40 anos. E a primeira Assembléia em que eu participei foi exatamente aqui, neste local, sem esse prédio, porque aqui era um barracão e depois de 72 é que nós começamos a construir esta sede.

Mas só neste salão aqui, neste palco, com esta cara, com aquele buraco lá para a frente, com este mezanino... O som era melhor, eu caprichava mais no som daqui, do Sindicato, ou seja, desde 1973 que eu frequento este salão, aqui, do Sindicato. Não é pouca coisa, não. Já vão fazer 30 anos frequentando, quase o mesmo tempo que eu me casei com a Marisa, quase. Só que o salão



tem mais paciência comigo do que a Marisa, mas, de qualquer forma, já faz muito tempo.

Ou seja, significa o quê? Que mais da metade da minha vida, porque eu entrei no Sindicato com 23 anos de idade, eu vou fazer 60 no dia 27 de outubro, quem tiver disponibilidade para comprar presente eu não rejeitarei. Portanto, mais da metade da minha vida eu freqüentei este ambiente que vocês freqüentam, ou aqui dentro, ou na porta de fábrica.

Segundo, esta é a primeira assembléia que eu venho, no Sindicato, que não está a figura do Janjão aqui. A Marisa comentava comigo – viu, Isalva – “eu não sei o que aconteceu com o Janjão, deve ter ganho na loteria porque...” Está doente? Porque o Janjão é meu compadre, era da Ford, e não teve uma assembléia em que eu via uma foto da Vila Euclides até aqui, e eis quem estava lá: Janjão. E eu não o vi aqui hoje, estranhei.

Vocês estavam falando da carne baixar preço, o único lugar em que a carne não baixou foi a Chuleta do Gigio. Ele continua cobrando o preço como se fosse no governo anterior e não percebe que o preço baixou.

Mas, olhe, essa história da gente falar por último tem um problema sério, depois que falou o Marinho, a Miriam, o João Felício, o Feijóo, ou seja, vai ficar uma mesmice. Eu vou tentar falar pouco para dizer para vocês uma coisa. Vocês atentaram para esta mesa e vocês percebem que a política brasileira teve uma mudança substancial. Porque foi da classe trabalhadora que saiu o presidente da República, foi da classe trabalhadora que saiu o ministro do Trabalho, foi dos metalúrgicos que saiu o presidente do Sesi, foi dos metalúrgicos que saiu o presidente do Sebrae, foi dos metalúrgicos que saiu o delegado regional do Trabalho, foi dos metalúrgicos que saíram uma dezena, não apenas os metalúrgicos daqui. O João Paulo, de Osasco, foi metalúrgico em Osasco e virou presidente da Câmara. Eu estou dizendo esses nomes só para vocês notarem que houve uma evolução muito grande na política brasileira, uma revolução que, historicamente, só aconteceria num processo



revolucionário. Mesmo nos países em que houve revolução, os operários não chegaram ao poder. E nós chegamos. E podemos ocupar muito mais espaços. E por que podemos ocupar muitos espaços? Porque nós aprendemos a fazer o jogo democrático. Nós aprendemos que com um pouco de organização a gente consegue muita coisa. Mesmo que a gente não consiga com a pressa que alguns pensam que a gente pode conseguir, a gente consegue.

Eu não sei se eu já contei, aqui, porque a gente vai ficando velho e vai ficando contador de casos. Mas eu perguntava para o Feijóo: Cadê o Januário? Eu não vi o Januário com a maquininha dele tirando foto, aqui. Mas o Januário teve um tempo que era da comissão de fábrica da Ford e era desconfiado. Ele achava que eu estava ali, na presidência, para enganá-lo. É verdade, então vinha a comissão de fábrica da Ford para discutir o acordo salarial, a reunião com os empresários, e eu sentava ali na minha mesa, ficava conversando com os companheiros, o Januário estava sempre achando que tinha uma sacanagemzinha contra os trabalhadores. Até que um dia eu falei... é uma pena que ele não está aqui, ele está com grana, agora, mas diga que eu contei este caso, aqui. Porque não só o Januário sempre foi muito vivo, muito esperto, muito ousado, ele sempre foi assim uma figura acima da média, mas ele tinha uma certa suspeita de que a gente estava sempre tentando dizer para ele menos do que ele merecia.

Quando foi um dia eu falei: Januário, não tem jeito, você vai negociar. Se você acha que quem vai é frouxo, não consegue tudo que você quer, vai você para a mesa. Aí você com essa sua inteligência muito grande, você vai lá e consegue tudo que nós não conseguimos. Aí ele foi. No dia seguinte, reunião na minha sala, ele: “é, eu acho que você me enganou, me mandou para lá só porque sabe que é difícil”.

Ora, ganhar a Presidência da República como nós ganhamos e fazer as mudanças que precisam ser feitas no país, você não consegue mudar a cultura



de pelo menos quase 200 anos de República com quatro anos de mandato. Muito menos com três anos de mandato. É um processo.

Por isso que no começo do governo eu utilizava muito a questão da criança, não adianta a mulher estar grávida e você querer que o filho nasça. Só vai nascer quando chegar o momento, não adianta ficar batendo na barriga, não, porque não vai...

Na política, as coisas acontecem assim. Tem uma coisa chamada “correlação de força” e nós temos que aprender o significado disso. Cada atitude que nós vamos tomar, nós temos que saber o tamanho dos adversários. Quando a gente manda uma lei, se a gente vai conseguir aprovar, qual é o número de votos que nós temos, quantos nós elegemos, quantos a gente pode compor. Porque, aí, as pessoas falam: “É, mas você não pode fazer aliança com qualquer um”. Ora, meu Deus do céu, se eu tivesse a totalidade das pessoas que eu gostaria de ter, não precisaria fazer aliança. Aliança você só faz porque você precisa de 20, você só tem 10, você precisa arrumar 10. Se você tem 10 contra, não querem vir com você, você precisa procurar 10 que são a favor.

Esse é um jogo que tem que ser compreendido por nós, que é o exercício da democracia na sua plenitude. E, quando a gente vacila, a gente perde. E vocês estão lembrados: em fevereiro, nós perdemos a Presidência da Câmara. Por quê? Porque nós – e quando eu digo nós não estou culpando nenhum adversário – porque nós fizemos o jogo errado.

Muitas vezes nós brigamos muito, internamente. Muitas vezes nós achamos que somos infalíveis. Muitas vezes nós cobramos de nós mesmos coisas que nós sabemos que é difícil de fazer, mas nós cobramos.

Eu não preciso dizer, porque dentro da fábrica vocês fazem isso, nas disputas das comissões, nas disputas dos comitês. Eu tive a pachorra e saí daí zangado, porque na última vez que eu vim na Volkswagen eu vi os companheiros vaiando o Feijóo. Quer dizer, é uma coisa absurda. Quer dizer,



quando você chega a esse ponto é porque você perdeu o rumo da política. Você, ao invés de fazer política, você está colocando para fora um ódio descabido, uma disputa maluca.

Eu dizia para o Tarso Genro, ele era ministro da Educação, nós lançamos a proposta de reforma universitária que não é uma proposta do governo, é uma proposta da sociedade. E eu fiz questão de dizer, no plenário do Palácio do Planalto, com mais de 200 representantes da sociedade civil, da SBPC, da UNE, educadores: “essa proposta não é uma proposta do governo, é uma proposta da sociedade que o governo vai encaminhar”.

Eu fui para Alagoas, cheguei em Alagoas a gente não tinha nem a proposta pronta, meia dúzia de malucos gritando: “contra a reforma universitária. Contra a reforma universitária”. Nem nós tínhamos o projeto... o cara já era contra. Mas tem gente assim, tem gente que é assim.

Ou seja, é importante que tenha gente contra, é importante. Mas para ser contra é preciso se dotar de argumento, se preparar. Porque o que nós fizemos na educação, nesses dois últimos anos, é uma pequena grande revolução, que ainda não está concretizada e, possivelmente, não seja concretizada no meu mandato.

Mas a decisão de fazer quatro universidades federais novas, dentre as quais uma no ABC, a revolução é tão grande que nós decidimos fazer a Federal. O governador de São Paulo já decidiu fazer uma Estadual aqui, em São Bernardo do Campo. Ótimo. Deus queira que tenha outro que queira fazer outra aqui, porque, assim, vou recuperar o prejuízo que nós tivemos, de ser a parte mais industrializada deste país e nunca tivemos uma universidade estadual.

E outra decisão importante, ainda, com o companheiro Tarso no Ministério da Educação, foi levar extensão das universidades rurais para o interior. Sabe, João, tirar da capital e levar para o Vale do Jequitinhonha; levar para Garanhuns, como já fomos inaugurar lá o primeiro curso; levar para Bagé;



levar para o Vale do Jequitinhonha, levar para o Vale do Mucuri; levar para o Recôncavo Baiano; para Diadema um braço da universidade federal. Agora já sei que Mauá quer um também.

Ou seja, aos poucos a gente vai fazendo com que a universidade deixe de ser um privilégio para ser um direito. Mas isso leva algum tempo. Se tudo der certo, como nós planejamos, serão, em quatro anos, 760 mil novas vagas para estudantes neste país, 400 pelo ProUni e 360 pelas federais. Isso é mais do que foi criado em muitos anos neste país, mais. Ora, e nós vamos fazer isto por quê? Porque foi para isso que nós fomos eleitos. Agora, cada coisa que nós vamos fazer depende de aprovação. E aí é que o Arlindo Chinaglia, o Aloizio Mercadante, tem um trabalho exuberante, porque, aqui, é muito fácil a gente falar. Sabe aquele negócio, que a gente está em casa vendo televisão e o jogador perde o pênalti e a gente fala: “pô, que cara grosso”. Vai lá bater! Vai lá para ver o tamanho que fica o goleiro! Porque, na televisão, o goleiro parece desse “tamaninho”, mas quando você está na frente dele, o bicho está com oito metros de comprimento, oito de largura, é por isso que as pessoas perdem.

Então, quando o Aloizio Mercadante tem que votar uma coisa, ele não vai conversar com o companheiro do comitê de fábrica da Volkswagen, ele vai ter que conversar é com o Bornhausen. Quando o Arlindo Chinaglia quer votar uma coisa, ele não vai conversar com alguém que é favorável, ele vai ter que convencer os contras. E aí o jogo é complicado, e aí o jogo é difícil, e aí é que é preciso a compreensão das pessoas que fazem política, para não achar que é um simplismo muito grande.

Eu estou dizendo isto para chegar numa coisa mais importante: orgulho total e absoluto quando eu venho aqui. Porque eu ouvi o Marinho falar de emprego, ouvi o Feijóo falar de emprego, ouvi o Grana falar de emprego, é tanto emprego que eu já estou cansado de trabalhar, aqui. Mas a verdade, meus companheiros, é exatamente essa. O que nós criamos de empregos, em 36 meses, não foi criado nos oito anos.



Eu fui um dirigente sindical importante neste país, Meneguelli foi um dirigente sindical importante neste país, Guiba foi um dirigente sindical importante neste país, Vicentinho foi um dirigente sindical importante neste país. Eu estou dizendo apenas dos que já passaram pela presidência e o Marinho foi um dirigente sindical importante neste país.

Meu caro João Felipe, você que é presidente da CUT, dois terços das nossas vidas, dois terços da minha, do Meneguelli, do Guiba, do Vicente e do Marinho, mais recentemente, foi correr atrás de prejuízo.

Quem está lembrado, aqui, quantas vezes a gente ia para a porta da Mercedes, não para falar de empregos, para chorar o desemprego. Quem está lembrado de quantas assembleias na porta da Ford? Quem está lembrado de quantas assembleias na porta da Volkswagen? Quantos milhares de trabalhadores mandavam embora e a gente ficava chorando, lá, o tempo inteiro, sem saber o que fazer. E não tinha o que fazer. Havia uma modernização, uma reestruturação produtiva, crise, e mandavam embora. E a gente não tinha o que fazer a não ser a homologação. Você mesmo, Feijóo, foi um que foi mandado embora numa das greves. E, aqui, talvez, quantos companheiros foram mandados embora. E a gente não tinha o que fazer. Foram anos e anos em que essa categoria foi perdendo trabalhadores Tarso, não apenas aqui. Osasco e o Jorginho podem dizer quantas metalúrgicas foram fechadas no Brasil inteiro. Hoje, eu posso dizer com orgulho, não apenas a categoria metalúrgica, mas como eu estou aqui, posso dizer. Hoje – quero que o Grana precise os números dele – porque, hoje, eu acho que só na categoria metalúrgica nós devemos ter mais de 300 mil empregos criados desde janeiro de 2003.

E o dado melhor é São Bernardo. Para a gente não ir para outro lugar, vamos, aqui, em São Bernardo do Campo. Quantos empregos foram criados só nos últimos meses aqui? Para a gente pegar treze meses, sabe qual é o saldo positivo entre demitidos e admitidos em treze meses? Nove mil trabalhadores.



Há quanto tempo a gente não ouvia falar em contratar nove mil trabalhadores. Você, João, que foi presidente do Sindicato de Santo André, há quanto tempo você não ouvia falar da contratação de 100, tinha desaparecido da nossa cabeça, da nossa visão, a imagem daquelas placas: “precisa-se de trabalhador”. Hoje, de vez em quando, eu passo, eu vejo, eu falo: “puxa, vida, voltamos aos bons tempos em que os trabalhadores são lembrados”. E vai melhorar. Escutem o que estou dizendo para vocês: vai melhorar. Porque esse final de ano será melhor, e o ano que vem será melhor ainda. E outros anos, se Deus quiser, serão melhores.

Eu espero que vocês convidem o Tarso Genro para vir fazer um debate aqui sobre política, que o Aloizio Mercadante possa vir aqui, durante o congresso, debater economia. Porque tem algumas coisas engraçadas que é preciso valorizar.

Nós, aqui, fizemos 41 dias de greve, e vocês já fizeram até mais depois disso. Nós voltamos a trabalhar sem absolutamente nada, nada. Quem está lembrado? Nada. Voltamos a trabalhar e ainda perdemos os dias. E ainda muitos companheiros perderam o emprego. Mas a gente não baixou a cabeça.

Então, nós aprendemos a valorizar. Possivelmente, determinadas pessoas, muitos jovens, não têm noção do que que é fazer uma greve de 41 dias, voltar a trabalhar sem absolutamente nada, sabendo que no mês seguinte tem conta de luz, conta de água, tem aluguel para pagar, e que a gente não tem dinheiro. Leva um ano para a gente se recuperar ou mais.

O que aconteceu nesses últimos anos, João Feliz? Você, como presidente da CUT. Você, companheiro Jorginho, e outros companheiros? Oitenta e cinco por cento dos sindicatos, neste país, este ano, fizeram acordo – o Oswaldo está ali, do Dieese, que é o Sindicato, está ali – 85% das categorias fizeram acordos ou pelo IPCA ou acima da inflação. Vocês pensam que isso é pouca coisa? Não é, não.



A gente acha que a água é ruim, quando a gente chega em casa, na torneira, e bebe: “essa água não presta”. Ah, mas se vocês tivessem que ter ido no açude, pegar água com cocô, com caramujo e tomar suja, vocês iam falar que “essa água é muito boa”.

Então, 85% das categorias de trabalhadores neste país terem aumento real de salário não é pouca coisa. E eu acho que isso deve ser motivo de orgulho para vocês. Deve ser motivo e, de vez em quando, eu vejo umas faixinhas por aí, até dentro da Volkswagen eu vejo faixinhas. Tem que enfrentar o debate com essa gente, tem que politizá-los. Precisa mostrar para eles onde nós chegamos.

Jorginho, uma coisa importante, a Volkswagen está em greve, a peãozada recebeu uma oferta de R\$ 4.664,00 de participação nos lucros, eles não querem, querem R\$ 5.500,00. A Mercedes-Benz já deu R\$ 6.200,00; a Scania já deu R\$ 6.400,00; a Ford já deu R\$ 5.000,00, e a Fiat, em Betim, só deu R\$ 1.300,00. E ainda a turma, aqui, é chamada de “pelego”, a turma, aqui, é chamada “social-democrata”.

Eu falo isso porque eu sei o que custa isso aqui. Eu sei o sacrifício da gente conquistar uma migalha, porque foi pela campanha da reposição salarial, em 1977 que a gente conseguiu levantar um pouco mais a cabeça.

Então, eu fico orgulhoso de ver esses companheiros todos participando de uma coisa extraordinária. Hoje eu recebi uma notícia boa, Feijóo. Nós estávamos esperando, Jorginho, companheiros, sabem o que nós estávamos esperando? Que em dezembro a gente atingisse 112 bilhões de exportação. Atingimos hoje, Tarso. Atingimos hoje.

Parece pouco, mas estamos com um superávit de 41 bilhões. Quando nós entramos, sabem qual era o superávit? 13 bilhões. Sabem por quê? Porque tinham caído as importações em 11 bilhões. Na verdade, o superávit era de 2 bilhões. E vocês sabem o que isso significa: significa geração de empregos, significa geração de renda.



É por isso que vocês estão nessa posição confortável, de achar que quatro é pouco e quer cinco; de achar que cinco é pouco e quer seis. Mas eu acho que é assim mesmo. Não pensem nunca que eu vou achar ruim quando um pessoal faz greve dizendo: “Eu quero mais”. A vida da gente é para querer mais. A única coisa que a gente pode querer só de uma vez é a mulher da gente, não se pode querer duas nem três, uma só. O resto, meu caro, nós precisamos querer mais. É assim que a gente luta, é assim que a gente conquista. É esse o sentido da luta social neste país. E o que está acontecendo hoje, no Brasil? O que que está acontecendo hoje, no Brasil, que eu vou terminar dando um dado para vocês?

Eu até pedi ao Aloizio Mercadante para fazer uma coisa, porque eu não sei se vocês percebem que existe um agrupamento de gente que não gosta dessas coisas. Tem gente que não gosta do Bolsa Família, porque o Bolsa Família está gastando 7 bilhões e meio de reais para dar para pobre. Neste país, não tem que dar dinheiro para pobre. De vez em quando se fala: “poderia estar investindo no desenvolvimento”. Tudo bem, tudo bem. E as pessoas que não têm o que comer? Ou que não comem as proteínas e as calorias necessárias? O que significam 85 reais? Não significa nada para quem tem mais, mas para quem não tem nada...

Eu me lembro de uma vez em que eu saí da Vila Carioca, fui até a Avenida Dom Pedro II, num museu, pedir 5 reais emprestados – naquele tempo eram 5 cruzeiros – para minha mãe. Cinco cruzeiros eu fui pedir para um tio meu. E só tinha uma moeda para ir de ônibus. E, aí, eu não sabia onde descer. Como diz o nordestino, eu fiquei “ariado” e, aí, passei da Dom Pedro e fui lá para a Praça João Mendes. Aí comecei a chorar para o cobrador me deixar voltar sem poder pagar. Quando eu cheguei em casa, menina, que eu não trouxe os cinco cruzeiros que a minha mãe tinha tomado emprestado, o mundo desabou, porque aquilo era para comprar comida.



Então, o Bolsa Família incomoda: “Não precisa dar isso, não. Vamos fazer estrada, vamos fazer ponte, vamos fazer... Vamos emprestar não sei para quem”. “Não, é para o pobre. O pobre também tem direito a alguma coisa. E ele só vai deixar de ser pobre na hora que receber”. Incomoda.

Incomoda o que nós estamos fazendo na agricultura familiar. Você pensa que não incomoda? Eu sei que incomoda, porque, quando nós tomamos posse, a safra de 2002/2003 tinha liberado 2 bilhões e 400 milhões apenas. E nessa safra, agora, nós já liberamos 6 bilhões e 250 milhões e, se Deus quiser, vamos liberar 9. Nós tínhamos menos de 10% de assistência técnica, hoje tem os 81%.

Então, as pessoas começam a falar: “Puxa vida, mas este cara, será que é verdade que ele está querendo ajudar pobre?” Porque pobre, no Brasil, é só em época de eleição. Em época de eleição, o pobre vale mais do que o rico, mas, depois disso, o pobre... Você já viu político falar bem de rico no palanque? Só fala bem de pobre e, na hora de governar... Então, é isso.

Então, eu sei que isso incomoda. Muita gente fica irada. Esses dias, eu peguei uma matéria dizendo: “a economia vai bem, apesar do governo”, como se fosse uma coisa... sabe? Eu não estou dizendo quem foi, aí é por sua conta. Eu estou...

Agora, vejam o que está acontecendo. O Brasil, vocês, companheiros deste Sindicato, aqui, que votaram no Congresso, vão sabendo uma coisa, eu disse, esses dias, ao Tarso Genro e vou dizer para vocês, aqui: o Brasil tem duas histórias extraordinárias, é um paradoxo. Toda vez que a economia brasileira cresceu, a inflação cresceu. E toda vez que a gente exportou muito, o mercado interno caiu. Nós agora estamos fazendo um jogo combinado: a economia está crescendo, as exportações estão crescendo, as importações estão crescendo, o déficit em conta corrente está crescendo, a balança comercial está crescendo, o superávit comercial está crescendo, o emprego está crescendo, o crédito está crescendo, sobretudo o crédito consignado. Não



sei quem já tomou uma “quixerinha” emprestada, aí, mas eu sei que está fazendo sucesso aqui, no pedaço.

Pois bem, o que que está caindo nesse momento? O dólar. Como vocês não têm dólar, não têm do que reclamar. Segundo, está caindo a inflação e está caindo o custo de vida.

Então, uma cesta básica que a gente precisava, em julho do ano passado, de praticamente 70% para comprar a cesta básica, hoje está precisando de 53, ou seja, isso significa avanço . É tudo o que nós queremos? Não. Nós queremos muito mais. O juro precisa abaixar? Precisa abaixar. Precisa. O salário tem que aumentar? Precisa. A economia precisa crescer mais? Precisa. Óbvio que precisa.

Mas nós temos que aprender, também, que nós não somos aqueles – como é que a Marta disse, uma vez? – encantador de serpente. Nós não temos um programa de encantador de serpente. Vocês estão lembrados o que aconteceu, uma vez com o Plano Cruzado, depois com o Plano Bresser, depois com o Plano Verão, depois com o Plano Collor, depois com o Plano Real? Todo mundo ficou rico num dia e no outro dia acordou pobre, porque a classe trabalhadora ficou com o prejuízo. E sabe quem está pagando agora a URV de 1993 para os aposentados? Nós. Doze bilhões de reais. Os trabalhadores ganharam o Plano Bresser, os trabalhadores ganharam o Plano Verão no Fundo de Garantia e nós falamos: não tem milagre em economia, não tem mágica, nós vamos fazer, o nosso sucesso aqui é seriedade, é como a gente faz na casa da gente, a gente só gasta o que a gente pode gastar, economiza o máximo possível e vai fazendo as coisas que são prioridade. Se tiver que comprar uma blusa para Marisa ou uma blusa para o Lula, compra para o Lula, que é mais prioritário. E vamos levando a vida assim.

Então, meus companheiros, eu venho participar deste encontro, aqui, feliz da vida. Feliz porque eu acho... Olhe, eu quando fui na Cobrasma fiquei emocionado, porque este país não produzia mais trilho. Hoje este país não



apenas voltou a produzir trilhos, como tem uma encomenda de 10 mil vagões. E vai ter mais, porque logo, logo, eu vou para o Nordeste anunciar a Transnordestina, uma ferrovia que vai ligar o Nordeste brasileiro.

Os meus companheiros da Petrobras tinham dúvidas se deveriam criar uma refinaria. Está anunciada a refinaria em Pernambuco. E assim, meu caro, as coisas vão acontecendo.

O São Francisco, nós estamos com um problema. Eu não tenho muito o que fazer, porque nós nem começamos as obras ainda. O Frei mandou uma carta para mim, entrou em greve de fome. Eu mandei conversar com ele, vamos ver se a gente consegue encontrar uma solução, porque eu acho que se cada coisa que a gente for fazer, um que não gostar entrar em greve de fome, não está correto isso. De qualquer forma, eu tenho paciência de Jó, eu tenho paciência, tenho tolerância, nós vamos conversar.

Não, não são 200 mil, são 12 milhões. São 12 milhões de famílias que precisam da água e a gente vai tirar apenas 1% da água que vai para o mar, a gente vai tirar apenas 1% da água. E mais ainda. Temos um projeto, tem uma PEC, no Congresso Nacional, que é uma emenda, que a gente vai garantir 0,25% do Orçamento, por muitos anos, para revitalizar a cabeceira e o Rio São Francisco. Agora, vamos aguardar para ver o que acontece. Como Deus é mais sábio que todos nós, vamos esperar que a gente encontre uma solução.

Então, Feijoózinho, eu quero terminar as minhas poucas palavras, mas muita coisa, aqui, a dona Marisa já me beliscou tanto, aqui, na perna, que eu vou descer, vou ao departamento médico, ver quantos hematomas eu tenho, aqui, na perna.

Mas eu queria dizer para vocês o seguinte: podem ficar certos do seguinte, uma vez eu fui cassado, em 79, depois o ministro do Trabalho anunciou que eu ia voltar para o sindicato, eu não aceitei voltar sem vir, aqui, e prestar contas numa assembléia. Vim, aqui, vocês estão lembrados, este salão lotado, eu prestei conta e voltei para o sindicato. Agora, veja, eu não estou



discutindo reeleição. Para mim, reeleição não é minha paixão. Esta coisa, a gente não quer, esta coisa a gente constrói. Em algum momento nós vamos ter uma conversa séria, nós vamos bater, aqui, números, mostrar o que aconteceu na aérea da saúde, na área da educação, em todas as áreas, o que nós fizemos em três anos. Para quê? Para que o povo perceba se deve ou não continuar. Porque continuar, se depender de mim e da Marisa, nós vamos continuar é morando, aqui, no nosso apartamentozinho, aqui, pertinho daqui, convidado para vir à assembléia, de vez em quando, deixar dar uma palavrinha, de vez em quando.

Então, eu queria dizer para vocês, aqui, nós vamos reforçar a nossa política econômica, nós vamos fazer mais políticas sociais. Podem ficar certos do seguinte: como vocês nunca se arrependeram de ter me eleito um dia presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, vocês nunca se arrependirão de um dia ter me eleito presidente da República deste país. Podem ficar certos.

Quero terminar dizendo o seguinte: olhe, se depender da minha vontade de dialogar, de conversar, eu não medirei esforços para tentar negociar com o Frei para ver se a gente consegue encontrar uma solução, ou seja, eu já fiz greve de fome, eu sei o que é isso, quem me ajudou foi o dom Cláudio, que me convenceu a parar com a greve de fome. E eu acho que a greve de fome é judiar do próprio corpo e eu acho que nós temos que encontrar uma saída.

No mais, gente, eu posso dizer para vocês que Deus abençoe, que tenha um bom congresso e que o debate seja muito forte.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita ao Ponto de Cultura da Comunidade de Heliópolis

São Paulo-SP, 03 de outubro de 2005

Primeiro, um comunicado à Associação e aos moradores de Heliópolis. O nosso querido companheiro Gilberto Gil deve chegar pelo menos umas duas horas atrasado, porque eu estava ainda em São Paulo quando ele foi pegar um avião na Base Aérea e deu problema no avião. Então, ele disse que vai chegar... É melhor dar problema enquanto está em terra do que quando estiver no ar, mas ele vai chegar.

Olha, eu, primeiro, queria dizer aos companheiros que a nominata está muito grande, eu não quero citar o nome de todas as pessoas que estão aqui, até porque já foram citadas.

Eu quero citar o nome do Turino, que é o secretário do Programa,

Quero citar o nome do João Miranda Neto, presidente da União de Núcleos, Associações e a Sociedade de Moradores,

Quero anunciar o nome do Geraldo de Paula Pinto, secretário-geral da UNAS,

Quero citar o nome do nosso querido Manoel Araújo,

Do Netinho, que eu estou vendo as meninas gritarem, aí, o tempo inteiro,

E quero anunciar o nome do José Roberto Aguilár e, também, do Marcos Ribeiro de Santana, da Associação Cultura, Ética e Arte,

Vocês já conhecem os senadores que estão aqui, a ex-prefeita Marta Suplicy, os deputados. Tem vereadores aqui.



Eu tenho um discurso, aqui, e eu não pretendo lê-lo. Mas eu queria dizer para vocês o seguinte: primeiro, o Turino sabe que nós começamos, em 2003, querendo construir uma Casa de Cultura em cada município. O Projeto era muito mais amplo. E, depois, nós tivemos um problema sério, no primeiro ano, porque pensamos uma arquitetura igual, mais ou menos, à do Hospital Sarah Kubitschek, lá em Brasília, que é uma fábrica, que faz uns pré-moldados, e a gente queria construir, de preferência nos lugares mais pobres do Brasil, para que a gente resolvesse o problema da juventude brasileira.

Bem, depois houve um problema de custo, briga com arquiteto, briga não sei com quem, ficamos quase que um ano brigando e não foi possível fazermos a Casa da Cultura.

Um belo dia, o Gilberto Gil aparece na minha sala e fala o seguinte: “Presidente, nós precisamos fazer um ponto de cultura”. E eu falei para o Gilberto Gil: “então me explica que diabo é esse ponto de cultura? Porque a gente queria fazer uma Casa de Cultura e virou um ponto”. Aí, ele me explicou e eu achei a idéia extraordinária, não só porque ficaria mais em conta, do ponto de vista econômico, mas porque nós iríamos aproveitar parte das estruturas existentes na sociedade, não precisaria inventar absolutamente nada. A gente iria aproveitar coisas que já existiam, como aqui.

E fico feliz porque não só já fizemos 200, como pretendemos fazer mais 300 e, quem sabe, mais 300 e, quem sabe, mais 300, até que um dia a gente tenha, em todo o território nacional, milhares de Pontos de Cultura, para que a sociedade brasileira se auto-organize, do ponto de vista cultural, recupere aquilo que é a nossa cultura e que a gente consiga repassar para os nossos filhos, para os nossos netos, para os filhos dos nossos netos a verdadeira e a real cultura brasileira que, ultimamente, anda sendo colocada em segundo plano.

A outra coisa importante é a necessidade da geração de empregos.



Vejam, companheiros, nós temos hoje 988 mil jovens se beneficiando de alguns dos programas do governo federal para a juventude. Eu vou citar alguns para vocês, aqui, não vou citar todos, mas o que está dentro do pronunciamento do Luiz Marinho – vocês sabem que já tem Ponto de Cultura em Paris? Nós tivemos, este ano, o Ano Brasil-França, que foi o ano em que a França homenageou o Brasil o ano inteiro. E nós aproveitamos que tinha muitos brasileiros lá e resolvemos criar. Se o Vladimir, nosso querido lateral esquerdo do Corinthians, quiser construir um Centro de Cultura lá no Parque São Jorge, se ainda tiver colher de chá para fazer um no Parque São Jorge, porque Diadema eu sei que vai fazer, quem sabe a gente possa facilitar para vocês fazerem. No Morumbi, não precisa, porque no Morumbi...

Olhe, eu vou dar, Netinho, é importante conhecer uma coisa que está acontecendo na cultura brasileira, é importante dizer para vocês. Nesses 33 meses de governo, elevamos em 70% o Orçamento do Ministério da Cultura e aumentamos em 150% a renúncia fiscal para apoio de projetos à cultura. Também a capacitação de recursos, por meio da Lei de Incentivo Cultural, cresceu de forma significativa em relação aos anos 90. E cresceu, este é um fato importante, de forma equilibrada entre as regiões do país, evitando que os investimentos permanecessem concentrados apenas no Sul e no Sudeste, como historicamente acontecia no Brasil. Tivemos, assim, um aumento de 31% no Sudeste, de 47% no Sul, de 70% no Nordeste, de 106% no Centro-Oeste e nada menos que 636% na região Norte do país, numa demonstração de que lá não tinha praticamente investimento em cultura.

Como vocês sabem, possivelmente muita gente aqui, muitos companheiros aqui têm origem ou vieram do Nordeste, deixando para trás a saudade, as condições de vida, melhores, pelo menos, e sabem o que significa a gente garantir melhores oportunidades em outro lugar que a gente vai. E este é o motivo que nos traz, aqui, hoje. É a divulgação das bolsas de trabalho dos Agentes Cultura Viva, integrante do Programa Primeiro Emprego.



Prestem atenção numa coisa: 12 mil e 500 jovens, entre 16 e 24 anos, receberão bolsas de 150 reais, durante os seus meses de formação. Nós esperamos beneficiar 100 mil jovens até o ano que vem, com investimento direto de 11 milhões de reais. Vocês sabem, tanto quanto eu, que a cultura é fundamental para a construção da identidade de uma Nação e que este papel cultural é ainda mais importante para a juventude brasileira. Nós dizemos sempre que sem trabalho, sem educação e sem cultura a gente não desperta esperança na juventude brasileira.

E eu vou dar um dado para vocês, aqui, que é muito importante. O Netinho perguntava para mim: “por que a gente não divulga isso?” Possivelmente, por erro nosso. Mas eu vou contar algumas coisas que já aconteceram e que vão acontecer. Nós tínhamos um problema no Brasil, que era a geração de vagas para universidades. O Brasil tinha poucas universidades federais, apenas 54. E a gente, então, ficou remoendo a cabeça, como criar mais vagas, sobretudo para a juventude da periferia que estudava em escola pública.

Fizemos um acordo com as universidades privadas, fizemos isenções de alguns impostos. O equivalente à quantidade de dinheiro que essas universidades vão pagar para o governo, a gente transformou em bolsas de estudo para a periferia.

Só para ter uma idéia do sucesso: em janeiro deste ano, no primeiro vestibular que nós fizemos, nós conseguimos colocar 116 mil jovens da periferia nas universidades brasileiras, sem precisar fazer nenhuma universidade. Cento e dezesseis mil!

Agora, vocês acompanharam pela imprensa que teve o Enem. Eu não sei se vocês participaram do Enem, que é um concurso, 3 milhões de jovens participaram. E nós pretendemos abrir mais umas 115 ou 150 mil vagas na universidade. Em quatro anos a gente quer criar 470 mil novas vagas, através do ProUni.



Mas não é apenas o ProUni. Nós também estamos fazendo quatro universidades federais novas, estamos fazendo 32 extensões das Federais para o interior do país e estamos fazendo 32 escolas técnicas. Ao todo, nos próximos 3 anos, nós vamos ter 760 mil novas vagas nas universidades brasileiras, com uma coisa muito importante: é que foram aprovadas as cotas para a comunidade negra. Tem gente que acha que isso é ruim, tem gente que acha que isso é preconceito. Mas a verdade é que quando a gente vai numa universidade, a gente encontra 99% de brancos e apenas 1% de negros. O que nós estamos fazendo é reparar uma injustiça que foi cometida neste país, desde há 300 anos atrás.

Da mesma forma que também estamos privilegiando a entrada da comunidade indígena na universidade. No ProUni são mais de 1.200 jovens índios que já entraram na universidade. Tem gente que não gosta, mas paciência, eu não fui eleito para fazer as coisas apenas para quem já tem direito. Nós temos a obrigação de fazer as coisas também para a parcela da sociedade que estava marginalizada.

Mais importante, quando o Marinho falou, as meninas estavam todas olhando para o Netinho e não estavam prestando atenção. Agora você olha para elas, que é para elas poderem prestar atenção no que eu vou falar aqui.

Olhe, a preocupação com o emprego. O ano passado, nós fizemos uma experiência extraordinária, que foi a política do Soldado Cidadão. Há muitos anos, o Exército brasileiro não convocava recrutas, mais do que 70 mil. Pois bem, nós contratamos 30 mil recrutas a mais, demos a eles um salário e demos a eles uma formação profissional. Foi uma coisa extraordinária, porque se tem uma coisa que um pai e uma mãe desejam é que o seu filho, ao invés de estar na rua perambulando, esteja ocupado, fazendo alguma coisa, ou trabalhando, ou estudando ou, quem sabe, fazendo um curso desses.

Mais ainda, criamos o ProJovem. O ProJovem é um curso para 27 capitais brasileiras, para jovens de 17 a 24 anos que não concluíram o segundo



grau, para que esses jovens se inscrevam, em convênio com a prefeitura. Esse jovem volta a estudar para completar o segundo grau, vai receber uma bolsa de 120 reais e vai aprender um curso de formação profissional.

Esta semana eu inaugurei o “Escola de Fábrica”, que são 11.500 jovens, num convênio entre o governo federal e as empresas, através do Ministério da Educação, que esses jovens vão para dentro das fábricas, recebem uma ajuda de 120 reais e esses jovens também aprendem uma profissão.

Da mesma forma que tem o Consórcio do Primeiro Emprego, o Consórcio da Juventude, coordenado pelo Ministério do Trabalho, que participam, sobretudo, as entidades da sociedade civil, as ONG’s, que organizam essa juventude para a gente dar o emprego. No ProJovem, os adolescentes têm um trabalho comunitário na periferia. Ao todo, já estamos, com todos esses programas, com 988 mil jovens tendo uma ocupação feita neste país.

Mas não é apenas isso. Nós entendemos que o Brasil não pode prescindir de uma coisa que é a geração de empregos. E quando nós estamos aqui falando de cultura, e quando estamos falando de 12 mil e 500 vagas, de jovens que vão prestar concursos e vão poder, através da cultura, ganhar uma ajuda e sobreviver, nós estamos falando de uma coisa extraordinária que está acontecendo no Brasil. De 1994 à 2002, neste país, foram criados apenas 8 mil empregos formais por mês. Entre os trabalhadores demitidos e os admitidos, o saldo positivo foi de apenas oito mil empregos por mês. Nesses 33 meses de governo, a diferença entre trabalhadores demitidos e admitidos, meu companheiro Netinho, sabe qual é? É um saldo positivo de 105 mil empregos por mês neste país, doze vezes mais do que no governo anterior.

Essas e outras coisas que estão acontecendo no Brasil, eu ia esquecer de dizer para vocês: nós criamos uma coisa chamada Pronaf Mulher e Pronaf Juventude. O que é o Pronaf Juventude? É o dinheiro que a gente empresta na Agricultura Familiar. Tem muitos jovens que trabalham no campo e eles não



querem ficar no campo porque não têm condições de trabalhar, porque não têm financiamento e porque não têm escola. Nós criamos o Pronaf Mulher, para ajudar a mulher, o Pronaf Juventude, para garantir que os jovens possam ficar no campo e trabalhar, sem precisar ir para a periferia, morar em condições desumanas, como habitualmente as pessoas que vêm de outros estados vivem nos grandes centros de São Paulo, de Minas Gerais ou do Rio de Janeiro.

Eu quero terminar dizendo a todos vocês que nós estamos apenas começando e que a gente não pode consertar erros de 500 anos em apenas quatro anos. É preciso que vocês tenham consciência de que o que nós estamos fazendo é dando uma organização de base para que a sociedade brasileira crie uma força bem sedimentada nas raízes do local onde mora, do local onde nasceu, que qualquer que seja o governo que venha depois, não possa mudar, porque, lamentavelmente, no Brasil, é assim. Você tem um prefeito que faz uma coisa, vem o outro e muda aquela coisa. Você tem um governador que faz uma coisa, vem outro e muda aquela coisa. Você tem um presidente que faz uma coisa, vem outro e muda. E, normalmente, quem paga o pato é o povo brasileiro, quem não tem culpa de que os governos não dão seqüência ao trabalho bom que vinha sendo feito.

No mais, eu quero dizer a todos vocês da alegria de estar aqui. Pode ser que para alguns Heliópolis seja estranha, mas eu vivi parte da minha vida na Vila Carioca, bem aqui pertinho. Eu sou do tempo em que se começou a construir este hospital de Heliópolis. Eu sou do tempo em que se vinha, aqui, fazer guerra de mamona. Eu sou do tempo em que, aqui, a gente tinha mais de 40 campos de futebol, e os mais velhos se lembram disso, em que a gente passava os domingos jogando bola. E se tem aqui alguém que foi torcedor do Canto do Ipiranga, do Canto do Rio, da Portuguesa do Sacomã, o meu timinho, o Náutico de Pernambuco, ali, da Vila Carioca, veio jogar muitas vezes aqui e, como bom corintiano sempre ganhamos as jogadas que nós fazíamos aqui.



Mas, gente, eu estou levando daqui não apenas a alegria de ter visitado aqui. Eu vou contar um episódio para vocês, Netinho, Marta, Aloizio Mercadante, Suplicy e Marinho: eu trabalhava na Metalúrgica Frismolducar, que hoje está em São Bernardo do Campo. Naquele tempo, a Frismolducar, que fazia friso para carro – o Gilson conhece isso – era aqui, atrás da Igreja Nossa Senhora Aparecida, ali no Ipiranga, lá perto do Colégio Itaú, Visconde de Itaúna.

Pois bem, eu trabalhava ali. A minha mulher, a minha primeira mulher, trabalhava numa fábrica, mais para a frente, e a gente morava na Ponte Preta. Quem conhece a Ponte Preta? Quando eu mudei para a Ponte Preta, em 65, eu fui morar numa casinha nova, do BNH. Eu não sabia que dava enchente. Eu morava ali, na Rua 2. Quem é que falou Rua 2 aí? Aí, o companheiro sabe, ali. Eu morei ali. No primeiro ano que eu morei, eu me mudei em junho, quando chegou em janeiro entrou um metro e meio de água dentro da minha casa. No mesmo ano, deu duas chuvas muito grandes.

Mas eu estou contando isso porque eu trabalhava na Frismolducar e tinha dia em que a gente não tinha dinheiro para pagar a passagem de ônibus. E eu sei que ainda hoje tem muita gente que não tem. Então, o que acontecia comigo? Por que eu tenho saudade dos campos que tinha aqui? Porque pegava o ônibus que saía daqui, era o “São João Clímaco”, ia parar na Vila Arapuá, e ele parava na Ponte Preta. E, como eu não tinha dinheiro para pegar o ônibus, eu não tinha bilhete único, eu pegava o ônibus, eu saía da fábrica, eu vinha a pé, e com medo da minha mulher, que era minha noiva, me ver a pé, porque ela tinha o dinheiro da passagem e eu não tinha, eu vinha carregando a minha marmitazinha, atravessava, aqui, todos esses campos, saía no Jardim Patente para, depois, sair na Ponte Preta, para que a minha mulher não me visse andando a pé e ela de ônibus.

Eu estou contando isso porque eu sei que ainda hoje tem muitos brasileiros que passam por essa situação. Não são poucos os trabalhadores



que vão trabalhar e que, muitas vezes, saem do serviço às 6 horas da tarde e não têm dinheiro.

E eu, hoje, Presidente da República, não tenho vergonha de dizer para vocês: eu vinha a pé, lá da Igreja Nossa Senhora Aparecida até a Rua 2, lá na Ponte Preta, porque não tinha 30 centavos para pagar o ônibus. E não era uma vez, não, foram muitas vezes.

Eu estou dizendo isso porque eu sou o exemplo de que ninguém deve desanimar por situação adversa. Ninguém pode baixar a cabeça. Se eu tivesse baixado a cabeça, possivelmente eu fosse um derrotado. Eu levantei a cabeça, lutei e hoje estou aqui, Presidente da República, numa demonstração que qualquer um de vocês, se acreditar no sonho de vocês, tiverem determinação, amanhã vocês poderão chegar onde eu cheguei, ou chegar muito mais do que eu cheguei.

Que Deus abençoe vocês. E até outro dia, se Deus quiser.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço oferecido ao presidente da República de Cabo Verde, Pedro Pires

Palácio Itamaraty, 04 de outubro de 2005

Excelentíssimo senhor Pedro Pires, presidente da República de Cabo Verde,

Senhoras e senhores embaixadores estrangeiros acreditados junto ao meu governo,

Senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,

Senhoras e senhores ministros de Estado, integrantes das comitivas de Cabo Verde e do Brasil,

Senhores Senadores,

Senhores Deputados,

Meus amigos e minhas amigas,

É com grande alegria que dou as boas-vindas ao Presidente de Cabo Verde. Esta é a terceira visita do presidente Pires ao Brasil, em apenas quatro anos. O primeiro-ministro José Maria Neves esteve aqui, pela última vez, há poucos meses. Isto, por si só, atesta a vitalidade das relações que estamos construindo.

Guardo as melhores recordações da hospitalidade e carinho que marcaram minha visita a Cabo Verde, no ano passado. Pude testemunhar a solidez das instituições democráticas e a pujança econômica do país.

Como o Brasil, Cabo Verde vem construindo os sólidos alicerces de um futuro próspero e justo. O governo do presidente Pires aposta, como nós, na



luta contra a fome, a pobreza e a exclusão social. Sabe que essas são as verdadeiras barreiras ao desenvolvimento duradouro de nossos países.

Senhor Presidente,

O Brasil quer colaborar cada vez mais com a obra coletiva da Nação cabo-verdiana. Temos especial orgulho de apoiar a formação da maior riqueza que Cabo Verde possui: seu capital humano.

O governo e a sociedade brasileira estão engajados no projeto de criação da primeira universidade pública de Cabo Verde. Também queremos cooperar na alfabetização e na capacitação técnica de jovens cabo-verdianos. A reconhecida experiência do Sebrae e do SESC poderá ajudar a impulsionar no curto prazo a geração de renda e emprego para aqueles que estão iniciando sua vida profissional.

A mesma preocupação com o bem-estar da população, sobretudo dos segmentos mais vulneráveis, motiva nossa parceria na área da saúde. Estamos implementando programas de formação de médicos cabo-verdianos e ajudando no combate à SIDA.

Queremos também valorizar nosso maior patrimônio comum. Por meio do Instituto Internacional da Língua Portuguesa, na Casa Cor de Rosa, em Praia, estamos trabalhando para que nossa língua se transforme em poderosa ferramenta de projeção de nossos valores, aspirações e interesses.

Meus amigos e minhas amigas,

Poucas horas de vôo separam o Brasil de Cabo Verde. Muitas vezes, não nos damos conta do quanto estamos próximos. A ampliação da conexão aérea entre Fortaleza e o Sal tornará essa realidade ainda mais nítida.

Estou certo de que o turismo e o comércio entre nossos países serão os primeiros beneficiários. Cabo-verdianos e brasileiros poderão conhecer-se ainda melhor e nossos empresários poderão explorar novas oportunidades de negócios. Esse é o primeiro passo em direção a um maior equilíbrio em nossas relações econômicas e comerciais.



O Brasil está empenhado em ampliar suas importações de Cabo Verde. Nossas empresas estão atentas às possibilidades que Cabo Verde oferece como porta de entrada para o mercado do Oeste africano.

Hoje, Cabo Verde apresenta-se orgulhosamente como um grande “canteiro de obras”. Empresas brasileiras desejam engajar-se nesse processo de diversificação da base produtiva. Os investimentos em curso na ampliação da infra-estrutura viária e portuária do país habilitarão Cabo Verde a beneficiar-se de sua localização estratégica.

Caro presidente Pires,

Cabo Verde e Brasil estão empenhados em ajudar o povo de Guiné-Bissau a reencontrar o caminho da paz e da reconciliação.

O Brasil tem colaborado e continuará a colaborar com os esforços do presidente Pires, em nome da comunidade internacional, para promover a normalização institucional do país.

Vivemos em um mundo marcado por turbulências políticas, a ameaça do armamentismo e uma globalização que acirra desigualdades sociais e econômicas. Compartilhamos a defesa de uma ordem mundial regida pela observância do direito internacional e exercida por meio de um sistema multilateral equilibrado e justo.

Estamos empenhados na mobilização mundial contra a fome e a exclusão social. O apoio de Cabo Verde – e de Vossa Excelência pessoalmente – reforça minha determinação em prol da criação de mecanismos financeiros inovadores para o desenvolvimento.

O apoio de Cabo Verde ao pleito brasileiro de integrar como membro permanente um Conselho de Segurança ampliado constitui gesto de confiança que muito apreciamos. Reflete a convicção de que a democratização das Nações Unidas é imprescindível ao fortalecimento da paz e segurança internacionais. Devemos trabalhar junto com nossos irmãos africanos para encontrar uma solução que seja, a um tempo, justa e pragmática.



Também na OMC precisamos assegurar maior transparência e representatividade em benefício dos países em desenvolvimento. Por isso criamos o G-20, que conta com vários países da África entre seus membros.

Por isso também o Brasil continuará apoiando a entrada, em condições eqüitativas, de Cabo Verde na organização.

Senhoras e senhores,

Qualquer brasileiro que escutar as músicas de Cesária Évora, a grande cantora cabo-verdiana, sentirá uma marcante familiaridade.

A “morna”, música típica de Cabo Verde, é considerada como descendente do fado, mas lembra muito nosso choro e os cantos inspirados na dura vivência de nossos escravos. Trata, sobretudo, do sentimento da saudade, palavra de nosso idioma que não tem tradução em outras línguas.

É com saudade antecipada de nossos visitantes cabo-verdianos que convido os presentes a se unirem a mim em um brinde à prosperidade de Cabo Verde, à amizade entre nossos povos e à felicidade pessoal do presidente Pedro Pires.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da Olimpíada do Conhecimento 2005**

São Paulo - SP, 05 de outubro de 2005

Meu querido companheiro embaixador Celso Amorim, ministro das
Relações Exteriores,

Meu querido companheiro Luiz Furlan, ministro do Desenvolvimento,
Indústria e Comércio,

Meu caro companheiro Sérgio Machado Resende, ministro da Ciência e
Tecnologia,

Minha querida companheira Marisa,

Meu caro amigo Paulo Skaf, presidente da Fiesp,

Meu caro Carlos Eduardo Moreira Ferreira, representante da
Confederação Nacional da Indústria,

Meu caro Luiz Carlos de Souza Vieira, Diretor Regional do Senai,

Meu caro Mario Amato, presidente emérito da Fiesp,

Meu caro Jair Meneguelli, presidente do Conselho Nacional do Sesi,

Meu caro Lars Grael, secretário de Estado da Juventude de Esporte e
Lazer,

Meus queridos companheiros prefeitos que eu vi aqui, uma penca de
prefeitos, mais que uma penca, um cacho de prefeitos. Tem tanto prefeito aqui
que até parece que as Olimpíadas vão ser para os prefeitos. Obrigado pela
presença de vocês. A presença de vocês aqui só demonstra o significado que
tem para vocês a existência de uma escola Senai na cidade de vocês.

Meus caros adolescentes, jovens, estudantes do Senai, empresários,
deputados aqui presentes, meninos e meninas que estão inscritos nas
Olimpíadas do Conhecimento.



Eu, primeiro queria dizer para vocês que quando começou a apresentação, em que vocês desceram essas escadas, eu confesso que a minha memória voltou aos anos de 61, 62, no tempo em que eu estudei no Senai. E por isso que eu digo que o Senai, para mim, eu poderia dizer, Paulo, que a minha vida pode ser medida antes e depois do Senai, e digo isso porque quando era deputado constituinte, tinha pessoas que achavam que nós tínhamos que acabar com o Sesi, com o Senai ou com os “esses” como se diz...o Mário Amato se lembra disso, Meneguelli se lembra disso e outros companheiros aqui se lembram disso.

Eu dizia que só era possível querer acabar com o Senai ou com o Sesi, alguém que não conhecesse nem o Senai nem o Sesi. Por que uma coisa é você ter críticas a alguma coisa que não funciona bem e, ao invés de consertar, você então propõe acabar. Eu sinto muito orgulho porque não só não acabamos como criamos o Senat, do transporte. Possivelmente, as pessoas de famílias mais ricas, que não precisaram estudar no Senai, que os pais puderam sair do ensino... que fizeram o colegial e foram direto para a universidade, não têm a dimensão do que significa para a classe média e para a classe média baixa ter a possibilidade de colocar um filho no Senai.

Possivelmente esses jovens que estão de camisa branca, esses jovens e essas jovens, talvez não tenham a dimensão do que os pais de vocês têm de orgulho de saber que vocês estão estudando no Senai. Vocês não sabem a esperança e a expectativa que vocês criaram nos seus pais, possivelmente sendo o primeiro da própria família a estar tendo acesso a uma formação profissional.

Na minha vida foi isso, na minha vida eu fui o primeiro filho de um total de oito irmãos a aprender uma profissão e aprendi muito rapidamente, como o Meneguelli também, que estudou no Senai, a diferença de um trabalhador sem profissão procurando emprego e a diferença de um trabalhador com profissão procurando emprego. Um é tratado como se não fosse ninguém e o outro é



tratado como se fosse um profissional. E não tem nada mais importante até do que você, tendo uma profissão, poder discutir o teu salário. Quando a gente não tem profissão, a gente, primeiro, não escolhe emprego, muito menos a gente escolhe salário. A gente trabalha onde alguém oferece um emprego para a gente.

Possivelmente nessa flor da idade de vocês, vocês ainda não sintam o significado disso na vida de vocês. Vai chegar o dia em que vocês vão casar e vão ter filhos, e aí muitos de vocês vão lembrar do que o Presidente da República disse hoje. Graças a Deus existiu o Senai na minha vida, como eu acho que muitos de vocês dirão “graças a Deus o Senai entrou na minha vida”, ou vocês entraram na vida do Senai. Aproveitem porque não são todos os brasileiros que têm esse direito, não são todos que têm essa oportunidade, e hoje, no Brasil, ter uma profissão significa ter acesso à possibilidade de um melhor emprego, significa ter acesso de conquistar a cidadania. Vocês sabem que as empresas brasileiras estão investindo muito em tecnologia para se tornarem cada vez mais competitivas, para produzirem cada vez mais produtos de qualidade, e quanto melhor vocês forem, mais chances de ter um bom emprego e ter uma realização profissional, melhor.

Alguns não pararão aqui. Alguns sairão do Senai, irão entrar em uma universidade e seguirão a sua vida. Outros, possivelmente, parem e falem “eu vou agora arrumar um bom emprego e vou cuidar da minha vida”. Qualquer que seja a decisão de vocês e, se depender de mim, não parem nunca, porque o mundo contemporâneo, o mundo moderno exige que cada vez mais tenhamos conhecimento. Todos vocês sabem, hoje, que uma coisa que nós aprendemos, uma máquina que manuseamos hoje, daqui a três meses já está obsoleta, já está superada, e a modernização do conhecimento tem que ser cotidiana, e vocês sabem que isso é que vai garantir a vocês uma oportunidade extraordinária.



Mas, Paulo Skaf, eu tive o primeiro contato com as Olimpíadas da Matemática no Brasil ano passado, quando eu recebi alguns jovens que ganharam prêmios brasileiros, nacionais e prêmios estrangeiros. E algumas coisas me impressionaram. Primeiro, um menino sergipano de 13 anos de idade, que vai se tornar Mestre em Matemática, mesmo sem ter terminado o ensino médio. Um garoto do Ceará, de 14 anos de idade, que está na oitava série, que ganhou a medalha de ouro nas Olimpíadas Brasileiras de Matemática. E uma menina de 18 anos, também cearense, que ganhou a medalha de prata nas Olimpíadas, já cursa o Mestrado e foi aceita para Doutorado com bolsa de estudo integral em três universidades dos Estados Unidos.

Esse fato despertou em mim a seguinte idéia: Paulo Freire dizia “não tem ninguém que não seja inteligente”, ou seja, as pessoas precisam ter acesso à informação e as pessoas precisam ter oportunidade. E veja que engraçado, nessas Olimpíadas do Instituto de Matemática, estados como Piauí, Ceará e outros estados do Nordeste conseguiram colocar mais estudantes nas Olimpíadas do que os alunos do ITA, aqui em São José dos Campos. E depois, discutindo com a professora que organizava, o Sérgio Rezende, ela me disse o seguinte: “Presidente, matemática, o aluno para ir para frente, ele tem que ter um bom professor de matemática atrás dele, ajudando, porque não basta o professor dar uma aula. É preciso que ele saiba se o aluno aprendeu o que ele ensinou”.

Aí me veio a idéia de fazer as olimpíadas nas escolas públicas. Você sabe que toda vez que a gente fala de fazer alguma coisa na escola pública as pessoas falam: “não vai dar certo, porque são as pessoas muito pobres, da periferia, ninguém tem interesse e não vai das quantas”. Vamos tentar.

Pois bem, como disse o ministro Sérgio Resende, a grande surpresa é que se inscreveram mais de 11 milhões de estudantes. A maior olimpíada no mundo era a americana, que tinha 9 milhões de pessoas, e nós já temos mais



de 2 milhões de pessoas a mais que os americanos.

O que significa isso? É que apenas a idéia e o chamamento para fazer as Olimpíadas despertou a vontade que tem dentro das pessoas de pegar as oportunidades, despertou o gênio que existe dentro de cada ser humano e nós, certamente, iremos fazer outras olimpíadas sobre outras matérias, porque nós descobrimos um jeito de atender não apenas a intenção política do Estado brasileiro, mas a vontade dos estudantes e da juventude brasileira. Certamente, essa Olimpíada do Conhecimento, eu tive a oportunidade de participar no ano passado, em Belo Horizonte, é uma demonstração de que essa menina, depois que terminar a Olimpíada, poderá não ganhar nada mais do que um prêmio mas, certamente, quando entrarem no Senai, a sala que eles freqüentarem não vai caber o tamanho do orgulho de terem participado, de terem sido reconhecidos. E, sendo premiados ou não, não importa, o que importa é que vocês acreditaram em vocês, foram à luta e o resultado pertence à capacidade de estudo de vocês e pertence um pouco a Deus, que nós pedimos para nos ajudar todo santo dia.

Mais importante ainda, Paulo, é uma coisa que está acontecendo no nosso Brasil. Eu tenho conversado muito com o Paulo Skaf sobre a situação do Brasil e eu fico vendo como é que um país como o nosso pode fazer milagres. Aqui em São Paulo, o estudante Gabriel Tavares Bujokas, de apenas 17 anos, conquistou a medalha de ouro na Olimpíada internacional de Matemática realizada no México, em julho passado. Veja que, na Matemática, o nosso jovem de 17 anos teve uma performance melhor do que a nossa seleção sub-17, que perdeu para o México. Nós ganhamos uma medalha de ouro.

Eu tenho certeza que o que estamos fazendo vai permitir que outras olimpíadas aconteçam, que novos jovens possam se inscrever e, quem sabe, a gente volte daqui a alguns anos, e tenha, não 700, mas mil, dois mil, três mil alunos participando desta Olimpíada do Conhecimento, que é uma coisa extraordinária.



Mas, Paulo, nós temos uma preocupação e temos algumas políticas públicas envolvendo, hoje, 988 mil jovens. Nós temos o PróJovem, que é um programa feito em convênio com as prefeituras das capitais, em que a gente vai na periferia, e a todos os jovens de 17 a 24 anos que não terminaram o segundo grau, a gente está pagando uma bolsa de 120 reais; tem que ter convênio com a prefeitura, ele presta um serviço comunitário e volta a estudar, aprendendo uma profissão. Nós pretendemos atingir 200 mil jovens ainda até o final deste ano.

Nós temos a escola que os empresários também têm participado, que é a escola de fábrica. Estamos com 11 mil jovens também, de 15 a 18 anos, jovens que também não terminaram o ensino fundamental. Nós estamos, em parceria com os empresários brasileiros, colocando os meninos para aprender dentro da própria fábrica, com a empresa dando o local, e a gente paga também uma mensalidade de 120 reais, que é uma ajuda de custo para que o jovem se sinta motivado a fazer esse estudo.

Mas o mais importante Programa, Paulo, que você acompanhou, foi o ProUni. Vocês sabem que nós temos 54 universidades federais, é preciso construir outras tantas e nem sempre se tem o dinheiro para construir. Nós fizemos uma parceria com as universidades privadas, fizemos isenções de impostos, e o equivalente à isenção nós transformamos em vaga para os alunos. O sucesso foi tão extraordinário que este ano, só no começo do ano, 116 mil novas vagas foram abertas nas universidades brasileiras. E nós pretendemos, nos próximos três anos, chegar com o ProUni a 470 mil vagas. Ao mesmo tempo, nós estamos fazendo quatro universidades federais novas, estamos fazendo 32 extensões de universidades federais, sobretudo para o interior do nosso país, para regiões mais pobres, e estamos fazendo 32 escolas técnicas, uma a mais por cada região, para que a gente possa acreditar, cada vez mais, que o Brasil um dia deixará de ser um grande exportador de matéria-prima, de produtos *in natura*, e será um exportador de



inteligência, um exportador de conhecimento. Quando o Brasil chegar nesse nível, pode ficar certo que nós estaremos competindo em igualdade de condições com as economias e os países mais desenvolvidos do mundo.

Quero terminar dizendo a vocês que, queira Deus, vocês tenham a sorte que eu tive, porque foi de um curso de torneiro mecânico, no tempo em que ser torneiro era ser um artista porque nós fazíamos tudo, tudo éramos nós que fazíamos: a ferramenta, os cálculos para fazer uma rosca, a mudança das engrenagens; a esfera, nós fazíamos com a mão; então, eu achava que nós éramos artistas. Era um negócio muito... era um artesanato muito importante. Hoje não, hoje a modernidade levou a máquinas sofisticadas. Eu fui, agora, na Nuclep, e fui ligar um torno vertical, um torno em que a placa era quase do tamanho deste palco aqui, mas você não tem que fazer nada, você aperta um botão lá, coloca um programa e vai a ferramenta comer ferro lá até a peça ficar boa.

Quando me formei no Senai, Paulo, eu fui trabalhar na fábrica de parafusos Marte, na Vila Carioca. Eu estudei na Escola Rodrigues Alves, a saudosa Escola Rodrigues Alves. E eu fui trabalhar na fábrica de parafusos Marte. Quando eu tirei meu diploma, acho que com 17 anos e alguma coisa, e eu cheguei na fábrica para trabalhar, tinha um senhor já de uns 60 anos, da minha idade hoje – naquele tempo eu era jovem e achava que 60 anos era ser velho – e esse cidadão ganhava, na época, o equivalente a 300 reais, 300 cruzados, cruzeiros, não sei que moeda, e eu ganhava um pouquinho. Mas acontece que eu estava recém saído do Senai, com uma força física imensa para fazer o que tinha que ser feito, e eu terminava produzindo mais que o senhor. E eu me achei no direito de chamar o Sr. Miguel Serrano, que era o dono da fábrica de parafusos e dizer: “olhe, eu estou trabalhando muito, eu preciso ganhar mais”. E ele falou assim para mim “não, você não vai ganhar mais não, porque você deve a mim o fato de ter mandado para o Senai, então você tem que pagar um pouco”. Eu falei: “perafá, que estória é essa?” Foi a



primeira vez que eu pedi as contas na vida, com quatro anos e meio de fábrica, pedi as contas, fui embora, fui trabalhar na Metalúrgica Independência, ganhando o dobro do que eu ganhava na fábrica de parafusos Marte. Depois, fui trabalhar na Frismolducar, que hoje está em São Bernardo do Campo; depois teve a crise do desemprego em 1965, em que muita gente ficou anos e anos desempregada; depois, fui trabalhar na Villares, e na Villares eu fui para o Sindicato; do Sindicato, virei Presidente da República.

Estou dizendo isso porque o caminho que eu percorri, obviamente que isso é como corrida de carro, nem todo mundo consegue ser um Ayrton Senna, tem um monte lá, mas Senna, ele batalhou para chegar lá. Então, eu queria dizer para vocês o seguinte: olha, não existe nenhuma razão, por mais que vocês tenham dificuldades, por mais que vocês tenham problemas dentro de casa, não existe nenhuma razão para que a juventude brasileira não acredite que é possível construir um amanhã melhor e que é possível vocês conquistarem um mundo melhor do que aquele que vocês receberam dos seus pais. Vocês não podem desistir nunca, vocês não podem desanimar nunca e, sobretudo, vocês têm que ter, no pai e na mãe, a referência, porque se a família não estiver unida, acreditando, discutindo o problema, se ela estiver desagregada, tudo será muito difícil na vida de cada um.

Por isso, Paulo, quero dizer para você do meu orgulho de estar aqui. Eu digo para a Marisa, sempre, os meus filhos não fizeram Senai, os meus filhos saíram do colegial, foram direto para a universidade. Mas eu falo sempre para a Marisa que eu me arrependo de não ter colocado os meus filhos, com 14 anos, no Senai, porque não adianta estar fazendo o colegial, aí quer trabalhar: “ô tio me arruma um emprego, tio”. Vocês não falam tio para os mais velhos? “Tio, me arruma um emprego”. Aí, o que sabe fazer? Nada. Se tiver uma profissão, vocês podem ficar certos de que muitas portas se abrirão para vocês. Se tiver dez pessoas procurando emprego, e tiver uma que tenha uma profissão, pode ficar certo de que você será chamado.



Por isso, eu quero que Deus dê a vocês, primeiro, a disposição de lutar sempre e de estudar cada vez mais. Segundo, que Deus dê a vocês o que ele deu a mim. E certamente, se vocês acreditarem que vocês são capazes, vocês sairão do Senai e o mundo será pequeno diante da grandeza da vontade de vocês.

Que Deus abençoe todos vocês, que sejam felizes para sempre.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de atos da área de saúde e de condecoração do senhor Célio de Castro com a Ordem do Mérito da Saúde

Belo Horizonte - MG, 06 de outubro de 2005

Toda vez que eu venho a Minas Gerais e Aécio vê o volume dos papéis que eu vou ler, ele fica assustado e eu tenho que repetir, Aécio, que depois dos 50 anos você vai ter que usar uns óculos destes e, para não ter que usar óculos, você faz a letra um pouco maior e você vai perceber que vai dar um parágrafo em cada página, portanto não será longo.

Primeiro, eu quero cumprimentar o governador Aécio Neves,

Quero cumprimentar o nosso querido, eterno, prefeito de Belo Horizonte, Célio de Castro,

Quero cumprimentar os ministros e a demonstração do carinho por Minas Gerais, menos do que a minha palavra, é só olhar a mesa para ver em que momento Minas Gerais teve a quantidade de ministros que tem hoje. E ainda tem a Dilma Rousseff que parece que é do Rio Grande do Sul mas é nascida aqui, em Minas Gerais.

Meu caro Saraiva, ministro da Saúde,

Meu caro Alfredo, ministro dos Transportes,

Meu caro Patrus, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu caro Hélio Costa, ministro das Comunicações,

Meu caro Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Deputados estaduais,

Quero cumprimentar a todos citando o nome do deputado Mauri Torres, presidente da Assembléia Legislativa de Minas Gerais,



Quero cumprimentar os deputados federais aqui presentes,
Todos os deputados estaduais,
Prefeitos,

Eu estou vendo aqui a relação e começa pelo nosso companheiro Fernando Pimentel, de Belo Horizonte; Marília Campos, de Contagem; José Maurício Gomes, de Cordisburgo; José Calixto Milagres, de Acaiaca; Silas Faleiro, de Carmópolis; Jéferson Russo Miranda dos Santos, de Santo Antonio do Grama; José Furtado da Silva, de Camacho; Eugênio Pinto, de Itaúna; Ademar José da Silva, de Vespasiano; Raimundo Menezes, de Ferros; Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, de Ouro Preto; Pompilho de Lourdes Canaves, de Alfenas, e Denerval Germano da Cruz, de Taiobeiras.

Aqui na verdade está faltando o prefeito de Ipatinga, que está aqui na minha frente, não colocaram o nome do prefeito de Ipatinga.

Quero cumprimentar o vereador Silvio Rezende, presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte,

O representante do BID no Brasil,
Meus amigos e minhas amigas de Minas Gerais.

Estamos aqui, hoje, o governo federal, por meio do Ministério da Saúde, governo do estado de Minas Gerais e prefeitura de Belo Horizonte, tomando decisões que vão melhorar bastante os serviços públicos de saúde na capital e em muitos municípios do interior do estado.

Quero destacar algumas das conseqüências positivas dos convênios que estamos assinando. Eles garantirão, entre outras iniciativas, o término, finalmente, do prédio do extinto Cardiominas. Esta obra, há 20 anos abandonada em pleno centro de Belo Horizonte, é um mau exemplo que precisava ser corrigido.

Com o prédio concluído, vamos implantar um Centro Metropolitano de Especialidades Médicas que vai beneficiar 4 milhões e 600 mil habitantes dos 39 municípios da região metropolitana de Belo Horizonte.



Como muita gente espera, este centro de referência oferecerá tratamento especializado à população: cardiologia e neurologia, por exemplo, além de modernizar os serviços de laboratório.

Em mais uma parceria vitoriosa, investimos recursos federais e municipais para que isso fosse possível. O governo do estado doou o terreno e o prédio inacabado para a Santa Casa, que será administradora do Centro Metropolitano de Especialidades Médicas.

O Ministério da Saúde também assinou hoje, vocês já viram ele assinar, e eu vou reafirmar, uma Portaria aumentando em 30 milhões de reais o repasse ao estado de Minas Gerais para o custeio do Hospital Regional de Venda Nova. Ver esse hospital funcionando era uma das principais reivindicações da população de Belo Horizonte, prometida durante 20 anos. O Hospital atenderá um milhão de moradores da região norte da cidade e municípios vizinhos como Santa Luzia, Ribeirão das Neves, Sabará, Vespasiano, Pedro Leopoldo, Confins, entre outros.

Estamos também entregando as obras da unidade de pronto-atendimento da região oeste de Belo Horizonte, mais uma parceria entre o Ministério da Saúde e a Prefeitura de Belo Horizonte. Além disso, o Ministério da Saúde está credenciando novos serviços de alta complexidade em diferentes modalidades, beneficiando a população dos municípios de Juiz de Fora, Montes Claros, Alfenas, Barbacena, Ipatinga, Patos de Minas, Pouso Alegre, Teófilo Otoni, Governador Valadares e Contagem. Esses serviços requerem procedimentos médicos sofisticados, voltados para o tratamento de casos mais complicados que são, em geral, muito caros e vão estar disponíveis para a população que não tem condições de pagar por eles.

Quero, agora, dizer a vocês que há uma outra feliz circunstância que me traz hoje a Belo Horizonte: é o que vamos fazer assim que terminar o meu discurso, é a entrega da medalha de grande oficial da Ordem do Mérito Médico ao ex-prefeito, eterno prefeito e nosso companheiro Célio de Castro. Vocês



sabem que esta é uma homenagem mais do que merecida, não apenas pela liderança política de Célio, por sua competência administrativa mas, sobretudo, pelo grande batalhador pela causa da saúde que ele sempre foi.

A primeira vez que eu ouvi falar do Célio eu ouvi falar no mais importante clínico-geral do estado de Minas Gerais. Foi assim que eu ouvi falar do Célio de Castro. Dizem que as autoridades mineiras, ao invés de viajar para os Estados Unidos, iam procurar o Célio de Castro para fazer uma consulta.

Meus companheiros e companheiras, os esforços que estamos fazendo estão dando resultados e nossa política de saúde vem melhorando cada vez mais no sistema público, que atende hoje mais de 70% da população brasileira. Em 2005, o orçamento do SUS chega a 35 bilhões e 500 milhões de reais. Um bom exemplo, que já foi dito pelo Saraiva, é o das farmácias populares. A idéia básica é fazer com que a população de baixa renda possa adquirir o remédio a preços compatíveis, não guardando nunca mais a receita embaixo do travesseiro ou dentro de um criado, e não podendo comprar o remédio.

Uma outra coisa importante, uma outra iniciativa de sucesso, e eu acho que o povo de Belo Horizonte já viu, foi a idéia de criar o Samu, que já está presente em 307 municípios, beneficiando 67 milhões e 900 mil brasileiros. Como todo mundo sabe, para ter acesso ao atendimento de urgência de saúde, é só ligar gratuitamente o 192. Esse é um trabalho imprescindível e nós pretendemos, até o final do próximo ano, ter o Samu atendendo a totalidade dos municípios brasileiros. Não é um Samu em cada município, é uma central que atenda um conjunto de municípios, sobretudo naqueles momentos mais difíceis, porque quando a gente começa a sentir uma dor, a gente pode escolher um médico, pode escolher um hospital, pode escolher a hora em que a gente vai. Mas, quando acontece alguma coisa tarde da noite ou um acidente, a gente não tem escolha, a gente vai para onde encontrar o primeiro, e o Samu... Eu vou dar um exemplo de São Paulo, Pimentel. Em São Paulo, a média entre tirar uma pessoa de um acidente e levá-la para o hospital era de



40 minutos; caiu para 12 minutos, numa demonstração de que, em 30 minutos, a gente pode salvar muitas vidas neste país, sobretudo nas regiões metropolitanas.

Com o Samu, todos os brasileiros passam a ter direito ao pronto-atendimento, que é fundamental para reduzir o número de óbitos e as seqüelas físicas e emocionais causadas pelas urgências médicas. O governo federal já investiu mais de 167 milhões para a implantação do Samu em todo o Brasil. Portanto, até o final do ano nós estaremos dando, na verdade, cobertura para muita gente neste país. Até o final do ano estarão recebendo essa cobertura, aproximadamente, 97 milhões e 100 mil brasileiros, de 1.215 municípios brasileiros.

Outra iniciativa que muito me orgulha, eu tenho brigado por ela muitos anos, e aqui eu vou avocar a experiência do Célio de Castro, é o Programa de Saúde Bucal. Todo mundo sabe que, no Brasil, nem os melhores convênios que a gente faz, que quem pode fazer faz, e faz bons convênios – e fazer bons convênios é importante porque depois tem o ressarcimento no Imposto de Renda – mas o que acontece é que nem os melhores planos médicos oferecem atendimento odontológico. Há uma razão para isso. Qual é a explicação concreta? É que dor de dente é normalmente coisa que atinge as camadas mais pobres da população. As pessoas que têm mais posses econômicas, normalmente tratam dos dentes desde pequenas, e a possibilidade de ter uma dor de dente às duas horas da manhã, é muito mais difícil do que para um cidadão que mora em uma periferia ou que mora em uma cidade pequena, um cidadão de baixo poder aquisitivo. E desde o tempo em que eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em 1975, nos convênios que fazíamos com a indústria automobilística, que eram as empresas que ofereciam, na época, os melhores planos médicos para os trabalhadores, não tinha assistência odontológica.

Quando eu tomei posse, disse ao ministro Humberto Costa que era



preciso que a gente criasse um programa de verdade, porque uma unha encravada era tratada como uma questão de saúde pública, e o dente não era tratado como uma questão de saúde pública. Como se nós disséssemos aos pobres: “pode perder, tem 30 e poucos dentes na boca, pode tirar, até tirar tudo vai demorar uns anos”. Ou sequer nós explicávamos a eles o tipo de doença que tinham. O nosso compromisso, na verdade, é chegar ao final de 2006 com 400 Centros de Saúde Bucal no Brasil, cada centro de saúde atendendo uma população de 500 mil habitantes, dando aos pobres deste país a conquista da cidadania. Ele vai poder fazer ortodontia, coisa que hoje só é feita por gente que pode um pouco mais, coloca aparelho na boca, coloca não sei das quantas. Pobre vai logo metendo o boticão e arrancando os dentes. Nós vamos dar à pessoa o direito de fazer tratamento de canal, o direito de fazer a correção dos seus dentes e, quando tiver prótese, vamos acabar com aquele negócio que tem muito no interior deste país, de político que distribui dentadura em época de eleição. Vamos acabar com esse negócio.

Todo mundo sabe de estórias e estórias que “nego” faz com cesta de dentadura, e vai pondo na boca. O pobre precisa de respeito. Então, nesse Centro ele vai ter hora marcada, ele não vai ter que pegar fila, ele vai ter protético que vai fazer os moldes na hora em que for necessário fazer, e aí você não vai fazer comparação entre pobre e rico se olhar para a boca dele. Ou seja, todo mundo vai poder sorrir em igualdade de condições. E eu estou falando em um estado onde vocês, que viajam este estado, sabem perfeitamente bem que nas regiões mais pobres de Minas Gerais você encontra meninas de 16 anos, de 17, meninos que já não podem sorrir mais porque lhes faltam os dentes da frente.

Então, é uma necessidade vital e não tem nada mais digno do que a pessoa poder conversar com você sem ficar colocando a mão na boca, sem ficar colocando um lenço na boca, ou rir com a boca fechada porque não pode abrir a boca. Isso parece pouco para quem pode sorrir como vocês estão



sorrindo agora mas, para quem não pode, é uma conquista extraordinária e, se Deus quiser, nós vamos fazer com que a odontologia possa chegar aos 186 milhões de brasileiros num curto espaço de tempo.

Eu quero dizer para vocês que a saúde, na verdade não deveria ter governo que faça mais ou que faça menos. A saúde é o direito mais elementar que as pessoas têm que ter, porque sem saúde nada mais acontece na vida das pessoas.

Nesses 33 meses, nós aumentamos o número de equipes dos médicos de família, de 16 mil para 23 mil equipes. Com isso, os atendimentos também foram ampliados, passando de 54 milhões e 932 mil, para 75 milhões e 672 mil pessoas.

É importante lembrar que a saúde não é o hospital. É preciso que a pessoa tenha condições de se alimentar corretamente, de ingerir as calorias e proteínas necessárias para evitar muitas doenças e ter força e vigor para lutar pela vida. Este sempre foi o principal motivo que me levou a criar o programa Fome Zero, que tem no Bolsa Família o seu mais amplo instrumento de ação. O Programa hoje já beneficia 7 milhões e 500 mil famílias. No final do ano chegaremos a 8 milhões e 700 mil famílias, gastando aproximadamente 7 bilhões e meio de reais. E vocês sabem que a comida significa muito, quando a gente trata de saúde. Não é possível estar com saúde se está com fome.

Nós temos consciência de que esse Programa, coordenado pelo companheiro Patrus, é um programa que vai permitir que ao terminar o governo, a gente possa olhar o que falamos antes e saber que cada brasileiro está, pelo menos, comendo três refeições por dia.

Parece pouco para quem toma café todo dia, almoça e janta, como eu, como vocês. Mas nós sabemos que no Brasil tem milhões de pessoas que não têm o café, que não têm o almoço e, muitas vezes, por vários dias.

Eu estou dizendo isso porque eu acho que o Brasil vive um momento virtuoso. O Brasil vive um momento, eu diria, não excepcional ainda, mas um



momento acima da média que o Brasil viveu nos últimos 30 ou 40 anos.

Os empresários que estão aqui, os estudiosos de economia como o nosso Prefeito, devem saber que há tempos nós não tínhamos no Brasil um conjunto de fatores positivos na economia do país, como nós temos hoje.

Nós poderemos ser divergentes, essa economia poderia estar crescendo 5, 7 ou 4, poderemos ser divergentes se a taxa Selic está alta ou está muito alta ou está média, poderemos ser divergentes se a TJLP poderia ser 9, 8 ou 10, em tudo isso nós poderíamos divergir. Agora, o dado concreto é que crescimento, crescimento das exportações, crescimento das importações, sobretudo bens de capital, demonstrando que as empresas brasileiras estão acreditando no seu próprio futuro, crescimento da poupança interna, crescimento do crédito, crescimento da massa salarial, crescimento do emprego, queda da inflação e queda do custo de vida, essa combinação nós não tínhamos há muito tempo, há muitos e muitos anos. Não precisamos inventar nenhum plano.

Todo mundo sabe que aqui, no Brasil, de vez em quando aparecia um milagreiro e dizia “Plano Tal”. E aí o povo ia dormir feliz e acordava devendo mais. Quem lida com agricultura sabe que houve um momento em que foram dormir devendo 100 e acordaram devendo 400, quando houve a desvalorização cambial de 1998, de janeiro de 1998, todo mundo sabe.

Nós tomamos a decisão de que não tem mágica em economia, não tem invenção, tem seriedade. E a seriedade ficou demonstrada quando, faltando 15 dias para as eleições municipais no ano passado, nós aumentamos a taxa de juros. A seriedade ficou demonstrada agora quando, de forma irresponsável, o Senado votou 384 reais de salário mínimo e eu disse que vetaria, porque a Previdência não conseguiria pagar, os estados não conseguiriam pagar, e muitas prefeituras não conseguiriam pagar. E esse ciclo virtuoso da economia, em que a gente possa ter divergência em uma coisa ou em outra, precisa ser uma coisa duradoura. Se nós conseguirmos que isso aconteça durante dez



anos, Governador, Prefeito, nós estaremos, quem sabe, conquistando a possibilidade de levar o Brasil, definitivamente, para o centro dos países desenvolvidos.

E vejam, não existe nada impossível. Meu caro Robson, eu aprendi uma coisa que é o seguinte: o impossível é apenas mais difícil, mas se a gente persistir... Quem é que acreditava que nós pudéssemos chegar em setembro, tendo 112 bilhões de dólares de exportação? Quem é que acreditava? Qual era o economista brasileiro que poderia, há um ano e meio atrás, prever que nós íamos chegar a essa situação? Quem acreditava, neste país, que nós pudéssemos ter superávit em conta corrente? Quem imaginava, neste país, que nós, em apenas 30 meses, pudéssemos chegar a um superávit comercial de 41 bilhões de dólares? Se vocês querem saber, leiam os colunistas de três anos atrás, ou de dois anos e meio atrás. E vocês vão perceber que não existe ninguém capaz de ter a sua verdade absoluta e, muitas vezes, as pessoas se colocam como se tivessem a verdade mais absoluta: “vai dar certo ou vai dar errado”, sem levar em conta que o equilíbrio do comportamento dos governos é que pode fazer com que as pessoas acreditem que as coisas vão dar certo. E eu aprendi muito cedo que se a gente administrar o Estado brasileiro como a gente administra a casa da gente, a tendência é a gente dar certo. Mas se a gente administrar o Estado como se estivesse administrando a casa do vizinho – sempre é fácil gastar o dinheiro do vizinho do que gastar o seu próprio, porque o do vizinho, você não teve que trabalhar para conquistá-lo, e o seu você teve. E o dinheiro do Estado brasileiro tem que ser tratado dessa forma para que as coisas dêem certo.

Então, eu fico feliz hoje. Em cada pesquisa que nós fazemos, todos os estados brasileiros estão crescendo, com exceção do Rio Grande do Sul por causa da seca que atingiu profundamente o Rio Grande do Sul. Mas todos os outros estão crescendo. E sabe o nosso querido Robson que quando a economia nacional cresce, todos os estados crescem, quando ela cai, todos os



estados caem. Minas está crescendo, São Paulo está crescendo, Rio de Janeiro está crescendo, mas quando a economia cai, todos caem e os grandes estados perdem mais, caem mais, despencam mais.

Esse ciclo virtuoso que estamos vivendo precisa ser um ciclo virtuoso não de um governo, mas de uma nação. O Robson sabe o quanto eu tenho provocado, na boa provocação, os empresários brasileiros. Tenho provocado no sentido de alertá-los. Não existe mercado cativo no mundo hoje, ou o Brasil vai à luta e disputa os espaços com os nossos concorrentes, ou nós iremos perder o trem da história. Neste mundo globalizado, ninguém compra do Brasil porque o Presidente tem os olhos verdes, o que não é o nosso caso, ninguém compra.

As pessoas vão comprar se os empresários brasileiros e os vendedores brasileiros tiverem competência para ir vender. Acabou aquele tempo em que nós éramos exportadores de produto *in natura*, hoje nós somos exportadores de produtos manufaturados.

E aí, eu volto à questão da saúde. A maior referência mundial de combate à Aids é o programa brasileiro. Aonde você vai no mundo, nos Estados Unidos, num debate na ONU ou na Alemanha, em qualquer lugar, a referência do combate à Aids é o programa brasileiro.

Então, um país, que era conhecido lá fora apenas porque vendia soja ou minério de ferro, as pessoas nem sabiam que a gente produzia avião, nem sabiam do alto componente tecnológico da indústria brasileira que não deve nada a ninguém. Este país, meus companheiros de Minas Gerais, não tem por que não dar certo. Basta que o governante não seja medíocre, basta que o governante não governe pensando apenas na próxima eleição. Eu tenho dito há muitos anos, Robson: o problema do Brasil é que a classe política só pensa de quatro em quatro anos e uma nação tem que ser pensada para 20 ou para 30 anos.

Eu quero fazer um chamamento, do Governador nós já temos a



compreensão há muito tempo, do Prefeito nós já temos a compreensão, mas sobretudo, dos homens que têm influência na política de Minas Gerais, na indústria, na imprensa: não permitam, em hipótese alguma, que um processo eleitoral que vai eleger um nome apenas por quatro anos estrague a oportunidade que este país tem de se transformar numa grande nação, de participar dos grandes fóruns econômicos.

Eu tenho dito em todos os debates, fiz isso na Fiesp esses dias Robson, se depender da minha disposição não haverá, durante o ano eleitoral, nenhum gesto que possa comprometer a seriedade com que tratamos a economia nesses três anos. Eu digo sempre que é muito mais fácil, muito mais simples e muito mais honesto você perder um voto ou perder uma eleição do que você atrasar, durante décadas, o desenvolvimento de uma nação. Eu acho que o Brasil está preparado, o Brasil está apto, o Brasil está ávido de não permitir que seja jogada fora a oportunidade de a gente se transformar, definitivamente, numa nação próspera, produtiva, geradora de riqueza e distribuidora de renda.

Muito obrigado a todos vocês e vamos, agora, à homenagem ao nosso companheiro Célio de Castro.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da segunda etapa da duplicação da Rodovia Fernão Dias (BR-381), trecho Nepomuceno-Divisa MG/SP

Pouso Alegre-MG, 06 de outubro de 2005

Meu caro Alfredo Pereira do Nascimento, ministro dos Transportes,
Meu caro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento e Combate à Fome,

Meu caro Hélio Costa, ministro das Comunicações,
Meu caro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu caro Clésio Andrade, vice-governador do estado de Minas Gerais,
Meu caro representante do Banco Interamericano de Desenvolvimento,
Deputados federais Ademir Camilo, Ana Guerra, Geraldo Thadeu, Isaías Silvestre, Odair Cunha, Reginaldo Lopes, Vadinho Baião,

Senhor Jair Siqueira, prefeito de Pouso Alegre,
Senhor Alexandre Silveira, diretor-geral do DNIT,
Senhores prefeitos e prefeitas aqui da região,
Meus amigos, minhas amigas empresários que construíram esta estrada,

Trabalhadores que trabalharam nesta estrada,
Meus companheiros e companheiras da cidade de Pouso Alegre e região,

Entregar à população e ao Brasil a Rodovia Fernão Dias completamente



duplicada e modernizada é uma oportunidade que enche de orgulho o governo e o povo brasileiro. Digo isto porque a conclusão desta obra é um importante exemplo de como estamos removendo os gargalos que durante anos constrangeram nossa infra-estrutura de transportes. E também porque estou cumprindo um compromisso que firmei com vocês, aqui mesmo em Pouso Alegre, quando anunciei que concluiríamos as obras de duplicação e de modernização desta rodovia.

A Fernão Dias não liga apenas Belo Horizonte a São Paulo. Ela liga Minas Gerais ao Mercosul. É uma rodovia de tão grande importância que já devia ter sido duplicada, quem sabe, há mais de uma década. Ela nunca poderia ter sido transformada em uma fonte geradora de transtornos, prejuízos e de acidentes de trânsito que vitimaram tanta gente.

O fato é que as rodovias brasileiras não vinham tendo a atenção merecida. Muitas promessas de melhoria foram feitas, mas poucas foram cumpridas.

Esta estrada, agora duplicada, é um exemplo significativo do que historicamente vinha acontecendo no Brasil. Quando chegamos ao governo, suas obras estavam paralisadas mas, em vez de anunciar logo em janeiro de 2003 a sua conclusão, preferi primeiro ter a certeza de que conseguiríamos tocar as obras e só vim aqui fazer o anúncio em agosto do mesmo ano.

Foram oito meses vencendo dificuldades, planejando e trabalhando duro para que tivéssemos os recursos necessários para dar conta do projeto, mas a satisfação de poder cumprir a promessa compensou a espera.

Logo mais – eu já visitei, na verdade, antes de vir aqui – logo mais vou visitar outra obra aqui perto que está sendo executada pelo governo federal com o mesmo grau de compromisso e responsabilidade. O Prefeito já falou da 459, e eu espero que em março a gente possa vir aqui inaugurá-la. Tenham a certeza de que ela também será concluída, cumprindo os cronogramas para trazer ainda mais desenvolvimento para esta região.



Minhas amigas e meus amigos,

A entrega da Fernão Dias duplicada, modernizada e com maior capacidade de tráfego é um dos mais importantes marcos da renovação e da recuperação de nossa malha rodoviária. Mas não é o único.

Há pouco mais de duas semanas, por exemplo, o governo federal entregou a duplicação de uma outra rodovia vital para a nossa economia, a Régis Bittencourt, que liga São Paulo a Curitiba, e cujas obras se prolongavam desde 1995. Apenas um trecho daquela rodovia ainda conta com pista simples, pois será duplicado pela futura concessionária da estrada.

Em breve concluiremos também a duplicação da BR-101, ligando Florianópolis a Osório, no Rio Grande do Sul. E ainda a BR-060, ligando Brasília a Anápolis, em Goiás, entre várias outras rodovias.

Todas estas obras, todas estas inaugurações – e isso vai ficando cada vez mais claro com o passar do tempo – seguem uma precisa lógica de boa administração pública e de planejamento racional.

Fazemos isso sem soluções improvisadas, como abrir estradas paralelas ou iniciar açodadamente novos projetos. Pelo contrário: concluímos rodovias que há cinco, dez ou mais anos vinham sendo duplicadas ou reformadas, mas cujas obras nunca terminavam, pois os recursos para os serviços eram liberados a conta-gotas.

Nossas rodovias, assim como o novo Brasil que estamos construindo, deixaram de ser um canteiro de obras paradas.

Nossas exportações vêm crescendo a cada semestre, nossa indústria está produzindo mais, há mais turistas visitando nosso território. E tudo isso requer que tenhamos mais estradas em boas condições, mais portos e aeroportos e mais ferrovias.

Ou seja, todas as pessoas, das mais ricas às mais humildes, são beneficiadas com a melhoria da infra-estrutura do país.

É claro que há muito por fazer, e temos que persistir priorizando a



recuperação de nossas estradas, liberando recursos, realizando obras. Vamos assim continuar ampliando nossa capacidade de transporte para garantir cada vez mais fôlego ao desenvolvimento do Brasil.

Meus companheiros e minhas companheiras de Pouso Alegre,

Não é todo dia que eu posso vir, aqui, e não é todo dia que nós podemos nos encontrar. E eu quero dizer algumas outras coisas para vocês. Há momentos na história de uma Nação em que a Nação pode aproveitar ou pode jogar fora. Hoje, num ato, junto com o governador Aécio Neves, segunda-feira, num ato com os empresários da construção civil de São Paulo, eu tenho estabelecido não uma espécie de desafio, mas uma espécie de levantamento da realidade que nós estamos vivendo.

Quem é trabalhador na cidade de Pouso Alegre sabe perfeitamente bem que nós passamos de 1994 a 2002 tendo um dos maiores índices de desemprego da história deste país. Durante oito anos de governo foram criados em média, por mês, apenas oito mil empregos com Carteira Profissional assinada. Aliás, eu estou vendo o companheiro Getúlio, aqui, que foi dirigente sindical dos vidreiros, em São Paulo, que sabe do que estou falando aqui.

Pois bem, em 33 meses de governo, nós já criamos mais de 3 milhões e meio de empregos, perfazendo uma média mensal de 105 mil empregos com Carteira assinada, simplesmente doze vezes mais do que o governo anterior.

Não é apenas isto. Os empresários que estão aqui, nesta praça, certamente os estudantes que estudam um pouco de economia sabem perfeitamente bem que em 2003, quando eu tomei posse, o Brasil tinha um superávit comercial, ou seja, um lucro entre aquilo que a gente compra e aquilo que a gente vende, de apenas 13 bilhões, porque 11 bilhões tinham deixado de ser importados. Na verdade era um superávit de apenas 12 bilhões e as exportações não ultrapassavam 60. Ontem, vocês viram no jornal: batemos um recorde histórico no Brasil. Ontem atingimos 112 bilhões de dólares de exportações em 12 meses e temos o superávit comercial de 41 bilhões de



reais. Mais importante é que nós vivemos um momento extraordinário, porque a economia cresce, porque o crédito cresce, porque a poupança interna cresce, porque o emprego cresce. E o que cai, na verdade? O que cai é a inflação e o custo de vida neste país.

Esses dias eu dizia – aqui deve ter trabalhador, meu caro Queiroz Galvão – que no Brasil, quando eu tomei posse, o saco do cimento estava a R\$ 22,50, talvez aqui, em Pouso Alegre, deva estar a R\$ 14,00, porque em São Bernardo está a R\$ 10,90 e em muitas cidades do Brasil está a R\$ 11,00.

Aqui, os trabalhadores e as donas de casa que vão fazer compras sabem que em 2003, quando eu tomei posse, o saquinho de arroz do famoso “Tio João”, um saquinho de arroz custava R\$ 11,00, o saco de 5 quilos, e hoje estamos comprando por R\$ 4,90 ou R\$ 5,00.

Todo mundo que trabalha e vai ao açougue sabe que, hoje, a carne está muito mais barata do que a gente comprava. Aliás, esses dias eu vi na televisão um trabalhador dizer: “Pela primeira vez eu vou poder comer um quilo de filé na minha vida”.

É este Brasil que nós vamos construir, para que o povo brasileiro possa conquistar a sua cidadania, para que o povo brasileiro possa, um dia, levantar e dormir com orgulho da Nação que ele, trabalhador brasileiro, ajudou a construir.

Esta Rodovia aqui, ela vinha como determinadas Igrejas de alguns lugares do mundo: leva séculos para terminar. Nós resolvemos terminar, não apenas por causa da grandeza de Minas Gerais, resolvemos terminá-la porque Minas Gerais é um estado importante para o Brasil e esta rodovia interessa a todo o Brasil e à América do Sul, e não apenas à Pouso Alegre ou ao estado de Minas Gerais. Da mesma forma que a 459.

Portanto, meus companheiros e minhas companheiras, empresários, ministros, deputados, representante do BIRD aqui presente, estejam certos de uma coisa: nós vamos ter um encontro, no mês de outubro, para discutir



política social. E eu queria dizer alguma coisa para o representante do BIRD que está aqui, do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Quando nós tomamos posse, a safra 2002/2003 – se tiver pequeno agricultor aqui vai saber – aliás, há o Zezão, de Illicínea, aqui. Zezão... Aliás, está o Zezão, que era um companheiro produtor de café de Illicínea, ele sabe perfeitamente bem que na safra 2002/2003 o dinheiro que foi liberado para a agricultura familiar foi de apenas 2 bilhões e 400 milhões. E ele sabe que na safra que terminou este ano nós liberamos 6 bilhões e 400 milhões para a agricultura familiar brasileira.

Mais ainda, está aqui o companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social. Só aqui, no estado de Minas Gerais, o Ministério do companheiro Patrus gasta, por ano, ou melhor, não gasta, investe – porque o dinheiro que a gente dá para pobre é um investimento, não é gasto. Pois bem, somente o Ministério do companheiro Patrus, ele investe, em Minas Gerais, 1 bilhão e 200 milhões de reais por ano, para combater a pobreza da região mais pobre do estado de Minas Gerais.

Além do quê, Alfenas acaba de ganhar uma extensão universitária para poder fazer com que Alfenas tenha universidade. Mas não é apenas Alfenas: o Vale do Mucuri vai ganhar, o Vale do Jequitinhonha vai ganhar e outras regiões deste país, porque até 2006 nós vamos inaugurar 4 universidades federais novas, 32 extensões das universidades federais e vamos inaugurar 32 escolas técnicas. E aí, quem sabe a gente possa, um dia, perceber que este país não será apenas exportador de soja, não será apenas exportador de minério de ferro. Este país será um grande exportador de inteligência, de conhecimento e aí nós seremos, definitivamente, um país desenvolvido.

Muito obrigado, boa sorte e até outro dia, se Deus quiser.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Programa de Modernização e Expansão da
Frota Nacional de Petroleiros da Petrobras Transporte S/A - Transpetro
Niterói, RJ - 10 de outubro de 2005**

Meu caro companheiro Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa
Civil,

Minha querida esposa Marisa,
Senador Wellington Salgado,

Deputados e deputadas federais, Antonio Carlos Biscaia, Elaine Costa,
Jandira Feghali, João Mendes de Jesus, Jorge Bitar, Luciano Zica, André
Costa, Carlos Santana, Daniel Almeida, Luiz Sérgio, Doutor Heleno e Inês
Pandeló,

Meu caro Godofredo Pinto, prefeito de Niterói,

Meu caro José Sérgio Gabrielli de Azevedo, presidente da Petróleo
Brasileiro S/A, Petrobras,

Eu caro companheiro Sérgio Machado, presidente da
PetrobrasTransporte – Transpetro,

Meu caro Roberto Smith, presidente do Banco do Nordeste do Brasil,

Meu caro Haroldo Borges Rodrigues Lima, diretor-geral da Agência
Nacional de Petróleo,

Meu caro Sérgio Bastos, secretário de fomento para ações de transporte
do Ministério dos Transportes,

Meu caro Wagner, secretário de Estado de Energia da Indústria Naval
do Petróleo,

Senhor Carlos Alberto Grana, presidente da Confederação dos
Metalúrgicos da Central Única dos Trabalhadores,



Senhor Severino Almeida, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores dos Transportes Aquaviários e Aéreos na Pesca e nos Portos,

Senhor Ariovaldo Rocha, presidente do Sindicato Nacional da Indústria Naval,

Senhor Maurício Ramos, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro,

Senhor José de Oliveira Mascarenhas, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói,

Senhor Luis Chaves, coordenador do Fórum Intersindical dos Trabalhadores da Indústria Naval,

Senhoras e Senhores vereadores e vereadoras,

Empresários,

Trabalhadores,

Petroleiros ,

Marinheiros,

Jornalistas,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Vocês sabem, ser o último orador, quando você tem um discurso por escrito, você vai vendo o seu discurso ser comido por cada orador que fala antes de você. De qualquer forma, eu estou aqui por uma coisa muito nobre. Eu estou aqui, no renascer, de um filho ou de uma família que nunca deveria ter sofrido o que sofreu.

Ter uma Marinha Mercante forte é, na verdade, um gesto e um ato de soberania de uma nação. Eu viajo pelo mundo afora e o gesto mais forte que um presidente da República faz quando está visitando um país estrangeiro, quando estamos passando a tropa em revista, qualquer presidente tem que se curvar num gesto de homenagem à bandeira daquele país.



Ora, se este gesto é tão nobre que um presidente da República que visite o Brasil ou o Presidente do Brasil que visite outros países é obrigado a reverenciar suas bandeiras, abaixando a cabeça imaginem quanto orgulho nós não sentiremos quando estivermos viajando pelo mundo e percebermos que nos portos do mundo inteiro, e no Oceano Pacífico, no Oceano Índico, no Oceano Atlântico, nós vamos saber que navios, com homens e mulheres brasileiros, com a bandeira nacional, estão transportando, exportando e importando riquezas produzidas por nós mesmos, imaginem a gratidão para uma Nação.

Segundo, eu queria agradecer a alguns setores da sociedade. Primeiro, aos companheiros engenheiros da Petrobras, da Cope, aqui no Rio de Janeiro, aos trabalhadores e aos empresários porque, sem vocês, eu não teria conhecimento suficiente para enfrentar o debate de 2002 contra a direção da Petrobras àquela época, que teimava em dizer que os estaleiros brasileiros não tinham condições de recuperar a indústria naval brasileira, sobretudo no que diz respeito às plataformas. Foram vocês, depois de uma consulta minha, depois de dezenas de reuniões, artigos de jornais, panfletos, que me convenceram: “vamos nessa, que nós vamos ganhar”. Não apenas ganhamos as eleições como, pouco tempo depois, a razão venceu a mentira: a indústria naval brasileira está de pé outra vez, e os trabalhadores brasileiros voltaram a trabalhar com muito orgulho. Aí, eu já não falo nem mais como Presidente, é um pouco da mistura de presidente e de metalúrgico. Eu sei das iniciativas do Prefeito, sei do esforço que o ex-governador Garotinho fez com a isenção de impostos para que a indústria naval se recuperasse, mas tinha consciência de que era preciso uma decisão do Estado brasileiro para que nós pudéssemos, definitivamente, recuperar a nossa indústria naval, recuperar a nossa Marinha Mercante, e fazer com que o Brasil pudesse desfilar orgulhosamente nos oceanos do mundo com a nossa gente, com os nossos produtos e com a nossa bandeira.



Os dados, por si só, são muito fortes. Na década de 70, quando eu comecei a vir ao Rio de Janeiro, tive a oportunidade de conhecer um companheiro que agora, por acaso, eu estou vendo a cara dele ali, o nosso querido Abdias, ex-presidente do Sindicato dos Estaleiros de Niterói. Naquele tempo, a indústria naval brasileira se orgulhava de ter aproximadamente 40 mil trabalhadores produzindo navios e barcos. O Brasil era altamente competitivo, vendíamos navios para o mercado interno, para outros países em desenvolvimento, inclusive, vendíamos navios para países desenvolvidos. Na segunda metade da década de 80, enquanto a indústria naval crescia em todo o mundo, a indústria naval brasileira entrava em crise. Em 1986, os navios de bandeira brasileira chegaram a movimentar 22% do comércio exterior do Brasil. No entanto, essa participação veio caindo sistematicamente e chegou, agora, a apenas 4%. Estou tirando a parte que eu já falei e que já falaram aqui...

Bem, depois de toda a celeuma nesses anos todos, o que nós estamos fazendo hoje aqui é aquele negócio de matar a cobra e, ao invés de mostrar o pau, que não prova que você matou a cobra, você está mostrando a cobra morta. Como todos nós... Não, porque não tem nada mais mentiroso do que alguém dizer “mata a cobra e mostra o pau”, ou seja, mata a cobra e mostra a cobra. Agora, como nós somos todos preservadores da natureza, nós não vamos matar nenhuma cobra e vamos mostrar aqui o que está acontecendo.

O dado concreto é que está provado que o trabalhador brasileiro, e eu quero dizer isso com orgulho, porque esta semana aconteceram dois eventos importantes na minha vida. Primeiro, eu fui participar, segunda-feira, em São Paulo, da Olimpíada do Conhecimento dos alunos do Senai. O Senai que me formou e lá, por volta de seis mil alunos, em uma festa extraordinária, eu ganhei o torneio em que eu estudei em 1962, de presente. Eu encontrei os meus companheiros, da minha turma de 1962 e, durante alguns segundos, a minha cabeça voltou a pensar naquela época. E eu digo sempre “o que seria da minha vida se eu não tivesse tido a oportunidade de aprender uma profissão?”



Com uma profissão, eu passei a ganhar mais, passei a ter mais sorte no emprego, fui trabalhar em uma fábrica importante, e esse é o sonho de cada pai neste país. Não tem nada mais sagrado para um pai do que saber que o seu filho ou a sua filha está aprendendo uma profissão e que vai poder procurar emprego, de cabeça erguida, porque quando a gente não tem profissão, eles só falam para a gente “não tem vaga, não tem vaga”. Quando a gente tem uma profissão, muitas vezes a gente chega e pode entrar.

E agora, mais fácil, porque eu quero contar um pequeno caso aqui que o Grana já sabe. Eu fui dirigente sindical em um momento auspicioso do crescimento do emprego no Brasil, que foi na década de 70, e um paradoxo: o melhor momento do emprego no Brasil e o pior momento político da história do Brasil, que foi o auge da dureza do regime militar, o presidente era o Geisel. Naquela época, o Abdias deve estar lembrado, tinha emprego que uma empresa ia na porta da outra fábrica roubar trabalhador, ia com carro de som dizer “olha, a minha fábrica está pagando mais”. Tirava o trabalhador da fila e levava, só que a gente não sabia que esse crescimento econômico estava sendo feito às custas de um endividamento enorme e que, depois da década de 80, nós passaríamos 20 anos “comendo o pão que o diabo amassou” para poder resolver o problema da contração dessa dívida.

Pois bem, essa dívida contraída, foi muito bom, nós crescemos e esse momento foi muito importante. Fazia muitos anos, e eu dizia no Congresso dos Metalúrgicos nesse dia, “há muitos anos que nós andávamos pelo Brasil afora e a gente não via uma placa ‘precisa-se de emprego’”. Não víamos. Tinha desaparecido, porque foram quase 20 anos de encolhimento dos postos de trabalho neste país. Ora pelo não-crescimento da economia, ora pelos avanços tecnológicos, ora pela venda das nossas empresas estatais, eu sei que nós entramos em uma situação difícil. E eu fui no Congresso dos Metalúrgicos para dizer, esses dias, que nesses 33 meses foram quase 300 mil empregos, só na área da metalurgia, porque estamos criando, a cada mês, uma média de 105



mil empregos contra 8 mil empregos criados por mês no governo anterior.

Então, eu faço questão de dizer, em todo lugar, que é para marcar na cabeça das pessoas, em 33 meses nós estamos criando, com carteira profissional assinada, a diferença entre os trabalhadores demitidos e os admitidos, nós temos um saldo positivo de 105 mil empregos a cada mês, na média. No governo anterior, foram apenas 8 mil. Esse dado é, talvez, o dado mais significativo, porque um posto de trabalho criado na indústria direta significa 1,2 empregos criados indiretamente. Então, significa que mais gente está entrando no mercado de trabalho e, como eu dizia durante a minha vida inteira, não tem nenhum momento mais orgulhoso na vida de um pai do que quando ele chega no fim do mês e, às custas do seu trabalho, pode levar o sustento para sua família. Não tem nada mais orgulhoso, e é isso que nós estamos tentando fazer.

Mas o segundo momento que me deu emoção foi quando uma indústria automobilística foi a Brasília me apresentar o seu carro novo, com engenharia 100% nacional, engenharia carro flex-fuel, carro a gasolina e a álcool, 100% nacional. E eu digo isso, meu caro Silas, e é importante dizer que o Silas, com uma gentileza que só os maranhenses podem ter, falou “Presidente, já falou muita gente, acho que está na hora de o senhor falar”, e pediu para que ele não falasse. Então eu estou fazendo aqui o meu discurso e o dele ao mesmo tempo.

Mas, a coisa mais importante é que eu tenho debatido, no mundo inteiro, com empresários, e o que eles falam para mim: “presidente Lula, não tem, no mundo, trabalhador mais criativo, mais inteligente, mais produtivo do que o trabalhador brasileiro.

Ora, se a nossa Indústria Naval estava paralisada e a gente não podia mostrar a competência da nossa Indústria Naval, agora nós vamos mostrar ao mundo que nós somos bons de carnaval sim, nós somos bons de futebol sim, nós bons num monte de coisas, também temos defeitos, mas eles vão saber



que os trabalhadores brasileiros não perdem para nenhum trabalhador de qualquer parte do mundo, quando se trata da qualidade e da capacidade produtiva.

Vejam, uma outra coisa grave era a questão de financiamento. Vocês não sabem o trabalho para a gente poder liberar o dinheiro da Marinha Mercante. O dinheiro estava lá, mas foram criados ao longo do tempo, tantos obstáculos, que para que a gente pudesse liberar, foi um trabalho de mais de um ano, mais de um ano para liberar o dinheiro.

Já liberamos mais de 1 bilhão e 300 milhões de reais em financiamento do Fundo da Marinha Mercante para a renovação e ampliação da frota nacional de embarcações. Resultado: prestem atenção. Desde janeiro de 2003, foram lançadas ao mar 58 embarcações e 76 outras já estão financiadas. Além disso, 43 estão sendo construídas, e outros projetos, tanto para o transporte marítimo de cargas quanto para atividades de apoio à exploração de petróleo, estão em fase conclusiva de análise.

Aqui, um dado extremamente importante. Nós tomamos a decisão, não apenas de anunciar essa parceria Petrobras/BNDES/Banco do Nordeste, nós estamos financiando também barco pequeno de pesca, da mesma forma que nós financiamos uma televisão, da mesma forma que nós financiamos um carro. Nós abrimos uma linha de crédito no BNDES, com o dinheiro da Marinha Mercante, para que o cidadão que vive da pesca tenha o mesmo direito de ir fazer uma encomenda de um pequeno barco, para que ele possa pescar com um barco mais moderno, mais seguro e que ele possa, inclusive, ganhar um pouco mais do que ele ganha.

Eu quero dizer, Godofredo, que nós estamos com uma dívida com a Prefeitura de Niterói porque ficou uma celeuma aí se ia fazer o terminal pesqueiro no Rio de Janeiro ou em Niterói. O Rio de Janeiro tinha um terreno maior, que era um estaleiro, e Niterói tinha a coisa menor, mas parece-me que do Rio de Janeiro tem um problema sério com o terreno porque tem gente que



quer vender para a União um terreno que é da própria União. Aí não dá.

Então, a Dilma está aqui na minha frente, ela já vai anotar e ao chegar lá nós vamos conversar para que a gente possa fazer o terminal pesqueiro. Quando desabrochar o problema do terreno, nós fazemos o outro aqui no Rio de Janeiro.

Eu acho, companheiros e companheiras, que estar aqui no dia de hoje, é, não apenas uma coisa emocionante, mas é a constatação de um dado. De saber que há 15 anos quando eu lia nos jornais “o governo desmonta a sua Marinha Mercante”, “o governo vende, as suas empresas de navios são privatizadas” “governo entrega isso”. Eu ficava pensando: como é que pode um país querer ser uma nação respeitada no mundo se ela não se respeita? A gente só conquista respeito quando a gente se respeita, não adianta querer que os outros respeitem a gente apenas pelos olhos ou pelo cabelo. As pessoas respeitam a gente pelo caráter, pelo nosso comportamento, e ter uma Marinha Mercante forte é a gente ter condições de dizer: “O Brasil não está nesse jogo apenas para competir, o Brasil está nesse jogo para ganhar, o Brasil está nesse jogo para vencer, o Brasil está nesse jogo para ficar”.

Por isso, eu quero dizer apenas alguns números. Só com essa encomenda da Petrobras, ou seja, vão ser encomendadas cerca de 290 mil toneladas de chapas e perfis de aço, 125 mil toneladas de tubos, mais de 6 milhões de litros de tinta e 2.200 km de cabos elétricos, só para dar uma demonstração do que precisa para fazer apenas essa encomenda. Mas nós não queremos ficar apenas nessa encomenda, nós achamos que o Brasil tem que fazer parceria com outros países, como Argentina, Venezuela, Colômbia, países africanos, fazer parcerias para que a gente possa fazer mais estaleiros aqui, fazer parceria de mais estaleiros lá, para que os países pobres do mundo tenham uma chance na vida de deixar de ser pobre e crescer um pouco.

E o Brasil pode, porque o Brasil tem tecnologia. Vejam que coisa absurda: as trocas internacionais de comércio, feitas através dos oceanos



representam, hoje, 80% das transações realizadas em todo o mundo, o que equivale a mais de 7 trilhões de dólares de mercadoria negociada. Nosso comércio, e o do Brasil, depende 95% de navios. Por que a Petrobras tem que ter um déficit na sua balança, gastar, só com frete, 1 bilhão e 200 mil dólares por ano? Por que o Brasil tem que ter um déficit de 10 bilhões de dólares? Não tem nenhuma explicação. Se vocês perceberam o que significa o Brasil mandar para fora 10 bilhões de dólares de pagamento de frete, imaginem o que a gente ganha, esse dinheiro ficando aqui? O que a gente vai gerar de emprego, o que a gente vai poder gerar de novas tecnologias, gerar conhecimento, e tudo vai ficar muito melhor para o Brasil.

Eu vou terminar dizendo a vocês o seguinte, meus companheiros. O companheiro Sérgio Machado, que tem sido um guerreiro na questão dessa licitação... Vocês não pensem que a coisa é fácil, não. Está cheio de gente torcendo para as coisas não darem certo. Vira e mexe, isso é que nem... Vocês já viram um torcedor do Flamengo querer que o Vasco ganhe? Vocês já viram um torcedor do Vasco querer que o Flamengo ganhe? Nada. Na política é a mesma coisa. Vocês não sabem o que é “urucubaca”, ou seja, gente torcendo para que as coisas não dêem certo. “Aquilo não pode dar certo, tem que dar errado, porque se der certo...” Graças a Deus, como Deus é brasileiro, é marinho, é da indústria naval, é metalúrgico, é químico, é gráfico, é de todas as categorias, e é carioca também, Ele fez com que as coisas dessem certo.

Eu quero dizer para vocês que muito mais coisas vão acontecer, muito mais coisas. Isso aqui... Eu não sei se vocês já mudaram para casa desarranjada. O tempo que você leva para colocar as coisas no lugar, para pintar, percebe que o fio está fora do lugar... O país está vivendo um dos seus melhores momentos e eu, que nunca tive nada de graça na minha vida, não vou jogar fora esta oportunidade. O Brasil está em um ciclo virtuoso que está causando uma certa preocupação em certas pessoas. Por exemplo, a economia brasileira está crescendo, as exportações estão crescendo, as



importações de bens de capitais estão crescendo, a poupança interna está crescendo, a massa salarial está crescendo, o emprego está crescendo. O que está caindo neste momento? O custo de vida e a inflação. É por isso que de vez em quando uma dona de casa fala: “mas eu pagava a comida tanto e está mais barato agora”. Não é isso? As coisas estão mais ou menos arrumadas, agora, é a gente não permitir que o processo eleitoral do ano que vem venha a exigir que o governante tome medidas irresponsáveis, populistas, tentando fazer apenas alguma coisa para a torcida, sem levar em conta o momento que o Brasil está vivendo.

Eu quero dizer para vocês uma coisa. Nós entramos num momento crucial deste país. Se nós agirmos corretamente, o Brasil poderá ter conquistado definitivamente um novo ciclo de desenvolvimento sustentado e duradouro, que pode demorar de 10 a 15 anos. Da minha parte, vocês podem ter a certeza, da mesma forma que eu tenho coragem de dizer para o meu filho que eu não posso dar uma coisa para ele, eu quero dizer a mais absoluta verdade a vocês: não tomarei nenhuma atitude e não farei nenhum gesto que possa agradar alguns momentaneamente e prejudicar milhões futuramente. Nenhuma atitude eu tomarei. As coisas serão feitas da forma mais responsável possível, serão feitas porque se depender de mim, o Brasil não jogará fora essa oportunidade.

Eu vim aqui dizer: “navegar é preciso”, na verdade o poema que depois se transformou em música dizia: “navegar é preciso, viver não é preciso”. Caetano Veloso cantava essa música não cantava? Pois bem, eu quero dizer que se há muitos séculos os grandes navegadores diziam “navegar é preciso, viver não é preciso” eu quero mudar um pouco a letra aqui agora para dizer: navegar é preciso e viver melhor é muito mais preciso e é para isso que nós estamos neste ato de hoje.

Meus parabéns à Petrobras, meus parabéns aos trabalhadores, meus parabéns à Indústria Naval e meus parabéns ao Brasil, que finalmente se



descobriu enquanto nação.

Um abraço.



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da 8ª Cúpula Luso-Brasileira

Porto-Portugal, 13 de outubro de 2005

Primeiro-Ministro José Sócrates,
Ministros brasileiros e ministros portugueses,
Imprensa brasileira e imprensa portuguesa,

Primeiro, dizer a vocês que as Cimeiras entre Brasil e Portugal têm um caráter muito especial. Portugal é o único país europeu com quem o Brasil mantém reuniões sistemáticas e profundas como a que fizemos hoje. Segundo, isso mostra a maturidade das relações políticas entre Portugal e Brasil. Terceiro, os acordos que assinamos aqui hoje demonstram claramente que estamos saindo daquela fase em que éramos tratados como países irmãos, mas os acordos sempre tinham mais dificuldade de serem concretizados.

Vocês presenciaram um acordo na área da defesa, na área da mudança climática, na área da administração pública, na área da segurança sanitária e fitossanitária e, ainda, de cooperação cinematográfica. Isso demonstra claramente que Brasil e Portugal têm interesses soberanos de transformar as relações entre os dois países numa coisa menos romântica, e muito mais, numa relação prática, atendendo às necessidades dos dois países.

Como disse o primeiro-ministro Sócrates, nós começamos essa Cimeira com um debate empresarial. E eu tenho feito questão de afirmar, em todos os países do mundo que visitei e em todas as reuniões com empresários brasileiros, de que as relações comerciais e o comércio exterior precisam ser tratados como uma via de duas mãos: você precisa vender mas, também, você precisa comprar, para que você tenha uma relação comercial mais equilibrada.



Eu tenho feito questão de afirmar, também, aos empresários brasileiros, que eles não têm que ter medo de se transformar em empresas multinacionais, fazendo parcerias não apenas de investimento no Brasil, mas parcerias de investimento nos países irmãos com quem temos boas relações políticas, culturais e comerciais.

E eu penso que isso demonstra, de forma inequívoca, que nós queremos dar um passo adiante naquele discurso de que Portugal será a entrada do Brasil para a Europa e de que o Brasil será a entrada de Portugal para a América do Sul. É preciso passos concretos de investimentos. Portugal já é o segundo investidor, o segundo país em que Portugal investe é o Brasil. E eu acho que o Brasil agora precisa dar passos nessa cooperação para que a gente também possa ter investimentos em parceria com empresas portuguesas aqui, em Portugal. E, aí sim, eu penso que nós estaremos construindo uma ligação mais forte de Portugal com o Mercosul, com a América do Sul; e do Mercosul, da América do Sul e do Brasil com a União Européia.

Segundo, discutimos a questão da migração. E o Primeiro-Ministro acaba de reafirmar para vocês que, possivelmente, alguém entenda que ainda não se tenha feito tudo, mas já foi feito um bocado de coisas na questão da imigração.

Nós discutimos com o Primeiro-Ministro e com os responsáveis pela área da imigração e achamos que nós temos que aperfeiçoar a nossa relação, para que possamos atender à plenitude dos brasileiros que fizeram o recenseamento. Nós temos metade da população brasileira que ainda não se legalizou, muitas vezes porque não compareceu, muitas vezes porque tem problemas no trabalho interno, mas o compromisso nosso é de que haja um trabalho conjunto entre a Embaixada brasileira e o órgão português que cuida da migração, para que a gente possa transformar a entrada e a saída de brasileiros em Portugal e a entrada e saída de portugueses no Brasil, como se nós estivéssemos dentro da nossa casa, sem ter que pedir licença para



ninguém.

Esse é um processo que vai avançar, esse é um processo que enfrenta nuances burocráticas em todos os lugares do mundo, e com a vontade política e a disposição demonstrada pelo ministro Sócrates, certamente, quando fizermos a próxima Cimeira, já teremos resultados muito mais promissores e, possivelmente, já definitivos.

Uma terceira coisa que eu conversei com o ministro Sócrates é o que eu conversei sempre com os chefes de Estado, com os ministros, com presidentes de cada país que visita o Brasil, aqui, na Europa. Eu sempre peço ajuda para que eles ajudem a facilitar o acordo entre o Brasil, o Mercosul e a União Européia, porque eu acho que isso vai permitir não apenas que mudemos a geografia comercial do mundo, mas vai permitir que os países mais pobres ou os países em desenvolvimento tenham a oportunidade de jogar ou de colocar os seus produtos no mercado dos países mais desenvolvidos.

Também conversei com o primeiro-ministro Sócrates sobre a questão que aconteceu no Brasil, anteontem, da febre aftosa, e fiz o Primeiro-Ministro compreender que o Brasil tem um rebanho de 200 milhões de cabeça de gado, tem mais gado do que população, e que esse foco de febre aftosa se deu numa fazenda onde o proprietário tinha apenas 582 cabeças de gado, das quais 140 estavam contaminadas.

Nós não queremos nem nos isentar de responsabilidade e nem culpar ninguém *a priori*. O nosso papel foi o de prestar contas aos organismos internacionais imediatamente. O segundo papel é apurar com muito rigor a razão pela qual aconteceu esse foco de febre aftosa numa propriedade que só tinha 582 cabeças de gado, portanto, se uma vacina custa 80 centavos, ou seja, com menos de 600 reais o fazendeiro teria, na verdade, vacinado todo o seu gado. Nós não sabemos se vacinou, a afirmação é que vacinou. Não sabemos se foi tardiamente, não sabemos se foi gado que veio de outro país, de outra região.



O dado concreto é que antes de acusar nós queremos apurar para depois dar um veredicto oficial, não apenas ao povo brasileiro, mas ao mundo, porque nós achamos que o país que é o principal exportador de carne do mundo, um dos países que tem o maior rebanho do mundo e que fez da carne uma forma de enriquecimento do próprio país, não pode permitir que erros como esse possam colocar em xeque um produto de exportação e de tanto valor como é a carne para o Brasil.

Dito isso, nós estamos, agora, muito satisfeitos com a nossa relação com Portugal. Eu acho que uma coisa interessante que tem que ser notada é que não só um conjunto de brasileiros e brasileiras está procurando fazer de Portugal a sua segunda pátria real, vindo aqui morar e trabalhar, como os portugueses, que já tinham nos descoberto, há 500 anos atrás, estão agora fazendo com que o Brasil seja um país preferencial para as suas férias. Ou seja, há muitos portugueses comprando terrenos nas praias do Nordeste brasileiro. Há muitos portugueses que não esperam mais férias de 30 dias para ir ao Brasil, ou seja, tem gente indo sexta-feira à noite e voltando no domingo à noite. Ou seja, está tão próximo Brasil de Portugal e Portugal do Nordeste brasileiro que agora, daqui a pouco, vai ter português indo para o Brasil para ver um show do Gilberto Gil e vai ter brasileiro vindo para cá para ver o Felipão dirigir a Seleção portuguesa, de tão fácil que está.

Eu acho que com a vontade política demonstrada pelo governo português, com a vontade política demonstrada pelo governo brasileiro, eu acho que nós poderemos afirmar para vocês que daqui para a frente aquilo que era problema não será mais problema e aquilo que faltava fazer entre nós, para que o desenvolvimento combinado dos dois países seja mais eficaz, será feito.

Portanto, meu caro Primeiro-Ministro, Ministros portugueses, eu ainda não fui embora de Portugal mas, por enquanto, muito obrigado não só pelos acordos, mas pelo carinho com que fomos recebidos até agora.

E ainda não almocei, quando eu almoçar é que eu vou poder agradecer



com mais ênfase e com muito mais carinho, até porque o Ministro falou que Portugal está produzindo vinho de excelente qualidade e eu falei: “Quero provar no almoço esse vinho de excelente qualidade”.

Agora, um aviso importante, Primeiro-Ministro, que é o seguinte: primeiro torcer para que Portugal vá à final para disputar com o Brasil e, para mostrar o meu interesse na nossa relação, que o Brasil ganhe apenas nos pênaltis.

Segundo, na hora de oferecer o vinho para degustar, não esquecer de oferecer para a imprensa porque são eles que vão escrever se o vinho é bom ou não é bom.

Locutor: E, agora, senhores jornalistas, estamos à vossa disposição para duas, três perguntas que entendam dever colocar.

Presidente: Quero pedir a compreensão dos jornalistas, que primeiro eu preciso me informar para depois falar de um assunto dessa gravidade.

Essa pergunta, primeiro, deveria ser feita para o Primeiro-Ministro. Veja, eu não falei ao Primeiro-Ministro com o objetivo de convencê-lo. Eu falei ao Primeiro-Ministro com a intenção de esclarecê-lo. Bem esclarecido, obviamente que fica muito mais fácil tomar as decisões.

Segundo, o Roberto Rodrigues fez um pronunciamento e, no pronunciamento, em nenhum momento ele citou falta de recursos. Ele faz um pronunciamento oficial, em nome do governo, em nome do Ministério e, em nenhum momento... até porque é uma coisa impensável, num rebanho de 582, você imaginar que uma coisa que ia custar 800 reais poderia ter sido causado por falta de dinheiro.

Não faltou recurso, posso afirmar para você que não faltou recurso. Isso não está escrito sequer na nota do secretário do Ministério da Agricultura. É que, muitas vezes, as interpretações são feitas de forma equivocada. Eu posso lhe afirmar que não faltou dinheiro.



Aliás, eu posso dizer até uma coisa que o meu vice, José Alencar, falou: numa hierarquia de responsabilidade, eu acho que o primeiro responsável pela vacinação do rebanho, além da responsabilidade do governo fiscalizar, é do proprietário, que sabe que precisa fiscalizar, porque aquilo é o seu patrimônio, aquilo é o seu ganha-pão, aquilo é o produto em que ele faz a sua vida profissional. Portanto, ele tem que cuidar, porque quando alguém age com irresponsabilidade, quem paga são aqueles que agiram com responsabilidade.

Eu tenho conversado com muitos criadores de gado, nesses últimos dias. Existem muitos, inclusive, pedindo para que a gente transforme em urgência urgentíssima um projeto nosso que está na Câmara dos Deputados para punir, de forma exemplar, aquele criador de gado que não vacinar o seu rebanho para que ele possa ficar três anos sem obter financiamento público, para que ele aprenda que na hora em que ele quer criar gado, ele precisa fazer daquilo uma coisa muito séria.

Porque, veja, se um cidadão agiu com irresponsabilidade, um cidadão que não tem nada a ver com isso paga o preço. Eu vou lhe dar um exemplo: quando teve um foco de febre aftosa no Amazonas, que não é um estado criador de gado, eu, por acaso, estava com o presidente Putin na minha sala, ele estava preocupado e eu o levei para ver o mapa do Brasil e mostrar a distância de onde tinha o foco até onde está o centro vendedor de carne e produtor de carne no Brasil.

Então, o que nós queremos mostrar para a União Européia e para o mundo inteiro é que nós, nesse final de semana, tomamos todas as providências, ou seja, São Paulo, por exemplo, fez barreira sanitária; Paraná fez barreira, as rezes já foram todas mortas e enterradas. Ou seja, nós fizemos aquilo que precisa ser feito.

E como as pessoas estão habituadas a comer carne do Brasil, as pessoas sabem que vão querer continuar comendo a carne brasileira, sem que isso isente o Brasil de responsabilidade.



Eu só quero dizer uma coisa: é que eu disse, no começo da minha fala, que eu não queria nem condenar e nem absolver ninguém. O que nós queremos, e é essa a responsabilidade do ministro Roberto Rodrigues, é investigar. Investigar para que a gente saiba o que aconteceu. Primeiro porque é muito fácil jogar a culpa nos outros. É muito fácil dizer que foi alguém que fez ou que as vacas foram contrabandeadas.

Nós não queremos agir de forma irresponsável. O Brasil não é qualquer um, quando se trata de produzir carne. O Brasil é o primeiro, é o principal e, portanto, nós temos que ter, também, muito mais responsabilidade no produto que nós queremos convencer outros povos a comprarem de nós.

Presidente: Eu só queria dar um aviso. Eu fui informado hoje, pela manhã, que alguns jornais ou alguma matéria na imprensa portuguesa, falava da “vaca louca”. É importante reiterar, aqui, que no Brasil não existe “vaca louca”, porque no Brasil nosso gado não é tratado com ração animal, nosso gado é o famoso chamado gado verde, porque come capim, come comida saudável.

Segundo, um apelo que eu tinha feito ao Ministro, que eu vou fazer, aqui, agora. No problema da migração, nós temos um problema pequeno, que é financeiro, que o nosso imigrante que não se inscreveu, ele tem que pagar uma multa e tem que fazer... É uma coisa que pode chegar à casa dos mil euros. E como nós estamos tratando, aqui, de uma interação entre Portugal e Brasil, certamente esse companheiro ainda não tem mil euros para pagar. Que Portugal faça a generosidade de perdoar a dívida dos pobres brasileiros que estão em Portugal, como nós estamos perdendo a dívida dos países pobres que não podem pagar a dívida externa.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da entrega do Prêmio Camões de Literatura à escritora Lygia Fagundes Telles

Porto, Portugal – 13 de outubro de 2005

É com muito orgulho que participo da entrega do prêmio Camões de Literatura deste ano. Desde sua criação, em 1988, o Prêmio Camões consolidou-se como o mais importante reconhecimento literário do mundo lusófono. Tornou-se, também, símbolo da vitalidade das relações culturais e humanas entre Portugal, Brasil e os países africanos de expressão portuguesa.

Este ano, tenho a honra de participar da cerimônia de entrega do Prêmio à Lygia Fagundes Telles. Membro de nossa Academia de Letras, ela se junta a outros seis brasileiros que já mereceram a distinção desse Prêmio. Dentre eles, destaco meu querido amigo e companheiro Antônio Cândido de Mello e Souza.

Lygia faz parte de um seletivo grupo de escritoras de língua portuguesa que aliam imenso valor literário com uma profunda visão humanista. Assim como Rachel de Queiroz, Sophia de Mello Breyner, Maria Velho da Costa e Agustina Bessa-Luís, Lygia soube iluminar, com aguda sensibilidade, nossa compreensão das coisas humanas e, em particular, da alma feminina.

Sem deixar de ser universais, seus mais de 20 livros revelam, acima de tudo, um compromisso com as circunstâncias da vida brasileira. Lygia soube, durante a difícil etapa autoritária de nossa história recente, usar a perspectiva do universo feminino para revelar angústias que eram de todos nós.

Agradeço a você, Lygia, pela enorme contribuição que tem dado à nossa cultura, ao desenvolvimento da língua portuguesa e à expressão coletiva do ser brasileiro. Como você mesma diz, você escreve por aqueles que, muitas vezes, esperam ouvir de nossa boca a palavra que gostariam de dizer. Sua literatura iluminada enriquece nossas sociedades, irmana nossa gente e aproxima os



países que têm no português, não apenas sua origem, mas seu destino comum. Parabéns.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Seminário “Oportunidades de Novos Negócios e Investimentos Brasil-Portugal”

Porto-Portugal, 13 de outubro de 2005

Bom dia,

Eu penso que hoje é um dia especial para portugueses e brasileiros, afinal de contas, Portugal se classificou ontem para a Copa do Mundo, com um técnico importante do Brasil. O Brasil, ontem, ganhou da Venezuela de 3 a 0, e a Argentina perdeu do Uruguai de 1 a 0. Isso faz com que o Brasil possa disputar, finalmente, uma final com Portugal. Isso seria extremamente importante.

Meu caro primeiro-ministro da República Portuguesa, José Sócrates,
Meu caro Manuel Pinho, ministro da Economia e Inovação de Portugal,
Senhores ministros de Portugal,

Meus companheiros ministros brasileiros, Fernando Haddad, da Educação; Gilberto Gil, da Cultura; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

E o nosso governador Wellington, do estado do Piauí,

Meu caro embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, ministro-interino das Relações Exteriores,

Meu caro Fernando Serrasqueiro, secretário de Estado do Comércio, Serviços e de Defesa do Consumidor de Portugal,

Embaixador Francisco Seixas da Costa, embaixador de Portugal no Brasil,

Embaixador Paes de Andrade, embaixador do Brasil em Portugal,
Senhores empresários brasileiros e empresários portugueses,



Empresárias brasileiras e empresárias portuguesas,
Meus companheiros e companheiras da comitiva do Brasil,
Meus senhores e senhoras da comitiva de Portugal,

É um grande prazer reunir-me com empresários portugueses e brasileiros, passados dois anos de minha primeira visita a Portugal.

Quero compartilhar com todos um pequeno balanço do que aconteceu no Brasil de lá para cá.

Estou convencido de que as perspectivas para as nossas relações econômicas e comerciais nunca foram tão favoráveis. Sei que nossos parceiros portugueses estão bem informados sobre o Brasil. Somos, hoje, o segundo principal destino dos investimentos de portugueses.

Isso é prova concreta de que nossas relações ultrapassaram a etapa dos discursos bem-intencionados. Abrem-se agora, novas oportunidades de investimentos no Brasil.

Avançamos na reforma tributária, que reduz o custo dos investimentos, da produção e das exportações. Aprovamos a Lei de Falências com características modernas e novos marcos legais sobre Inovação, Patentes e Consórcios Públicos.

A recente aprovação da Lei de Parcerias Público-Privadas estabeleceu um novo modelo para licitação de obras de infra-estrutura. Estamos empenhados em um grande esforço de ampliação e modernização da base produtiva brasileira.

O significado dessas reformas tem que ser interpretado em conjunto com os avanços no campo econômico. Estamos implementando uma política de desenvolvimento que combina crescimento sustentável, estabilidade econômica e distribuição de renda. O resultado dessa política foi que, em 2004, registramos o maior aumento do PIB desde 1994.

A expectativa de inflação caiu de 13% para 5% entre 2002 e meados de



2005. Nosso risco país é o menor dos últimos sete anos. Recuperamos nossas reservas internacionais, reduzimos a relação entre a dívida externa e exportações e pudemos prescindir de um novo acordo com o FMI.

Esses números não são ganhos passageiros de políticas provisórias. São frutos de um projeto de longo prazo e de um compromisso com 186 milhões de brasileiros. Não pretendemos mudar de rumo ante as conjunturas políticas ou fases eleitorais.

Em 30 meses de governo, criamos mais de 3 milhões e meio de empregos formais. Trata-se de uma vitória incontestável em nossa busca da superação da pobreza e da exclusão social. É também, um sinal muito positivo para a expansão do mercado interno e para a melhoria do poder de compra de todos os brasileiros.

Na área externa, nossas exportações quebraram todos os recordes. Em 2002, as vendas externas alcançavam 60 bilhões de dólares com um superávit de 13 bilhões de dólares. Em setembro deste ano atingimos a marca de 112 bilhões de dólares, com um superávit de 41 bilhões de dólares. Em 2005, as cifras serão ainda maiores.

Há duas explicações para esse fenômeno que persiste, apesar da valorização do real. A primeira são as reformas que têm sido implementadas e o ambiente macroeconômico. Os produtos brasileiros competem melhor no exterior. Reduzimos as barreiras e a burocracias que muitos chamam de “Custo Brasil”.

A segunda é a ampliação e diversificação de nossa rede de parcerias e de acordos internacionais. Aprofundamos relações com sócios tradicionais e buscamos novas associações. Na América do Sul, estamos completando uma rede de acordos preferenciais, com o objetivo de criar um único mercado na região. Já estamos próximos de uma zona de livre comércio sul-americana.

Mas a integração continental vai mais além. Estamos desenvolvendo ampla rede de infra-estrutura em toda a América do Sul. Estradas, pontes e



portos estão permitindo unir nossos países, até há pouco tempo de costas uns para os outros, e criar corredores ligando o Atlântico ao Pacífico.

Os avanços comerciais e econômicos logrados na integração regional serviram de base para a criação da Comunidade Sul-Americana de Nações, que celebrou sua primeira reunião presidencial há poucas semanas em Brasília.

Avançamos também, na revitalização de parcerias na África, no Oriente Médio e com as grandes economias emergentes: China, Rússia e Índia. Negociamos com todos eles acessos privilegiados para nossos produtos e serviços.

Empresas brasileiras iniciaram um processo de internacionalização mais intenso, investindo no exterior. A política comercial brasileira não é excludente. Não nos movem fatores ideológicos. Nossas relações são construídas a partir de uma visão pragmática. O Brasil está empenhado, junto com seus sócios do Mercosul, em concluir negociações biregionais com a União Européia no mais breve prazo possível. Por isso, precisamos chegar a um pacote equilibrado e mutuamente vantajoso.

Portugal é importante motor para as negociações entre nossos blocos regionais. Hoje, na presidência da Comissão Européia, pode ter um papel para a conclusão exitosa de nosso acordo.

Meus amigos e minhas amigas,

Ao tratar das relações entre Brasil e Portugal, é muito difícil fugir às frases de efeito. Falamos de “irmandade”, dizemos que Portugal será “a porta de entrada do Brasil para a Europa”. Essas expressões singelas escondem verdades que não podem ser desprezadas. Qualquer empresário sabe que o sucesso de sua empreitada depende muito de uma sólida rede de contatos e da qualidade do diálogo com seus interlocutores.

Não há nada mais vantajoso do que negociar em sua própria língua, com alguém que partilha dos mesmos costumes. Nossa afinidade explica, em



muito, a aposta de Portugal no Brasil e do Brasil em Portugal. Explica também, a crescente presença de subsidiárias de empresas brasileiras em terras portuguesas. Isso pode ser fator determinante para iniciativas conjuntas em terceiros mercados. Somos, sim, portas de entrada. Portugal pode ser canal privilegiado para o acesso brasileiro ao mercado europeu. O Brasil pode constituir plataformas para as operações de empresas portuguesas na América do Sul.

Recorrendo a outro lugar comum, basta lembrar o exemplo dos exploradores e comerciantes portugueses na época dos descobrimentos. Vasco da Gama e seus companheiros não inventaram sozinhos uma nova rota para a Índia. Não abriram mercados do nada. Após dobrar o Cabo da Boa Esperança, usaram o conhecimento dos navegadores e comerciantes árabes.

Essa forma de fazer negócios continua válida até hoje. Se Portugal e Brasil conhecem os atalhos em suas respectivas regiões, devemos usar essa vantagem em nosso benefício.

Nesta visita, me acompanha uma importante delegação de empresários que estão dispostos a explorar esses atalhos. Nossa idéia é atrair investimentos portugueses, mas também investir em Portugal.

Queremos encontrar fórmulas para estimular e diversificar nossas trocas comerciais. Estamos interessados em parcerias produtivas em setores estratégicos. Um exemplo é a área energética. O Brasil tem, hoje, imenso conhecimento acumulado no desenvolvimento e uso do etanol e do biodiesel. Queremos explorar todas as possibilidades de cooperação que se abrem nesse e em outros setores.

A ousadia e o engenho de nossos antepassados serão sempre fonte de inspiração para a nossa associação. Vencemos oceanos e unimos continentes e povos. Construiremos, agora, as pontes de uma nova cooperação, mais densa e madura.

O vento é favorável e, como disse um dos poetas maiores da nossa



língua portuguesa, “navegar é preciso”.

Meu caro Primeiro-Ministro,

Meu caro Ministro da Economia,

Empresários brasileiros e empresários portugueses,

Esta reunião que estamos fazendo hoje surgiu de uma idéia do presidente Jorge Sampaio, quando nos encontramos em Tóquio, em que ele dizia que era necessário e urgente que empresários brasileiros e portugueses começassem a conversar mais para que nós pudéssemos fazer com que as nossas relações históricas pudessem se transformar em uma coisa mais forte para a economia portuguesa e para a economia brasileira.

Nada melhor do que estarmos cumprindo uma vontade política, num momento em que, certamente, a economia de Portugal demonstra avanços extraordinários, num momento em que a economia brasileira está mais sólida, e eu acho importante, para quem quer convencer alguém a investir no Brasil, convencer com argumentos sólidos.

Os empresários portugueses que investem no Brasil devem conhecer profundamente o que eu vou dizer agora, sobretudo, os brasileiros têm obrigação de saber: não há nenhum momento na história do Brasil, sobretudo na história econômica, em que tenhamos um conjunto de fatores combinados entre si, que dão sustentabilidade à política econômica brasileira.

Vocês sabem que o Brasil viveu paradoxos, às vezes, inexplicáveis. Ou seja, durante muito e muito tempo, todas as vezes em que o Brasil pensava em exportar nós já sabíamos, internamente, que o mercado interno seria asfixiado. Toda vez que o Brasil fortalecia o mercado interno, nós sabíamos que as exportações iriam ser arrojadas. Parecia um antagonismo criado na cabeça dos dirigentes da época, em que não combinava exportação com o crescimento do mercado interno. Nós, agora, estamos provando que é possível crescer as exportações e que é possível crescer o mercado interno, num jogo combinado que permite maior solidez da economia brasileira.



Um outro fator importante no Brasil é que era praticamente proibido a economia brasileira crescer com inflação baixa. Toda vez que se falava em crescimento, no Brasil, já se pressupunha inflação de dois dígitos. Hoje, nós estamos provando que essa máxima não era verdadeira, que é possível crescer com inflação baixa.

Então, o que está acontecendo no Brasil, hoje? Nós temos um crescimento das nossas exportações, nós temos um crescimento da economia, nós temos um crescimento das importações, sobretudo de bens de capital, numa demonstração de que as nossas empresas estão acreditando no futuro e estão se modernizando. Nós temos um crescimento do mercado interno, nós temos um crescimento da poupança interna, nós temos um crescimento do crédito, nós temos um crescimento do superávit de conta corrente, nós temos um crescimento da geração de empregos formais, e o que é que está caindo no Brasil? A inflação e o custo de vida.

Estou dizendo isso para dizer a vocês que, quando assumimos o governo, tomamos a decisão de que era preciso dar uma chance ao Brasil. O Brasil não podia continuar a ser um país que vivesse de momentos eleitorais, que qualquer programa terminasse próximo às novas eleições. Nós estamos convencidos de que o Brasil está preparado para um novo ciclo de crescimento e estamos convencidos de que esse novo ciclo só acontecerá se, do Presidente da República ao mais humilde servidor público brasileiro, à iniciativa privada brasileira e aos trabalhadores brasileiros, nós levarmos a sério que o Brasil não pode jogar fora essa chance excepcional que está tendo.

Todo mundo sabe que, em ano eleitoral, os governantes ficam mais generosos, muitas vezes essa generosidade obriga o governante a cometer atos de irresponsabilidade, até porque o dinheiro que ele vai gastar não é dele, é um dinheiro arrecadado do povo. Nós nos comprometemos moralmente, não apenas com a nossa consciência, mas com o futuro do Brasil, de que embora tenhamos eleições no próximo ano, nós não faremos nenhum gesto e não



tomaremos nenhuma medida que possa significar colocar em risco a solidez das coisas que nós construímos até agora, com muito sacrifício. Eu não vou carregar nas minhas costas a responsabilidade de não ter consolidado a chance que o Brasil precisa de ser, definitivamente, um país desenvolvido. O Brasil já teve muita pirotecnia, já teve muitos mágicos, já se inventou planos à meia-noite que acabaram de madrugada, já se inventou planos que parecia que o Brasil ia ficar rico e, quando terminava o Plano, o Brasil estava mais pobre... Nós não faremos isso. Em economia não tem mágica, tem responsabilidade e tem oportunidades. E nós agiremos com toda a responsabilidade possível e não perderemos nenhuma oportunidade, não apenas aquela que nós criarmos, mas, sobretudo, aquelas que o mercado mundial criar para o Brasil.

Portanto, com essas palavras eu quero dizer aos empresários portugueses: o Brasil continua sendo uma grande oportunidade. E quero dizer aos empresários brasileiros: política e comércio exterior são uma via de duas mãos, a gente não pode querer apenas vender, a gente não pode querer apenas investimento no nosso país. É preciso que a gente também se disponha a comprar, e é preciso que a gente também se disponha a investir. Essa combinação de compra e venda, dos dois lados, e de investimento, dos dois lados, pode ser a combinação perfeita que pode consolidar aquilo que os navegadores portugueses acreditavam quando descobriram o Brasil, de que era possível, apesar do Oceano Atlântico, unir essas duas Nações. Eles já fizeram a parte deles, agora cabe a nós darmos prosseguimento.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na 15ª Cúpula Ibero-Americana: “A Projeção Internacional da Comunidade Ibero-Americana”

Salamanca-Espanha, 15 de outubro de 2005

Circunstâncias muito especiais marcam nosso encontro. Estamos comemorando o trigésimo aniversário do Reinado de Juan Carlos I, hoje nosso anfitrião.

O reencontro da Espanha com a democracia e o desenvolvimento marcou as últimas décadas. Esse processo teve em Sua Majestade um defensor intransigente e líder clarividente.

A transição espanhola para a democracia repercutiu profundamente em nosso Continente. Inspirou os democratas latino-americanos em suas lutas pela liberdade.

A decisão do governo espanhol de sediar esta Cúpula na Universidade de Salamanca possui significado particular. Antes mesmo dos descobrimentos, esta cidade simbolizava o encontro harmônico de culturas. Nela conviveram árabes, cristãos e judeus. Esta Universidade foi responsável por uma das primeiras reflexões humanistas sobre a colonização e suas conseqüências. Aqui prevaleceu a coragem de pensar livremente e de desafiar interesses estabelecidos.

Nossa Cúpula coincide, também, com o lançamento da Secretaria-Geral Ibero-Americana. Essa iniciativa confirma o compromisso de fortalecer nossa coordenação. Favorece e amplia nossa voz coletiva.

Estou certo de que meu amigo Enrique Iglesias trará à Secretaria a competência e a capacidade de trabalho que marcaram sua gestão no BID. Na pessoa da embaixadora Maria Elisa Berenguer, o Brasil terá a honra de ocupar a Secretaria-Adjunta e colaborar para dar estrutura à nossa Organização.



Senhoras e senhores,

A Comunidade valoriza nossa presença coletiva num mundo em profunda transformação.

Aqui podemos discutir sobre os desafios contemporâneos com que se defrontam nossos países. Aumentam as possibilidades de coordenarmos posições. Estamos unidos pelos ideais ibero-americanos. É uma rica experiência política e cultural, em que convivem a latinidade com os valores e culturas de nossas populações pré-colombianas e dos afrodescendentes.

Debatemos, há pouco, a realidade sócio-econômica de nossos países. Avaliamos como podemos unir capacidades para atender aos legítimos anseios de nossos cidadãos. Estaremos, assim, nos habilitando a contribuir para um objetivo ainda maior, a luta contra a fome em escala mundial.

É essa a razão que levou meu governo a propor uma série de iniciativas dentro e fora de nossas fronteiras. São ações que buscam promover o desenvolvimento com dignidade e distribuição de renda.

Nossa Comunidade não está partindo do zero. Vários projetos em curso entre nossos países testemunham o potencial dessa cooperação. Ressalto, em particular, a iniciativa para identificar fontes inovadoras de financiamento para o combate à pobreza extrema que lançamos em setembro passado, em Nova Iorque. Esse movimento, com forte participação ibero-americana, recebeu amplo apoio da comunidade internacional.

Isso nos estimula a continuar amadurecendo estudos e propondo medidas concretas. Estamos contribuindo, assim, para o cumprimento de várias das metas adotadas na Cúpula do Milênio.

O debate ibero-americano, no entanto, pode e deve ser mais ambicioso. Nossa diversidade nos permite uma visão mais abrangente e, sobretudo, mais solidária, da complexa relação entre pobreza, desesperança e violência.

Foi também sob o signo da solidariedade que abordamos o tema da migração. Entre nós, o fluxo de gente em busca de um novo lar e de novas



oportunidades não constituiu, historicamente, um problema. Contribuiu, seguramente, para a diversificação da paisagem humana de uma região marcada pelo “encontro de civilizações”.

Fiquei feliz que, em nosso debate anterior, fossem apresentadas soluções criativas, permitindo que o tema migratório em nossos países possa ser resolvido de forma justa e democrática. Penso, sobretudo, na necessidade de garantir condições dignas aos trabalhadores, independente de seu status migratório.

Senhoras e senhores,

Há um fio condutor que vincula nossos países e distingue nossa atuação internacional. É a “afinidade na diversidade”. Ela se alimenta da riqueza de nossas diferenças e nos permite dar resposta eloqüente às ameaças do mundo contemporâneo. O nome dessa resposta é tolerância.

Promover a paz, democratizar o sistema internacional, lutar contra o terrorismo, impulsionar o desenvolvimento sustentável, o combate à fome e à pobreza. Só venceremos esses desafios se soubermos derrotar preconceitos e desconfianças. É essa a maior contribuição que nós, ibero-americanos, podemos prestar. Somos exemplo de que as fronteiras entre Norte e Sul, entre ricos e pobres, entre religiões, culturas e civilizações, podem e devem ser superadas pelo diálogo e conhecimento mútuo. Nossa história de lutas também foi escrita em momentos de convívio e de conciliação.

Senhoras e senhores

Já estamos mostrando o que podemos fazer nas áreas da cultura e da educação. Trabalhamos na preservação de nossa herança comum e na valorização de nossas individualidades. Esse é o objetivo da Carta Cultural, cujas bases estamos adotando.

Investimos em nosso futuro coletivo. Vários dos projetos que estamos implementando dirigem-se às nossas crianças e jovens.

O crescimento sustentável deve ser nosso legado para essa nova



geração. Dele, dependem nossas esperanças de paz, democracia e segurança para todos.

Por essa razão, apoiamos com entusiasmo a iniciativa do governo espanhol de converter dívidas de países mais pobres em investimentos em educação. Recursos desse programa poderão ajudar na expansão do ensino do castelhano em nossas escolas públicas, onde a oferta já é obrigatória no ensino médio. Como credor, o Brasil somou-se a essa idéia dispondo-se a perdoar a dívida de Cabo Verde em troca da constituição da primeira universidade pública daquele país.

As instituições financeiras internacionais têm um papel insubstituível no financiamento do desenvolvimento, dentro do espírito das decisões de Monterrey. Devemos exigir delas, mais firmemente, compromissos com o financiamento de programas de infra-estrutura indispensáveis à distribuição de renda e ao crescimento.

Por sua vez, gastos com educação, saúde e infra-estrutura devem ser, em realidade, caracterizados como investimentos. Somente assim asseguraremos nível adequado de bem-estar e de prosperidade para todos os povos ibero-americanos.

A trajetória recente de nossos parceiros ibéricos, no seio da União Européia, nos serve de estímulo e inspiração. Vemos, com muita confiança, as parcerias econômicas que estamos desenvolvendo no âmbito da Comunidade.

Com nossos vizinhos do Mercosul, da América do Sul e com o conjunto da América Latina, estamos engajados em um processo de integração sem precedentes. Assim como os homens de negócios, toda a sociedade civil é chamada a participar de nosso esforço de concertação.

Queridos amigos,

A solidariedade que inspira nossa Comunidade Ibero-Americana leva a marca da inclusão. Queremos fazer valer nossa visão participativa no cenário internacional, seja nas discussões sobre a democratização da ONU, seja em



favor de negociações comerciais mais justas e equilibradas.

A luta contra os subsídios que países desenvolvidos dão à produção e às suas exportações agrícolas deve fazer parte de nossa agenda. Não podemos perder a oportunidade que nos oferece a Rodada de Doha para construir um mundo mais justo e equilibrado.

A atuação conjunta de vários de nossos países no Haiti é emblemática do que podemos realizar. Deve e pode tornar-se paradigma de um novo modelo de resolução de conflitos e de apoio a países em grave crise econômica e social. Sem truculência ou hegemonismos, queremos contribuir para a paz e a reconstrução econômica e social do Haiti.

Nossa ambição e nossa vontade política condicionarão nossa projeção na cena internacional. E o alcance de nossos projetos estará sempre determinado por nossa capacidade de conciliar afinidades e diferenças.

Nossa Comunidade deve ampliar seu diálogo internacional, em particular com a África. Poderíamos começar pelos países de língua portuguesa e pela Guiné Equatorial, de expressão castelhana, que já manifestaram esse interesse.

Nossa proximidade não é medida apenas em valores e aspirações. Nessa jornada, estou seguro de que saberemos utilizar, a nosso favor, as maiores virtudes que possuímos: a riqueza inesgotável de nossa gente e a certeza de que compartilhamos uma história e um destino comuns.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de celebração do 60º aniversário da FAO**

Roma-Itália, 17 de outubro de 2005

Senhor Jacques Diouf, diretor-geral da FAO,
Senhoras e senhores chefes de delegação,
Meus amigos e minhas amigas,

É com muita satisfação que participo das comemorações dos 60 anos da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. Minhas palavras em português estão sendo agora traduzidas para as cinco línguas oficiais da Organização.

Vemos, com especial satisfação, a introdução do português – falado por 250 milhões de pessoas em oito países e quatro continentes – como língua de trabalho da FAO.

A FAO nasceu no mesmo ano em que foram criadas as Nações Unidas, o que não é mera coincidência. Um mundo de paz e segurança é indissociável dos esforços para garantir o pleno acesso ao mais fundamental dos direitos humanos – o direito à alimentação.

O Brasil contribuiu muito com a FAO nestes 60 anos. Josué de Castro, geógrafo e grande pensador sobre a questão da fome, teve atuação destacada como Presidente do Conselho da FAO. É nele que temos inspiração, ao concebermos o principal programa de política pública de meu governo: o Fome Zero. Partimos do diagnóstico de que, no Brasil, não há problema de oferta de alimentos. Há, sim, um problema de acesso aos alimentos.

A fome é sinônimo de falta de emprego, de renda, de educação, de saúde, de condições de vida dignas para dezenas ou centenas de milhões de



brasileiros, de milhões em todo o mundo, e de políticas de segurança alimentar.

Em uma palavra: a fome, no Brasil é, acima de tudo, um problema de exclusão social. Disso posso dar testemunho, porque essa dura realidade aprendi da forma mais difícil: vivendo-a.

O programa Fome Zero reconhece o caráter emergencial do combate à fome. Por um conjunto de ações são distribuídos alimentos para acampados Sem-Terra, indígenas e quilombolas como chamamos os escravos libertos que vivem em comunidades do interior. A merenda escolar também atende às crianças da rede pública de ensino.

Mas o Fome Zero busca, além disso, a mudança dos fatores estruturais que levam à fome. Por isso, a ênfase na reforma agrária, no apoio à agricultura familiar, na democratização do acesso à terra, no crédito, na assistência técnica e na comercialização dos produtos agrícolas.

Milhões de famílias recebem do governo auxílio financeiro, desde que mantenham seus filhos na escola e os levem aos serviços públicos de saúde.

Já garantimos, nesses 34 meses de governo, renda mínima de 7 milhões e 700 mil famílias. Até o fim de 2006, queremos atingir todas as famílias que vivem abaixo da linha da pobreza em nosso país.

O Programa Nacional de Alimentação Escolar hoje distribui 36 milhões de refeições por dia, alcançando, agora, crianças da pré-escola e da creche. Seu valor, estagnado há 10 anos, cresceu 38% nesses 34 meses de governo.

Sabemos, ao mesmo tempo, que a segurança alimentar dos estudantes estará em risco se o núcleo familiar não contar com a renda que lhes permita permanecer na terra e produzir.

Não basta distribuir alimentos. É preciso que o pequeno agricultor tenha a quem vender sua produção, pois temos sempre que ter presente que 10% do PIB no Brasil provém da agricultura familiar. Ela é responsável pela produção de itens essenciais para a alimentação de nosso povo, como o feijão, a



mandioca, o milho e o leite. E é, assim, que estamos executando um amplo programa de reforma agrária.

O Programa Nacional de Financiamento da Agricultura Familiar recebeu, somente neste ano, 9 bilhões de reais, beneficiando dois milhões de famílias este ano.

Tão importante quanto gerar números recordes, é assegurar que as necessidades dos assentados sejam atendidas. Por isso, a ênfase de nossas ações governamentais na infra-estrutura rural, na comercialização da produção, na saúde e na educação.

O orçamento global do programa Fome Zero teve crescimento de 82% em um ano, atingindo o equivalente a 5 bilhões de dólares. Nunca um governo no Brasil investiu tanto para combater os males da fome.

E seguiremos aumentando os recursos, até que todos os brasileiros possam fazer pelo menos três refeições por dia. Este é um compromisso que assumi desde antes de chegar à Presidência e que levarei adiante com máximo empenho.

Senhoras e senhores,

O combate à fome e à pobreza está hoje no centro da agenda internacional. E isso só tem sido possível porque muitos de nós, governos e organizações da sociedade civil estamos engajados nessa luta, fazendo com que passe a ser uma questão política e não apenas uma estatística.

Em parceria com meus colegas da França, Chile e Espanha, promovi, em setembro do ano passado, em Nova Iorque, encontro mundial de líderes para uma ação contra a fome e a pobreza.

O objetivo da iniciativa é buscar recursos adicionais para o financiamento do desenvolvimento e o combate à fome e à pobreza, por meio de instrumentos novos e criativos.

Cerca de 60 Chefes de Estado e mais de 100 delegações estiveram presentes à reunião de Nova Iorque. De lá para cá, muita coisa aconteceu. O



tema do financiamento ao desenvolvimento virou destaque nas Nações Unidas, no Banco Mundial, no FMI e também nas reuniões do G-8, como a última cúpula realizada na Escócia. É uma contribuição valiosa para cumprirmos, talvez, a mais ambiciosa das Metas do Milênio, a diminuição da pobreza no mundo pela metade, até 2015. Estou convencido de que isto é possível.

Os recursos da ajuda oficial ao desenvolvimento devem ser aumentados. Sabemos, porém, que no curto e no médio prazo, continuarão sendo insuficientes.

Precisamos de uma parceria renovada entre governos, empresários e sociedade civil para superarmos o atual déficit de financiamento do desenvolvimento. Já estamos dando passos concretos nesse sentido.

Junto com nossos parceiros, em particular com a França, Chile, Espanha e Alemanha, desenvolvemos um projeto-piloto baseado na aplicação de pequena contribuição sobre a emissão de bilhetes aéreos internacionais. Também estamos examinando medidas que possam facilitar e reduzir os custos das remessas dos emigrantes a seus países de origem. São recursos importantes, estimados em dezenas de bilhões de dólares, que ajudam na geração de renda e emprego.

Buscamos instrumentos que possam, de forma estável e previsível, complementar os fluxos tradicionais de assistência oficial ao desenvolvimento. O objetivo é fazer com que os países beneficiados possam desenvolver-se de forma sustentada e, um dia, prescindir da ajuda externa e caminhar com as próprias pernas.

Os mecanismos que propomos não diminuem a importância de um sistema multilateral de comércio justo e equitativo.

O montante de recursos gastos com subsídios agrícolas equivale a seis vezes o valor adicional necessário, a cada ano, para viabilizar o cumprimento das Metas do Milênio. Esta situação tem que mudar.

O fim dos subsídios agrícolas é, sem dúvida, a chave para o êxito da



Rodada de Doha na OMC. Saudamos, dessa forma, a iniciativa da União Européia e dos Estados Unidos de reduzirem o montante dos subsídios à exportação. Ainda que os volumes anunciados não sejam suficientes, trata-se de gesto de boa vontade que deve ser valorizado.

Precisamos concentrar nossos esforços para que uma parcela da riqueza gerada pela globalização seja revertida em favor dos países mais pobres. Como venho repetindo, não haverá paz e segurança em um mundo em que um bilhão de pessoas não tem o que comer.

No dia 11, antes de embarcar para a Europa, encaminhei ao Congresso Nacional projeto de lei de segurança alimentar e nutricional no Brasil, em cumprimento das Diretrizes Voluntárias para o Direito à Alimentação.

Estamos, com isso, convidando os poderes estaduais e municipais a se juntarem à iniciativa, é uma oportunidade para que todos os homens públicos de meu país. Manifestemos nosso compromisso com esse direito, que não é outro senão o direito à vida.

No âmbito regional, ao final da Conferência Latino-Americana sobre a Fome Crônica, realizada na Cidade da Guatemala há poucas semanas, assumi o compromisso de anunciar, aqui em Roma, o lançamento da iniciativa “América Latina sem Fome”.

Depois de minha passagem pela Guatemala, o furacão Stan causou perdas importantes na agricultura daquele país e em toda a América Central. A FAO deve estar preparada para ajudar a garantir à população atingida auxílio urgente às vítimas e recuperação da atividade agrícola da região.

Estou certo de que contaremos com a colaboração da FAO para levar adiante nosso objetivo de caráter emergencial e de superar esse mal no continente latino-americano até 2020.

Nesse mesmo espírito, meu companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação, está assinando memorando de entendimento com a FAO. Esse documento permitirá a cooperação em iniciativas no campo da alimentação



escolar com outros países da América Latina, África e Caribe, começando pelo Haiti.

Senhoras e senhores,

Como sinal da importância que atribuímos à parceria com a sociedade civil na luta contra a fome, escolhemos Porto Alegre para sediar a Conferência Internacional da FAO sobre a Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural, em março de 2006. É uma referência à cidade que, por três vezes, foi sede do Fórum Social Mundial e que simboliza a idéia de que “um outro mundo é possível”.

Esta é outra forma de demonstrar nosso empenho em incorporar a segurança alimentar e nutricional à agenda internacional. Temos de dar sentido estratégico à produção de alimentos, sobretudo aquela proveniente dos pequenos agricultores.

Senhoras e senhores,

Apesar do relevante trabalho realizado pela FAO e por outros organismos internacionais dedicados à luta contra a fome, muito ainda resta por fazer para erradicar esse flagelo da face da Terra.

A fome continua a matar muita gente. Quando não mata, provoca doenças ou compromete para sempre o desenvolvimento de crianças, mulheres e homens.

Em um mundo de avanços tecnológicos e de abundância, é indigno e inaceitável que a fome ainda esteja presente na vida de milhões de homens, mulheres e crianças de tantos países.

Temos que dar sentido de urgência à solidariedade internacional. Temos de fazer da luta contra fome e a pobreza um compromisso político e um projeto de vida. A FAO ocupa um lugar central nesse esforço. Continuaremos empenhados no fortalecimento da Organização e de suas práticas democráticas.

Quero expressar, em nome do povo brasileiro, votos de pleno êxito à



FAO e de renovado apoio ao seu diretor-geral, meu caro amigo Jacques Diouf.

Desejo vida longa à Organização e espero que daqui a 60 anos possamos ser lembrados como os homens e mulheres que juntaram esforços para tornar a fome e o direito básico à alimentação, em definitivo, coisas do passado.

Meus amigos e minhas amigas,

Queria terminar dizendo a vocês que a fome não é um problema econômico, não é um problema da produção de alimentos, não é um problema tecnológico, é um problema eminentemente político. Ou nós transformamos a fome num problema político, e não num problema de estatística ou num mero problema social – em que todos nós o utilizaremos em discursos nas campanhas eleitorais – ou nós o transformamos num problema político, em cada reunião de que participarmos, sobretudo junto aos países ricos. E, ao mesmo tempo, nos países mais pobres, nós temos que dar exemplos de civilidade, de honestidade, de ética, para que possamos merecer os olhares solidários de milhões e milhões de seres humanos que, muitas vezes, gostariam de contribuir mas, muitas vezes, têm medo que o seu dinheiro não cumpra a finalidade para o qual foi doado.

Eu termino o meu mandato no dia 31 de dezembro deste ano (2006). E, se Deus quiser, quero que o secretário-geral Diouf faça um outro ato como este para que possamos ter a oportunidade de vir aqui e provar que é possível garantir a todos os pobres do mundo que eles possam tomar café de manhã, almoçar e jantar todo dia. Esse é um direito sagrado, é um direito elementar, porque a fome é, sem dúvida nenhuma, a maior arma de destruição em massa que temos nos dias de hoje. Ela mata mulheres, ela mata fetos, ela mata crianças, ela mata inocentes que, muitas vezes, não aprenderam ainda nem a gritar que estão com fome.

Esse desafio não é da FAO, não é meu, não é individualmente de nenhum de vocês. Esse desafio é de 6 bilhões de seres humanos que não



podem, em nenhum momento, deixar de estender a mão para aqueles que mais precisam de nós.

Muito obrigado e parabéns à FAO.

OBS.: Falta pequeno trecho improvisado no início deste discurso, onde o presidente agradece a Medalha da Agricultura que lhe foi concedida pela FAO



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da celebração do 60º aniversário da FAO

Roma - Itália 17 de outubro de 2005

Quero agradecer as palavras do presidente Ciampi e a calorosa acolhida do povo italiano. Brasil e Itália estão ligados por laços históricos e culturais. Mais do que isso, somos unidos por vínculos familiares e de sangue.

Parte importante de nossa história foi escrita com a ajuda de imigrantes italianos que vieram em busca de um futuro melhor e terminaram por “fazer a América”. Realizaram sonhos e ajudaram a construir o Brasil.

No novo continente, tiveram destaque em vários setores da sociedade brasileira. Com o suor do seu trabalho e com seu talento, participaram diretamente da industrialização do país, despontaram na vida acadêmica, nas letras e nas artes. Contribuíram, também, para o desenvolvimento do pensamento político brasileiro e para a formação do movimento sindical, onde iniciei a minha vida pública.

Hoje, a comunidade ítalo-brasileira tem cerca de 25 milhões de pessoas. A grande São Paulo é a maior cidade italiana fora deste país. Temos uma pequena Itália no coração do Brasil. Os imigrantes e seus descendentes têm muito orgulho de suas origens, sem deixar de ser cem por cento brasileiros. Esse é um dos grandes trunfos do Brasil. Somos uma nação pluriétnica, aberta a todas as culturas, forjada na tolerância e na diversidade.

Meu caro presidente Ciampi,

Vejo com entusiasmo a decisão do governo italiano de renovar e reforçar nosso diálogo político e de fazer do Brasil parceiro estratégico na América do Sul. Essa decisão corresponde ao empenho brasileiro de valorizar cada vez mais nossos vínculos tradicionais com a Itália.



Nossos ministros têm trabalhado intensamente para dar novo conteúdo à agenda bilateral. O Protocolo de Intenções que estamos assinando renovará nossa cooperação bilateral em campos estratégicos. Incluímos entre nossos objetivos as áreas de energia, ciência e tecnologia, indústrias criativas e turismo. O volume do comércio entre o Brasil e a Itália atingiu o significativo valor de 5 bilhões de dólares em 2004.

Ainda assim, estamos muito aquém de nossas potencialidades. Estou certo de que a missão empresarial de alto nível que a Confindustria enviará ao Brasil em 2006 identificará novas e promissoras oportunidades de negócios. Temos de incentivar os investimentos recíprocos. A Itália é o quinto maior investidor estrangeiro no Brasil. As inversões italianas tiveram um crescimento de 300% na última década.

Hoje, o Brasil inicia uma nova etapa de investimentos em infra-estrutura. Criamos um novo modelo de Parcerias Público-Privadas para a licitação e execução de grandes projetos. Estamos engajados na ampliação e modernização da base produtiva brasileira e esperamos contar com a presença de empresários italianos. Queremos, sobretudo, incentivar o intercâmbio entre nossas empresas pequenas e médias.

Hoje, o Brasil e seus vizinhos estão empenhados num grande esforço de integração da América do Sul. Abrem-se, com isso, perspectivas para um mercado ampliado e grandes oportunidades de negócio.

Caro Presidente,

Brasileiros e italianos vêem o mundo através das mesmas lentes da herança latina e humanista. Nossos laços históricos devem facilitar o diálogo e cooperação no cenário internacional. Partilhamos a convicção de que não haverá paz e segurança duradouras enquanto não tivermos um mundo mais equilibrado econômica e socialmente.

Por essa razão a Itália está se juntando ao Brasil e a outros países na Ação Internacional contra a Fome e a Pobreza. A participação italiana



enriquecerá nossa busca de mecanismos inovadores de financiamento. Já estamos trabalhando em projeto piloto de taxaço voluntária de bilhetes aéreos internacionais. Queremos, também, facilitar as remessas dos trabalhadores imigrantes para seus países de origem.

Podemos atuar em conjunto na cooperação triangular com países da África. Penso em projetos na área social, sobretudo para a formação de recursos humanos. Nesse mesmo espírito de promoção da cooperação e do diálogo de civilizaçoes, saudamos a decisáo do Conselho Europeu, com apoio da Itália, de iniciar as negociaçoes para o acesso da Turquia à União Europeia.

Este é um sinal altamente positivo para a promoção da paz e do entendimento entre os povos. No campo econômico, temos dois grandes desafios. O primeiro é a pronta conclusáo do Acordo Mercosul-União Europeia.

O Brasil está empenhado em levar as negociaçoes a bom termo. Será preciso demonstrar sabedoria política para encontrar um ponto de equilíbrio que satisfaça a todos. Neste momento as negociaçoes da OMC merecem nossa atençaço redobrada.

É preciso consolidar os avanços feitos e superar as dificuldades que ainda persistem, de modo a atender as preocupações de todos os participantes, em especial dos países em desenvolvimento. Para todos, mas sobretudo para as naçoes mais pobres, não há alternativa ao sistema multilateral.

Senhor Presidente,

Sei que a Itália, assim como o Brasil, está genuinamente engajada no processo de reforma das Naçoes Unidas. Nossas convergências são maiores do que nossas eventuais diferenças. A Paz e a Segurança, tanto quanto o comércio, dependem fundamentalmente do reforço do Sistema Multilateral, não podemos desperdiçar a oportunidade histórica que temos diante de nós.

Meu caro Presidente Ciampi,

Neste ano celebramos os 60 anos do fim da Segunda Grande Guerra.



Esse é o momento para recordar e honrar os soldados brasileiros e os patriotas italianos que lutaram durante o conflito contra o fascismo. Temos o dever de honrar aqueles que sacrificaram suas vidas pela liberdade de nossos povos e pelos valores da democracia e da paz.

Coragem e determinação semelhantes motivaram os migrantes italianos que arriscaram sua sorte no Brasil e apostaram num país em que quase tudo ainda estava por fazer. É com esse espírito de desprendimento e de solidariedade que construiremos uma nova agenda de trabalho entre nossos países, à altura de nossa história.

Muito obrigado.

OBS: por problemas no áudio, falta pequeno trecho improvisado ao final deste discurso.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com empresários italianos e brasileiros na Confindústria

Roma-Itália, 17 de outubro de 2005

Senhor Adolfo Urso, vice-ministro das Atividades Produtivas,
Meu caro ministro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,

Meu caro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República,

Meu caro Paulo Skaf, presidente da FIESP,

Meu caro embaixador Petroni, que está fazendo, aqui, o papel de mestre de cerimônias neste evento, grande embaixador da Itália no Brasil,

Senhores empresários brasileiros,

Senhores empresários italianos,

Senhoras empresárias brasileiras e italianas,

Jornalistas,

Convidados,

Muitas coisas que eu vou ler aqui já foram ditas. Eu vou ler o meu discurso mas, possivelmente, o que eu queira falar com vocês não está escrito aqui.

Primeiro, é um prazer muito grande poder me reunir com empresários italianos e brasileiros aqui, nesta bela cidade de Roma. Brasil e Itália são tão velhos conhecidos que dispensam apresentações.

Não sei se vocês perceberam quando eu disse ao meu ministro, Secretário da Presidência, eu disse Luiz Dulci, e o “Dulci” já diz o grau de parentesco com os italianos, muito forte.



Eu estou vendo uma pessoa, aqui, e eu preciso dizer para vocês da nossa querida figura, ex-presidente da CNBB, o nosso querido bispo brasileiro, Dom Luciano, que está aqui, curiosamente, para ver o que tem o governo brasileiro para dizer aos empresários brasileiros e aos empresários italianos. Dom Luciano foi um guerreiro na defesa da democracia e dos direitos humanos no nosso país. Foi, não, é um guerreiro. Mas já foi o comandante da tropa e, hoje, ele é um soldado. Prazer em vê-lo aqui, Dom Luciano.

Cerca de 25 milhões de pessoas – mais de 10% da população brasileira – é composta por italianos ou descendentes de italianos. Por isso, qualquer brasileiro pode dizer que temos uma pequena Itália entre nós. Até na minha casa tenho uma “oriundi”, que é a minha mulher, e que faz questão de me provocar todo dia, dizendo que tem sangue italiano e que eu tenho sangue nordestino.

Os imigrantes italianos, e vocês sabem bem, ajudaram a construir o Brasil contemporâneo. Seus filhos e netos continuam contribuindo diariamente para nosso progresso, agora já não mais como italianos, mas como brasileiros. Os imigrantes italianos tiveram papel fundamental no desenvolvimento industrial brasileiro, sobretudo em São Paulo. E aqui está a representação do que significa isso, um genuíno representante dos Matarazzo aqui, na Itália.

Contribuíram, também, para a formação de nossa cultura empreendedora. Por isso, vejo com muita alegria que a troca de experiências continua.

O acordo de cooperação que a Fiesp acaba de assinar com a Confindustria é mais um importante capítulo na centenária história de cooperação entre Itália e Brasil. A presença do presidente da Fiesp, Paulo Skaf, nesta reunião, é outro sinal da importância de uma relação que deve ser preservada e alimentada por novas iniciativas.

São muitas as empresas italianas que se transformaram em histórias de sucesso no Brasil. Seus nomes são parte integrante de nosso processo de



desenvolvimento econômico. Hoje, as unidades brasileiras de firmas italianas são líderes mundialmente reconhecidas em seus setores e contribuem significativamente para o esforço exportador brasileiro.

Senhoras e senhores,

O investimento direto italiano no Brasil cresceu cerca de 300% na última década. Nesse período, o estoque de inversões italianas elevou-se a cerca de 4 bilhões de dólares. Esses números são indicativos da aposta que a Itália faz no Brasil. Revelam o potencial de nossas relações econômicas e comerciais. Temos, entretanto, muito trabalho pela frente.

O comércio entre Brasil e Itália não representa um por cento do total importado e exportado pelos dois países. Nossa corrente de comércio bilateral, hoje em torno de 5 bilhões de dólares, está aquém do que se pode esperar de parceiros com tantas complementaridades e interesses comuns. Devemos levar a cabo novas iniciativas de cooperação empresarial em áreas de alto valor agregado e conteúdo tecnológico, como o projeto do avião AMX.

A Itália é uma história de êxito no processo de internacionalização de suas empresas. Por isso, temos muito que aprender com os italianos. Podemos, também, contribuir com a qualidade de nossos produtos e qualidade de mão-de-obra.

A colaboração entre nossas pequenas e médias empresas é especialmente importante, sobretudo por sua capacidade de gerar novos empregos e capacitação profissional.

Essa cooperação pode ajudar a transformar a pauta exportadora brasileira para a Itália e para terceiros mercados. As empresas italianas podem nos ajudar nessa empreitada e dela beneficiar-se.

Temos de aproveitar as oportunidades abertas pelo acesso preferencial aos mercados regionais. Algumas delas já são efetivas, como as preferências negociadas pelo Brasil com os países da América do Sul. Trata-se de atrativo adicional para os empresários italianos que pensam investir em nosso país.



Mais importante, ainda, será garantir a conclusão do Acordo Mercosul-União Européia no mais breve prazo possível. O Brasil está empenhado em levar as negociações a bom termo. Certamente contamos com a Itália e com seus empresários para chegar a resultados equilibrados e mutuamente vantajosos.

Meus amigos e minhas amigas,

Quero convidá-los a apostar no Brasil que estamos construindo. Muita coisa aconteceu nestes últimos três anos. Consolidamos a estabilidade macroeconômica e retomamos a rota do desenvolvimento sustentado.

Em 2004, nosso PIB cresceu 4,9%. Nossa dívida externa está em seu patamar mais baixo desde 1997. Diminuímos a relação dívida-PIB. A inflação está sob controle. Recuperamos nossas reservas internacionais. Houve queda significativa em nossa vulnerabilidade externa e no risco-Brasil.

Implementamos reformas de importância direta para as atividades empresariais. Mudamos nossa legislação tributária para reduzir o custo dos investimentos, da produção e das exportações. Aprovamos a nova Lei de Falências. Temos novo marco legal para o setor elétrico.

Com a aprovação das Parcerias Público-Privadas, estamos criando um novo modelo para investimentos em obras de infra-estrutura. Aumentam as oportunidades de negócios para os empresários italianos que tiverem visão.

As políticas responsáveis e de longo prazo que adotamos constituem, acima de todo, um compromisso com o povo brasileiro. O bem-estar de 186 milhões de pessoas não pode ser comprometido. O êxito de nosso combate contra fome e exclusão social depende de nossa persistência. Não vamos mudar de rumo.

Nossas políticas econômicas e sociais possibilitaram, em 33 meses, a criação de mais de 3,5 milhões de novos postos de trabalho. Melhoramos o poder de compra do brasileiro mais pobre. Estamos resgatando uma hipoteca histórica. Ao mesmo tempo, expandimos nosso mercado interno.



Nossas exportações atingiram recordes inéditos. Devemos exportar, até dezembro, 117 bilhões de dólares. Nos últimos 12 meses, de economia com pouca participação no comércio internacional, estamos recuperando nossa vocação externa. Nossa corrente total de comércio deve chegar a 30% do PIB. Ocupamos lugar de destaque em vários setores, do agronegócio aos jatos regionais.

Senhoras e senhores,

A atuação externa do Brasil é pautada pela busca do desenvolvimento sustentável e do bem-estar de nossa população. Estou certo de que essa é uma orientação partilhada pela Itália. No passado, empreendedores italianos partiram para o Brasil em busca de seus sonhos. Foram bem-sucedidos e, ao mesmo tempo, ajudaram a construir o nosso país. Tornaram-se brasileiros.

Muito mudou desde o final do século dezenove e o início do século vinte. O Brasil de hoje é muito diferente daquele onde seus antepassados chegaram, o que permanece é a nossa disposição em recebê-los como amigos, como sócios e como parceiros.

Faço aqui um chamado. Aproveitem o grande patrimônio que temos em nosso favor. Nossa história comum, nossas relações de amizade e de conhecimento, o jeito de ser que compartilhamos.

Eu quero dizer aos empresários italianos, porque os brasileiros eu já os conheço – antes, pedir um pouco d'água. Os assessores nunca têm obrigação de saber se estamos ou não com sede. Mas eu queria dizer uma coisa muito importante para vocês. O nosso querido Paulo Skaf e os empresários brasileiros que estão aqui poderão testemunhar isso, quando eu virar as costas e for embora para Moscou – não sei se o Paulo vai para Moscou também. Mas outros empresários brasileiros, e mesmo italianos, que conhecem o Brasil, podem testemunhar. Eu me lembro que havia, há pouco tempo atrás, um medo muito grande do que pudesse acontecer no Brasil com uma vitória do presidente Lula. Uns, talvez por falta de compreensão da própria História do



Brasil, outros porque eram adversários e tinham que falar mal, e outros, certamente, por medo.

Eu me lembro que eu disse num discurso, logo depois de eleito, que qualquer Presidente da República no Brasil, ao terminar o seu mandato, se tivesse sido um bom Presidente ou um mau Presidente, não teria nenhum problema, era mais um, numa história de dezenas e dezenas de Presidentes.

No meu caso, eu afirmei que nós não tínhamos o direito de errar. E não tínhamos o direito de errar porque a expectativa que geramos na sociedade brasileira foi muito grande. Portanto, o nosso compromisso de fazer as coisas acontecerem corretamente era maior do que com qualquer outro Presidente da República do Brasil.

Primeiro, tivemos que tomar uma decisão. E quem acompanha a economia brasileira sabe o sacrifício que fizemos em 2003. Para que pudéssemos conquistar o sucesso de 2004, tivemos que fazer um sacrifício profundo em 2003. Um sacrifício que significou cortar na própria pele, um esforço para que o Brasil não desandasse, para que o Brasil não começasse uma rota de falta de credibilidade.

Ao mesmo tempo, decidimos que se não é possível combinar uma política de crescimento econômico, se não tanto quanto cada um de nós gostaríamos de ter, mas uma política de crescimento econômico que permitisse a combinação entre uma política de estabilização econômica e uma forte política na área social.

Hoje, passados 33 meses, 34, no dia 1º de janeiro estaremos comemorando 36 meses de governo, estão aqui os empresários brasileiros, os empresários italianos que conhecem o Brasil. E eu quero dizer para vocês: nós decidimos não permitir que o povo brasileiro seja enganado mais uma vez, com mágicas na economia brasileira.

Aquelas mágicas que de vez em quando apareciam, que eles diziam: “agora eu vou lançar um plano tal e está resolvido todo o problema da



sociedade”. Fazíamos festa de noite e chorávamos de manhã, porque o sucesso do plano quase que nunca durava mais que seis meses.

Nós resolvemos, então, que o grande plano que nós queríamos ter, para a economia brasileira, era o plano da credibilidade, a recuperação da credibilidade externa, da recuperação da credibilidade interna, fazer as mudanças na legislação que era necessário fazer.

Por isso, no primeiro ano, aprovamos a reforma tributária, que era impossível de ser aprovada, e aprovamos a reforma da Previdência Social. E, agora, ainda falta uma parte da reforma tributária a ser aprovada, que é a desoneração do ICMS, a (inaudível) alíquotas na lógica dos estados brasileiros.

Ao mesmo tempo, nós tomamos como decisão que além das reformas era preciso que nós convencêssemos os investidores externos e os investidores internos a acreditar que desta vez o Brasil ia ter um longo ciclo de crescimento, que pudesse durar 10 anos, 15 anos, 20 anos, mesmo que não crescêssemos a 10% ao ano, como a China, ou a 10% como o Brasil cresceu na década de 70. Mas se crescêssemos vários anos seguidos num nível razoável, nós poderíamos transformar o Brasil, definitivamente, num país desenvolvido e não num país eternamente em vias de desenvolvimento.

Hoje eu posso dizer a todos vocês que, em nenhum momento da história econômica brasileira, nós tivemos uma combinação de fatores tão positivos como nós temos hoje. Quem é empresário no Brasil sabe que quando se decidia exportar, matava-se o mercado interno; quando se decidia recuperar o mercado interno, matava-se as exportações; quando se decidia crescer, a inflação ultrapassava os dois dígitos; quando diminuía a inflação, havia um arrocho, desemprego e recessão profunda na história do Brasil. O que nós estamos combinando? Nós estamos combinando, primeiro, um crescimento econômico; segundo, um crescimento das exportações; terceiro, o crescimento das importações, sobretudo de bens de capital. Está crescendo a poupança interna, está crescendo o crédito, sobretudo para o consumidor brasileiro. Está



crescendo o superávit de conta corrente, está diminuindo a dívida com relação ao PIB. E nós estamos, hoje, com 41 bilhões de superávit na balança comercial.

Esses números que estou dizendo para vocês podem ser pequenos para a rica história econômica da Itália. Mas para o Brasil, que desde 1980 vem sofrendo o descalabro do não-crescimento econômico, da perda de postos de trabalho, eu digo que nós estamos vivendo um momento, eu diria virtuoso, no Brasil. E nós não vamos, em hipótese alguma, permitir que haja qualquer mudança, porque no ano que vem tem eleições e, por ter eleições, é preciso tomar alguma medida populista para poder, mais uma vez, no curto prazo, enganar a sociedade brasileira. Não faremos isso.

Nós iremos continuar com a política econômica com (inaudível) sabendo que agora nós temos que reduzir, cada vez mais, e entrou num processo de redução das taxas de juros. Nós sabemos que, cada vez mais, precisamos facilitar o acesso ao crédito, sobretudo das pessoas que podem praticar o que nós chamamos consumo popular.

Quem não é brasileiro precisa saber que nós fizemos uma pequena revolução no crédito interno ou crédito consignado. Os trabalhadores pegam dinheiro emprestado a juros mais baratos do que no mercado, e eles pagam com o desconto na folha. Mensalmente, vai para a empresa para descontar no máximo 30% do que ele ganha. E em 17 meses colocamos em circulação 23 bilhões de reais. E a poupança interna, que em 2002 era de 17% do PIB, hoje está 24% do PIB.

Então, nós construímos com sacrifício as condições para que o Brasil tenha solidez, para que um ministro da Economia do Brasil, para que um ministro qualquer do meu governo, ou para que um membro qualquer do Parlamento brasileiro, ao viajar, ele possa encarar a todos com um só discurso e com uma só cara.

O Brasil não vai jogar fora a oportunidade que nós construímos.



Certamente a gente poderia ter crescido um pouco mais, certamente o juro já poderia ter caído mais rapidamente. Mas isso já aconteceu outras vezes no Brasil.

Eu me lembro que quando eu disputei as eleições, os juros no Brasil estavam a 15, e não a 19. E todo mundo sabia que não podia ficar em 15, porque a inflação já estava em 12. Ora, nós conseguimos esse equilíbrio. E esse equilíbrio é que vai possibilitar eu poder olhar na cara de cada empresário aqui e dizer: o Brasil não vai mudar de comportamento. Ninguém será pego de surpresa naquele país. Não haverá nenhuma reinvenção, a não ser o cumprimento dos compromissos que nós estamos assumindo com a nossa consciência e com o povo brasileiro.

É por isso que foi possível combinar uma política macroeconômica, que permita que o Brasil cresça razoavelmente, com uma política social que, pela primeira vez na história do Brasil, está dando cidadania às pessoas que não conseguiam comer três refeições por dia, antes de tomarmos posse.

É este Brasil, com forte investimento na área educacional, porque mandamos para o Congresso projetos de lei que significam revolução na educação brasileira. Decidimos fazer mais quatro universidades federais, 32 extensões de universidades federais para o interior do país e mais 32 escolas técnicas, para preparar o Brasil para o século XXI.

E por que século XXI? Porque eu tenho dito, tenho dito a todos vocês que vivem no Brasil, e quero dizer ao Montezemolo, aqui, tenho dito publicamente: o século XIX e uma parte do século XX foram o século da Europa; o século XX foi o século dos Estados Unidos e o século XXI nós não iremos deixar que o Brasil perca essa oportunidade.

Durante vários momentos, na história, o Brasil poderia ter se transformado em uma potência econômica. Deixaram escapar pelos dedos. Estejam certos de que não iremos perder essa oportunidade. Essa é a vez e a hora do Brasil, e nós iremos fazer o que precisa ser feito, enfrentar quem



tivermos que enfrentar, para que o povo brasileiro possa, definitivamente, conquistar sua cidadania.

Há muita coisa a apresentar para o empresariado. Nós estamos tentando organizar um grande evento de empresários, talvez em dezembro, no Brasil, para que a gente mostre todas as possibilidades na área de infraestrutura, no Brasil e na América do Sul. São rodovias importantes, hidrelétricas importantes, redes de transmissão importantes, são ferrovias importantes, são hidrovias importantes, porque nós achamos que na hora em que tivermos a infra-estrutura adequada nós poderemos competir com muito mais igualdade, com todo e qualquer país do mundo.

E estejam certos de uma coisa: nós acreditamos que ainda este ano possamos apresentar ao mundo um acordo União Européia-Mercosul, para que a gente possa transitar, com mais facilidade, com os nossos produtos, tanto na Europa, quanto os da Europa no Brasil.

Mas, ao mesmo tempo, nós pensamos que está na hora de todos nós assumirmos a responsabilidade de garantir que os países mais pobres tenham uma chance de se desenvolver e os países ricos fazerem um investimento nessa região.

Nós estamos fazendo. Cada país da América do Sul, hoje, tem uma obra de infra-estrutura financiada pelo Brasil. E será assim porque nós entendemos que não adianta o Brasil crescer se os seus parceiros estiverem todos pobres. É preciso crescer de forma equânime, como fez a Europa, ajudando a Grécia, ajudando a Espanha, ajudando Portugal a dar um salto de desenvolvimento na sua infra-estrutura.

Quero desejar a todos vocês – já me comprometendo com o Paulo Skaf de que, quem sabe, poderemos encontrar os empresários em março, para saber qual foi o resultado das negociações que vocês fizeram nas visitas dos empresários italianos ao Brasil.

Por isso, eu quero desejar sucesso a todos vocês ou, como dizem os



italianos – está escrito aqui, eu vou tentar ler, aqui: *in boca al lupo*, ou seja, “na boca do lobo”.

Muito obrigado.



Declaração à Imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita de Estado à Rússia

Moscou-Rússia, 18 de outubro de 2005

Delegados que estão presentes aqui, em nome das duas delegações,
Jornalistas brasileiros e jornalistas russos,
Meus amigos e minhas amigas,

Tenho a enorme satisfação de estar aqui, no Kremlin, em minha primeira visita à Rússia.

Minha primeira palavra é de agradecimento, pela generosa acolhida dispensada a mim e à minha comitiva.

Somos países de dimensões continentais, com extensos recursos naturais e parques produtivos altamente complexos. Países de industrialização tardia, nossas economias estão diante de desafios semelhantes. Precisamos nos modernizar, ganhar competitividade, mas, sobretudo, atender às demandas de nossa sociedade.

O povo brasileiro e o povo russo são motivados por um profundo sentimento nacional e por um desejo de presença soberana no mundo.

Meu caro presidente Putin,

Tenho uma grata recordação de sua visita ao Brasil, no ano passado. Nossos encontros vêm ocorrendo em momento altamente promissor das relações entre nossos países. Nunca foram tantos os contatos e os projetos em comum. Nosso intercâmbio comercial alcança cifras recordes. Nossa cooperação em ciência e tecnologia progride.

Também avança a cooperação energética, particularmente no domínio do gás natural e dos usos pacíficos da energia nuclear.



Quando de sua visita ao Brasil, assinamos um memorando de entendimento na área espacial. Desde então, nossas agências espaciais aprofundaram a cooperação nesse setor estratégico.

No próximo ano, irá ao espaço o primeiro cosmonauta brasileiro para cumprir missão no segmento russo da Estação Espacial Internacional. Este será um marco de excepcional significado para as relações bilaterais, revelador do potencial de cooperação entre russos e brasileiros.

Nossa relação cultural tem, também, dado significativos sinais de progresso. A música, a arte, a literatura, a dança russa exercem enorme poder de atração e de aproximação entre os dois países. A escola de balé do Bolshoi, em Santa Catarina, única fora da Rússia, está formando uma geração de jovens que estará sempre vinculada ao seu país. Estamos discutindo a abertura de uma escola de música em Fortaleza, com o apoio do Conservatório Tchaikovsky, de Moscou.

Presidente,

É fundamental aprofundarmos nosso diálogo político. Temos, hoje, uma ampla convergência sobre as principais questões da agenda global.

Estamos desenvolvendo uma fértil troca de idéias sobre os principais assuntos da cena internacional. Queremos um mundo mais seguro e também mais próspero e justo. Condenamos o terrorismo, a proliferação de armas de destruição em massa, mas também afirmamos a necessidade de dar renovado ímpeto ao combate à fome e à pobreza em escala mundial. Queremos contar com a presença da Rússia nos esforços que estamos desenvolvendo para identificar e implementar mecanismos inovadores de financiamento para o combate à fome e à pobreza extrema. Compartilhamos com a Rússia a convicção da necessidade de reforma das Nações Unidas, incluindo o seu Conselho de Segurança, com vistas a dotar aquele órgão de maior legitimidade, representatividade e eficácia.

Meu caro Presidente,



A política externa brasileira tem a Rússia como parceiro estratégico. Entendemos que o enfrentamento ao terrorismo, a democratização das instituições multilaterais e um justo equilíbrio comercial precisam de uma soma de esforços políticos feitos por Rússia e Brasil.

O debate nas Nações Unidas, o debate na Organização Mundial do Comércio e o debate em outros foros multilaterais demonstram que somente o trabalho conjunto dos países emergentes pode criar uma nova geografia política, econômica e comercial.

Brasil e Rússia não têm contenciosos históricos. Portanto, temos um mundo promissor a ser construído. Se juntarmos o conhecimento científico e tecnológico russo com o conhecimento científico e tecnológico do Brasil, se juntarmos a competência da indústria brasileira com a competência da indústria russa, se juntarmos a vontade de ter um mundo justo, da Rússia, com a vontade de construir um mundo justo, pelo Brasil, se juntarmos a capacidade de trabalho do povo russo e do povo brasileiro, certamente estaremos dando ao mundo uma nova cara, sem guerra, sem terrorismo e sem ódio, com muito trabalho, com muita paz e com muita vontade de fazer progredir os nossos países.

Amanhã, quando chegar ao Brasil, volto com a convicção, com mais esperança... volto com a convicção de que não apenas levei esperança para o Brasil, como deixamos esperança na Rússia. Mas, sobretudo, volto com a convicção de que Rússia e Brasil estão dando passos muito importantes para construir um novo mundo.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do 11º Congresso Nacional do PCdoB – Brasília-DF,
20 de outubro de 2005**

Meus queridos companheiros e companheiras do PCdoB,
Delegados deste 11º Encontro, não-delegados e não-delegadas
também,

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Senhores embaixadores estrangeiros acreditados junto ao meu governo,
Meu caro amigo Renan Calheiros, presidente do Senado,
Meu caro amigo Aldo Rebelo, presidente da Câmara dos Deputados,
Minha querida companheira Marisa,

Companheiros ministros e ministra Dilma Rousseff, da Casa Civil;
Agnelo Queiroz, do Esporte; Ciro Gomes, da Integração Nacional; Luiz Dulci,
da Secretaria-Geral da Presidência da República; Nilcéa Freire, da Secretaria
Especial de Políticas para as Mulheres,

Meu caro companheiro Renato Rabelo, presidente do PCdoB,

Meu querido companheiro Roberto Amaral, presidente em exercício do
Partido Socialista Brasileiro,

Senador Aloizio Mercadante, representando o Partido dos Trabalhadores
na mesa,

Senhoras e senhores senadores que estão no plenário, inclusive quero
saudar o primeiro senador do PCdoB,

Nossos queridos companheiros e companheiras deputados federais,
deputados estaduais,

Prefeitos aqui presentes – eu, pelo menos, vi quatro prefeitos aqui. Eu vi
dois, vi um governador, que é o Jorge Viana, do Acre; o prefeito Marcelo Déda,



de Aracaju, que tem como vice o Edvaldo, do PCdoB; o João Paulo, que tem como vice o Luciano; a Luciana, que tem como vice um companheiro do PT; o Newton, de São Carlos, que está aqui. Não sei se tem mais, se tiver mais, façam de conta que eu citei o nome de vocês porque, também, ninguém me passou o nome dos prefeitos e das prefeitas aqui presentes.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Eu penso que é importante, também, saudar aqui o novo figurão importante do PCdoB, o Aroldo Lima, que foi indicado para a Agência Nacional de Petróleo,

Meu querido companheiro Peta. Eu deixei o Peta, você não estava por último, Peta, eu deixei você por último porque eu acho que como o Peta falou como representante do Movimento Social do PCdoB, eu penso que é importante, antes de eu dizer o que eu quero para os delegados e para a direção do PCdoB, dizer que o Peta, particularmente, em nome da UNE, em nome do PCdoB, tem participado de algumas coisas muito interessantes.

É verdade que, em 1962, os estudantes da UNE gritavam: “Ensino público e gratuito”. Mas é verdade, também, que quando nós tomamos posse, num estado importante como São Paulo, 80% dos estudantes universitários estavam na escola privada e a média nacional chegava a quase 68% dos estudantes brasileiros em escolas privadas. E todos nós sabemos que não fizemos uma revolução no Brasil, viu Cervantes, apenas ganhamos uma eleição, numa correlação de forças extremamente eficaz do ponto de vista do eleitor brasileiro, mas uma correlação de forças mais apertada, do ponto de vista das instâncias congressuais deste país.

É importante ter essas coisas claras, porque nós somos um país em que temos um regime presidencialista, votado num plebiscito, e temos uma Constituição muito parlamentarista. E isso, na conjunção de esforços que temos que fazer para estabelecer essa correlação de forças, o Aloizio Mercadante, o Aldo, o Arlindo Chinaglia e o Renan sabem do trabalho que têm



que fazer a cada dia, a cada hora, para construir as maiorias necessárias para que a gente consiga votar as coisas no Brasil.

E aí entra a participação do movimento social, que eu considero extremamente importante. É verdade que nós estamos longe de construir os sonhos que acalentamos durante anos, décadas. Mas é verdade, também, que a política é medida não apenas pelo desejo, mas pelo espaço de tempo em que a gente mede se é possível ou não fazer as coisas. É como pular na água para nadar. Ou você está preparado para atravessar, ou você não entra na água, ou você corre o risco de morrer afogado. Acho que nós conseguimos avançar muito, talvez nem tanto quanto alguns gostariam, mas também nem tão pouco como alguns adversários gostariam.

Na questão da educação, nós temos a proposta da reforma universitária, que não é uma proposta do governo. O Peta sabe, estava num encontro com mais de 200 representantes de todas as instituições, quando eu fiz questão de dizer que o projeto de reforma universitária era um projeto da sociedade civil, em que o papel do governo era encaminhar ao Congresso Nacional, e ainda pedir para a sociedade civil, representada naquele encontro por 54 reitores, UNE e mais outras dezenas de entidades representativas de funcionários. Eu pedi para que fôssemos ao Congresso Nacional conversar com cada bancada para que as pessoas entendessem que não era um desejo meu.

Eu me lembro que eu até disse, na reunião: “eu não sou estudante, eu não sou funcionário, eu não sou professor, por que eu estava querendo a reforma universitária se vocês, que são, não querem assumir?” Assumiram a reforma universitária, como assumiram também, coletivamente, a proposta do Fundeb, que é uma pequena revolução na educação brasileira e, para isso, nós precisamos sensibilizar o Congresso Nacional que, se votar este ano, começa no ano que vem, se não votar este ano, nós vamos começar apenas em 2007. E não é um trabalho de um deputado convencer o outro. Isso é muito importante, fazer um trabalho em que a sociedade convença os deputados e os



senadores de que é importante o Fundeb ser votado este ano, porque é um marco na educação brasileira.

Mas não é apenas isso, o companheiro Peta está acompanhando e sabe que o que nós estamos fazendo na educação é muita coisa. Nós decidimos fazer quatro universidades federais novas, uma na Bahia, em homenagem a (inaudível), uma no Paraná, que é a primeira Universidade Tecnológica, uma em Dourados, no Mato Grosso do Sul, e outra universidade no ABC Paulista, que não tinha universidade federal. Mas, além disso, nós aprovamos 32 novos campi. Serão extensões das universidades federais brasileiras nas cidades do interior deste país. Por exemplo, quem é mineiro aqui, nós vamos levar uma extensão da universidade federal para o Vale do Mucuri, em Teófilo Otoni, e vamos levar outra para Araçáí, no Vale do Jequitinhonha, além de outras regiões do país, como já inauguramos a de Garanhuns. E vamos levar, em homenagem ao Aldo, acho que para Palmeiras dos Índios, Arapiraca. E por que estamos fazendo isso? Porque hoje, no Brasil, o estudante que quiser estudar numa escola pública tem que ir à capital, porque as universidades não foram pensadas para o interior. E nós temos consciência de que, levando as universidades para o interior, a gente vai gerar desenvolvimento nas cidades pobres do nosso país.

Mas além das quatro novas e das 32 extensões, nós vamos fazer mais com o compromisso de 32 escolas técnicas no Brasil, para as regiões mais necessitadas do país. Apenas para mostrar alguma coisa na área da educação, além de mostrar que foi preciso contratar, e fizemos um concurso para contratar seis mil novos professores que tinham sido mandados embora por conta das aposentadorias, pediram para se aposentar e não tinha tido reposição. E além disso, uma coisa importante que nós achamos que é preciso fazer com a educação brasileira, é apostar de forma muito forte na questão do ensino fundamental. E a molecada está precisando de uma chance.

Não sei se todos os companheiros do PCdoB sabem, no Brasil nós



tínhamos a Olimpíada da Matemática feita pelas escolas particulares, ao todo participavam 200 e poucas mil pessoas. No ano passado, nós tomamos a decisão de fazer a Olimpíada da Matemática na escola pública. Muita gente achou que seria um fracasso, que criança pobre não iria se inscrever na Olimpíada. Sabem quantas crianças se inscreveram? 11 milhões de crianças, dois milhões a mais que nos Estados Unidos, que têm nove milhões e era considerada a maior quantidade de estudantes numa Olimpíada. Se a coisa der certo, nós poderemos criar a Olimpíada de Geografia, a Olimpíada de História, ou seja, poderemos motivar a nossa meninada a ter mais prazer de ir para a escola.

Eu estou dizendo essas coisas de educação apenas para fazer justiça ao trabalho que os companheiros da UNE, do PCdoB, do PT, do PSB tiveram de enfrentamento, de convencimento de pessoas que, ao mesmo tempo que defendem o ensino público e gratuito, não movem uma palha para criar uma vaga a mais numa escola pública. E todo mundo aqui sabe de brigas homéricas que a gente tem para que a gente consiga ocupar mais vagas nas escolas federais e que, muitas vezes, o vício corporativo não aceita.

Então, é uma luta constante, eu acho que nessa área os avanços são excepcionais. Eu acho que muito mais coisas vão acontecer na área da educação porque, na minha opinião e, certamente, na opinião de vocês, não tem, na história da Humanidade, nenhum país que conseguiu se desenvolver sem que antes apostasse na educação.

Então, como não vim aqui para falar mal de ninguém, vim aqui para falar bem do PCdoB, eu queria dizer para vocês o seguinte: o PCdoB tem sido o partido que tem demonstrado a mais extraordinária lealdade na sua relação com o governo, na sua relação com o PT mas, sobretudo, na sua relação comigo. Eu só tive problemas com o PCdoB uma vez na vida, lá pelos idos de 83, o Batista está aqui no meio, eu nem sabia que ele era do PCdoB, achava que era só da AP. Mas aquele episódio, em nenhum momento, criou qualquer



constrangimento na relação futura com o PCdoB. E quero dizer para vocês que eu fico extremamente feliz, primeiro, de ter tido o companheiro Aldo como líder do governo, depois de ter tido o companheiro Aldo como articulador político e, agora, ver os deputados elegerem o Aldo presidente da Câmara. Eu acho que a Câmara estava precisando disso, e eu acho que o Aldo vai fazer bem para a Câmara na sua gestão. Ele só tem que rir um pouquinho mais porque, até para contar piada ele fica sério. Quero dizer para vocês da grata alegria que o PCdoB me deu, indicando o companheiro Agnelo Queiroz para ministro do Esporte. Ele não sabe jogar bola, mas tem feito pelo esporte o que muita gente, especialista em futebol e outros esportes, não conseguiu fazer. Eu chego a dizer, nos debates públicos que, mesmo tendo passado grandes personalidades do esporte pelo governo, eu duvido que no Brasil, em algum momento, algum ministro de esporte tenha feito o que Agnelo Queiroz fez nesses 34 meses de governo.

Quero dizer para vocês que tanto no PCdoB, como no PT, no PSB, em todos os Ps da vida, você tem companheiros que em uma trajetória de 30 degraus consegue subir 29 e pára, cansa, ou sobe apenas três ou quatro e, no meio do caminho, essas coisas vão acontecendo, companheiros vão deixando os partidos, vão saindo. Essas coisas têm que ser encaradas com uma certa naturalidade. E aí eu quero também elogiar o companheiro Renato Rabelo pela demonstração de lealdade, de compromisso e de firmeza, não nos momentos bons, porque é muito fácil a gente ser companheiro nos momentos bons. Agora, duro é a gente ter que ser companheiro em momentos adversos, quando você está precisando de alguém para te estender a mão e essa pessoa sabe que, mesmo tendo divergências internas no partido, nunca faltou o estender de mão do companheiro Renato Rabelo na nossa relação entre governo e PCdoB, entre o Presidente e o Presidente de um partido político.

De forma que eu sou grato aos companheiros do PCdoB pelo que fazem pelo Brasil, pelo que fazem na Câmara, pelo que fazem no movimento sindical



e no movimento estudantil. A parte dos elogios ao PCdoB é pouco, diante da relação que nós temos. Eu dizia ao Aldo, outro dia, que eu aprendi a conviver com o João Amazonas na campanha de 1989 e houve um momento difícil, houve um momento em que eu estava tão baixo na pesquisa, que eu fiquei com medo de dever para o Ibope, sabe, um candidato menos 02. Eu estava angustiado, a gente estava, eu não sei se no Largo da Batata, lá em Pinheiros, em alguma coisa, eu dizia para o João Amazonas, “olha, João, eu estou quase pensando em parar porque eu vou sair devendo tanto, que vou ter que ser candidato mais umas dez vezes para que a gente possa pagar a dívida de eleitores”. E João me dizia: “companheiro, nós vamos ganhar esta eleição. Agora, nós temos que definir o seguinte, nós temos que escolher o nosso público. O teu público, Lula, é a classe operária brasileira. Fala para eles.”

Bem, o dado concreto é que nós fizemos a mais bela página de campanha eleitoral da história deste país. E depois, nas conversas que eu tinha, muitas reuniões com o João Amazonas, doutor Arraes, doutor Brizola, aquelas reuniões complicadas – porque quando tem muitos líderes importantes as reuniões ficam complicadas e ali sempre tem uns que falam mais, outros falam menos – e a voz da ponderação era a do companheiro João Amazonas. Eu digo isso há muito tempo para os companheiros do PCdoB, quando a coisa estava para pegar fogo aparecia o João Amazonas com aquela voz dele, tranquilo, e foi a primeira pessoa que me convenceu de que em política a gente não realiza apenas o desejo que a gente tem, a gente realiza aquilo que é possível realizar. Por isso, ele mostrava a necessidade das alianças políticas, a necessidade de ter aliados junto a setores empresariais nacionalistas. E foi isso que nos possibilitou ganhar as eleições. Todo mundo aqui, do PCdoB, sabe o papel extraordinário que teve o José Alencar na minha campanha, todo mundo sabe.

Pois bem, agora já estamos há 33 meses no governo, 34 meses, e eu queria dizer para vocês, alguns companheiros já sabem: é muito mais fácil ser



oposição do que governar. Eu fui oposição com 16 deputados na Constituinte, o Aroldo Lima e o Aldo Arantes estavam comigo, como deputados. Nós éramos quantos? Uns 30 ali, mas a gente fazia um barulho, que parecia que a gente tinha 200. O Aroldo Lima, uma vez, até subiu no palanque e saiu com o microfone agarrado no peito. Agora, quando você está no governo, você muda duas palavras-chaves. Quando a gente é oposição, a gente fala: eu acredito, eu penso, eu acho. Quando você é governo, ou você faz ou não faz, ou você pode ou não pode. Você não pode dizer: eu acho que eu posso fazer isso, eu acho que eu posso fazer aquilo. Não. Ou você faz ou não faz.

Os embaixadores estrangeiros que estão aqui, que têm experiência de governo, sabem do que eu estou falando. Estou dizendo isso porque acho que nesses três anos nós fizemos o que alguns estudiosos imaginavam que fosse levar dez anos. Aliás, alguns nem imaginavam, alguns imaginavam que com seis meses o Brasil teria acabado, que nós não íamos conseguir fazer nada, que não ia dar certo, que ia ser um desastre total e que, portanto, acabava.

Pois bem, eu vou começar falando de uma coisa da relação com a nossa política externa, porque muita gente acha que é fácil. Muita gente acha que é fácil estabelecer relações entre países, entre governos. Nós tomamos como decisão o quê? Tomamos como decisão o seguinte: se quisermos estabelecer uma nova correlação de forças, e vocês sabem que eu dizia: é possível criar uma nova geografia comercial no mundo e, junto com essa nova geografia comercial, pode ter uma nova geografia econômica, pode ter uma nova geografia política. E eu dizia isso porque trazia as lembranças que eu tinha do movimento sindical, de que era preciso a gente juntar forças para construir essa maioria. E qual foi o primeiro embate que eu tive? Com menos de 30 dias de governo, foi a questão da Venezuela. Toda vez que eu acho que a imprensa está exagerando aqui no Brasil, eu me lembro o que a imprensa fazia com o Chávez.

Eu fui dois dias à Venezuela e fiquei horrorizado de ver o que a



imprensa fazia com o Chávez. Até em propaganda de colchão eles encontravam formas de colocar adjetivos contra o Chávez. E todo mundo sabe o que aconteceu na Venezuela, todo mundo sabe o papel importante que o Brasil exerceu para que a gente pudesse consolidar a Venezuela e o presidente Chávez como presidente democraticamente eleito. Eu posso até contar segredos, aqui, agora.

Eu me lembro da reunião de Quito, na posse do Gutiérrez. Nós tivemos uma reunião com o Chávez e eu propus a ele que era preciso criar um Grupo de Amigos. E o Chávez concordou. Ele tinha que ir para Nova Iorque e viajou. Quando deu, mais ou menos, uma meia-noite, o Fidel me telefona, estava no mesmo andar, queria conversar comigo. O Fidel estava preocupado porque no Grupo de Amigos nós tínhamos proposto Estados Unidos e Espanha. Os Estados Unidos, porque eram a causa da briga e, a Espanha, porque tinha sido o primeiro país a reconhecer, através do presidente José Maria Aznar, o golpe dado na Venezuela.

O Fidel achava que era um absurdo ter colocado os Estados Unidos e a Espanha. Eu dizia, “Fidel, nós não estamos querendo criar, aqui, um Grupo de Amigos do Chávez. É um grupo de amigos da Venezuela, e nós temos que ter gente nesse grupo que seja da confiança da oposição porque se for só do nosso lado, não vale, é preciso criar essa combinação.” Chávez estava em Nova Iorque, eu liguei para o Chávez a uma hora da manhã. Voltei para o Brasil e ele veio para o Brasil, ficamos na Granja do Torto até quase uma hora da tarde conversando com o Chávez e mostrando a necessidade da viabilidade. Até que eu falei: “Chávez, vai dar certo, pode ter certeza de que vai dar certo”. Foi um parto muito difícil. Acertamos o Grupo de Amigos, todo mundo acompanhou pela imprensa o que aconteceu, era muita coisa, muita futrica, muito veneno e, muitas vezes, o Chávez querendo reagir e a gente pedindo para ele ter tranqüilidade. No final, até a Fundação Jimmy Carter terminou ajudando, para que nós consolidássemos o processo do referendo. A



gente tinha tanta certeza de que o Chávez ganharia, que era preciso garantir que houvesse o referendo, para que não ficasse sob suspeição de que era um anti-democrático, que não queria a eleição.

Depois disso, todo mundo sabe as divergências históricas entre Brasil e Argentina. Em política, é tudo um processo de estabelecer confiança, de mostrar que você não quer ter hegemonia, que você quer ter parceria. Nós tivemos uma combinação de fatores muito importantes, que combinou com a eleição de gente importante, a eleição de Kirchner, de Tabaré, foram coisas importantes aqui na região. E nós, então, recuperamos o Mercosul, que estava falido, fizemos uma coisa que todo mundo achava que era impossível fazer, e isso me obrigou a viajar, em 12 meses, a todos os países da América do Sul, todos os países viajaram para cá, tivemos duas reuniões, uma em cada país e, agora, faz pouco tempo, nós consolidamos uma coisa chamada Comunidade Sul-americana de Nações. A Comunidade Andina já é sócia do Mercosul, a Venezuela já é associada definitiva do Mercosul, e nós, agora, estamos espalhando para a América Central, para estabelecer com a América Central e com o Caribe a mesma relação. Por quê? Porque nós, na América Latina, fazíamos o discurso da integração com muita facilidade. É preciso ter integração. Integração, no discurso, acaba quando termina o comício. A integração concreta é a integração física: vai ter estrada para transportar produtos e gente, vai ter telecomunicações, vai ter energia elétrica, vai ter hidrovias, isso é o que conta, verdadeiramente.

E agora, se Deus quiser, quando terminar este ano, o Brasil estará, através do Proex ou do BNDES, financiando exportação, financiando os produtos brasileiros, pelo menos um em cada país da América do Sul, fazendo uma estrada, uma ponte, uma hidrelétrica, porque se não fizermos isso, não haverá integração. Só depois que nós consolidamos a América do Sul, nós resolvemos estreitar a nossa relação com a África. Os companheiros do PCdoB sabem que, durante muito e muito tempo, os governantes brasileiros olhavam



assim para a Europa, por cima, para não ver o mapa da África. Empinavam o nariz, assim, ou ora olhavam para os Estados Unidos. E nós achamos que era necessário recuperar a nossa relação com a África.

Nesses três anos, eu já visitei mais a África do que todos os presidentes da República na história do Brasil. Visitei a África, não apenas porque nós queremos estabelecer uma política comercial mas, sobretudo visitei a África para que a gente dê uma demonstração aos africanos de que nós temos uma dívida histórica com eles, não apenas nós. Nós temos uma dívida histórica com eles e precisamos começar a criar as condições para que essa dívida comece a ser paga, na medida em que a gente possa fazer ajuda para combater a Aids, para produzir etanol, para produzir biodiesel, em várias áreas em que o Brasil pode ajudá-los. E é uma dívida porque muita gente, de vez em quando, pensa que a África é pobre porque é negra. Na verdade, a África paga o preço de, durante 300 anos, ter sido tirada de lá a parte mais saudável da sociedade, a parte mais jovem e transformá-la em escrava no Brasil, em Cuba, nos Estados Unidos e em tantos outros países.

No ano que vem, visitarei mais quatro ou cinco países africanos, que é para dizer: olha, vamos recuperar o tempo perdido. Nós, nem sempre poderemos fazer tudo que gostaríamos de fazer, mas estejam certos de que o Brasil sempre será uma janela.

Depois da África, nós fomos ao Oriente Médio. O que parecia impossível, fizemos aqui uma grande reunião, uma grande cúpula entre o Oriente Médio, os países árabes e os países da América do Sul. Agora, já estamos articulando uma grande reunião na Nigéria entre os países africanos, América do Sul e América Latina. Pois bem, dessa coisa toda surgiu o G-20. Quem sabe perfeitamente bem, o G-20 surgiu em Cancun. Para não citar todos os países, mas os grandes países, China, que está aqui, Índia, Brasil, África do Sul e outros países, Argentina, nós criamos o G-20. O G-20, hoje, é uma espécie de referência nas discussões na Organização Mundial do Comércio. E



passou a ser uma referência porque nós não precisamos brigar com os Estados Unidos nem com a Europa, até porque são parceiros importantes nossos. O que nós estamos dizendo, China, Índia, Brasil, México e tantos outros países? O que nós estamos dizendo? Nós queremos apenas igualdade, nós queremos apenas o fim dos subsídios agrícolas, nós queremos apenas o direito de os países mais pobres poderem colocar os seus produtos no mercado europeu, nos Estados Unidos. Foi por isso que entramos na OMC contra o algodão, contra o açúcar, e ganhamos. E isso não ajuda apenas o Brasil, ajuda, sobretudo os países mais pobres da África.

Bem, estabelecemos uma parceria estratégica, depois, chamada Ibas: Brasil, África do Sul e Índia. Finalmente, eu visitei o último país grande que eu precisava visitar para consolidar a nossa aliança, a Rússia, de onde eu voltei essa semana. E quero dizer para vocês que voltei extremamente satisfeito com a conversa que tive com o presidente Putin.

O que aconteceu, de fato, depois de todo esse processo? O mundo começou a compreender que era preciso começar a mudar. Hoje, nós temos muitos países que estão dispostos a fazer mudanças na política de subsídios. Países da Europa, que antes pareciam intransponíveis, estão certos de que vão fazer. Os Estados Unidos já querem fazer. E por que querem fazer? Não é pelos belos olhos do Hu Jintao ou pelos belos olhos do Lula. É porque, na verdade, os países que se juntaram representam quase quatro bilhões de habitantes, portanto, representam mais da metade da população mundial e estão pensando juntos sobre muitas coisas. Temos divergências no Conselho de Segurança da ONU, nós estamos com divergências com a China, mas tudo bem, isso não mexerá na nossa aliança estratégica. Agora, o que nós não aceitamos é a ONU ser dirigida da mesma forma pela qual foi criada em 1945. O mundo mudou, a geografia não é mais a mesma e, portanto, é preciso incluir outros países: da África, da América Latina e de outros países. Bom, vamos ver se ganhamos. Se não ganharmos, pelo menos disputamos com muita



galhardia.

Eu acho que essa política externa tem dado a nós a oportunidade de consolidar uma aliança que, acho, ainda vai produzir frutos extraordinários.

Eu digo sempre o seguinte: respeito é bom, eu gosto de dar e gosto de receber. Não sou mais importante do que ninguém, e ainda tenho um defeito, não falo inglês, nem francês. Mas eu acho que o que vale na relação internacional é a definição de tipo de soberania que você quer para o seu país, é a definição de tipo do caráter dos governantes e, disso, nós não abrimos mão. E a coisa vai evoluindo. Olha, tem tantas divergências por aí. Agora, em Salamanca, conseguimos aprovar um documento que condena um bloqueio à Cuba. Pensa que é fácil tirar um documento desses? Vocês sabem quantas horas de reunião, quantas conversas, para você conseguir colocar uma palavra? E, de vez em quando, ainda tiram. Então, eu acho que nós avançamos muito, muito. Eu diria que nós avançamos alguns anos em três anos, em se tratando de política externa.

Lamentavelmente, aqui no Brasil, de vez em quando a gente recebe críticas. Se você fizer uma comparação entre os artigos da imprensa internacional de qualquer país e a brasileira sobre política externa, vai perceber a diferença de tratamento. Isso porque, no Brasil, ainda temos uma parte de gente com a cabeça colonizada. Só é bom aquilo que é bom para os americanos, ou só é bom aquilo que é bom para a Europa. Olha, se é bom para a Europa, se é bom para os Estados Unidos, ótimo, vamos ver se é bom, vamos pegar para nós. Agora, tem outra gente no mundo, e nós estamos construindo isso, discutindo similaridades. O que é que um país pode fazer, em que a gente pode ajudar? O Brasil pode ajudar muitos países pequenos na questão do etanol, já que o petróleo está quase impagável e a Petrobras está atingindo sua auto-suficiência agora.

Mas não vai baixar o preço do petróleo, eu não acredito que ele volte aos preços anteriores. Portanto, nós temos que começar a preparar o mundo.



E os países menores têm no etanol e no biodiesel uma grande fonte de energia renovável, geradora de empregos. Eu fui, agora, a Floriano inaugurar uma fábrica de biodiesel e, para cada trabalhador da fábrica, são mil trabalhadores no campo. Então, a possibilidade é enorme, eu acho que nós estamos consolidando. Mesmo assim, eu acho que a gente precisa fazer muito, porque o jogo é pesado. Não pensem que o jogo é fácil, e isso mereceu muitas críticas, todo mundo sabe o tanto que eu fui criticado porque viajo. Tenho vários títulos de doutor *honoris causa* para receber e não recebi nenhum, porque só vou receber depois que eu deixar de ser Presidente, para saber se as pessoas queriam me dar porque eu mereço ou porque eu era Presidente da República. Então, quando terminar o meu mandato, eu vou atrás.

Bem, e aqui no Brasil? Aqui no Brasil, eu digo sempre o seguinte, ou nós assumimos a responsabilidade de transformar em conquista nossa as coisas que nós já conquistamos, ou a direita vai transformar as nossas conquistas em conquistas deles, e nós vamos ficar sem saber o que falar. Porque de vez em quando nós precisamos encontrar alguma coisa para ser oposição. E aí vale qualquer palavra, vale dogma.

Eu vou dizer para vocês um negócio: a gente poderia estar crescendo 10%, 8%, estamos crescendo 4%. A gente poderia estar com o juro mais baixo, e, aqui, é unanimidade. Agora, vamos ver o que está acontecendo na economia brasileira. Os economistas do PCdoB podem prestar um serviço enorme ao governo. Podem analisar do tempo de Juscelino, ou podem pegar para trás, se houve algum momento na história do Brasil em que houve uma combinação de fatores, todos, caminhando para coisas muito positivas. Eu vou enumerar algumas para vocês: crescimento econômico, crescimento nas exportações, crescimento na balança comercial, crescimento no nosso saldo comercial, crescimento da poupança interna, crescimento do crédito popular, crescimento do crédito da agricultura familiar, crescimento da produção industrial, crescimento da massa salarial. Vou provocar os sindicalistas do



PCdoB, eu vi alguns aqui. Nos últimos 20 anos – e eu fui um bom dirigente sindical neste país – durante 20 anos, na grande maioria das vezes nós fizemos movimentos e voltamos a trabalhar sem nada. E o mais forte de tudo isso foi a greve de 1980 porque, depois de 41 dias de greve, nós voltamos a trabalhar sem absolutamente nada. Perdemos férias, décimo terceiro, dias, porque na área particular não tem a moleza do setor público, não, perdeu um dia, perde logo o domingo que é para a gente, quando decidir fazer greve, decidir com responsabilidade.

Pois bem, este ano, 85% dos acordos feitos pelo movimento sindical, ou foram igual ou acima da inflação, coisa que antes era privilégio apenas de duas ou três categorias. Mesmo as mais fortes, como a dos bancários e a dos metalúrgicos, passaram muitos anos sem receber reajuste de salário, muitos anos fazendo acordos abaixo do nível da inflação. Este ano, 85% dos acordos foram igual ou acima da inflação e algumas categorias já negociaram os três anos futuros. Se a gente não assume isso enquanto conquista do movimento, efetivamente, nós corremos o risco de ver outras pessoas assumirem isso.

Uma outra coisa importante, o que está caindo, na verdade? A inflação está caindo, a cesta básica está caindo. Imaginem em que momento nós vivemos isso, no Brasil. Vocês vão ter tempo de debater aqui e eu gostaria que vocês debatessem em que momento a gente viveu um conjunto de coisas combinadas como essas.

Pois bem, companheiros, obviamente que alguém que mora numa capital e, muitas vezes, faz a avaliação do governo pelas manchetes dos jornais, nem sempre tem a informação correta. E, possivelmente, nós dos partidos: PT, PSB, PCdoB e o próprio governo, tenhamos errado na forma de comunicação com a sociedade. Mas os adversários não erram, os adversários sabem perfeitamente bem que não pode continuar assim. Já é demais. Além de ganhar as eleições, vai dar certo. Aí já é demais! Não pode! Tem que dar errado, para justificar a volta deles. É assim, é só pegar a história do que



aconteceu em vários países do mundo.

Eu estou convencido de que em algum momento nós vamos participar de uma plenária como essa, em que a gente possa fazer prestação de contas, porque eu já vi jornais dizendo que eu sou candidato, outros dizendo que eu não sou candidato. Eu nunca disse, nem à minha mulher, se sou ou não sou candidato, nunca disse. Mas, de vez em quando, eu vejo manchetes: “Lula diz que é candidato, Lula disse não sei das quantas.” Nunca disse nem para d. Marisa, nunca disse a nenhum companheiro que milita comigo diariamente, nem ao companheiro José Alencar, que discute política sistematicamente, nunca disse. E tem o momento certo em que eu vou dizer, até porque, como da outra vez, se eu tiver que ser, eu não serei candidato porque eu quero, alguém tem que querer que eu seja candidato.

E hoje, para alguém querer que eu seja candidato, eu tenho que provar que valeu a pena me eleger pela primeira vez. Tenho muita consciência do que vai acontecer no Brasil daqui para a frente, vai ter muito mais coisas. Então, eu acho que nós temos clareza, cada vez que a gente tiver que fazer uma análise, uma análise entre nós, aqui, para sempre medir o seguinte: qual é a correlação de forças que nós temos para fazer tal coisa? Podemos ou não podemos? Vamos conquistar aliados ou não vamos? Eu gostaria de ter uma aliança política com três ou quatro partidos. Agora, é preciso saber que aliança política é como casamento, se eles querem fazer ou não.

Então, companheiros, eu quero terminar dizendo para vocês que eu tenho a nítida e exata noção do papel histórico que nós estamos cumprindo, eu tenho a nítida e a exata noção do que pensa muita gente no mundo, do significado do nosso governo, eu tenho noção do que representa o nosso sucesso, do que representa o nosso fracasso. Uma coisa eu vou dizer para vocês, meus companheiros: podem ficar certos que em algum momento do ano que vem, nós, a direção dos partidos políticos, nós vamos sentar, fazer uma avaliação, e vamos decidir o que fazer. Não será nunca, nem um discurso e



nem uma ameaça dos conservadores deste país que me farão tomar uma decisão. A minha decisão será tomada pela minha consciência e pela consciência dos meus aliados que, junto comigo, percorreram esse difícil caminho para chegar aqui. Tem muita gente que vai dizer: “ah! mas não mudou nada”.

Olha este Congresso do PCdoB? Quem já imaginou o PCdoB fazendo um congresso na Academia de Tênis? Sabe o que é isso? É que hoje vocês não são mais um partidinho, vocês se transformaram em um Partido. Não em um partidão, em um partido grande. Hoje, quando vocês olham a mesa, o terceiro homem da República é do PCdoB. Tem gente que acha que não mudou. Olha, companheiros, para fazer tudo o que a gente quer, vai precisar de mais alguns mandatos.

Muito obrigado, boa sorte e felicidades ao PCdoB.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do Seminário Internacional Bolsa Família**

Brasília-DF, 20 de outubro de 2005

Senhores e senhoras embaixadores acreditados junto ao meu governo,
Meus queridos companheiros ministros presentes a este evento,
Ministro coordenador deste evento e Ministro do Desenvolvimento Social
e Combate à Fome,

Meu querido Samuel Pinheiro Guimarães, interino das Relações
Exteriores,

Dilma Rousseff, ministra da Casa Civil,

Márcio Thomaz Bastos, ministro da Justiça,

Fernando Haddad, ministro da Educação,

Luiz Marinho, ministro do Trabalho,

Nelson Machado, ministro da Previdência Social,

Saraiva Felipe, ministro da Saúde,

Agnelo Queiroz, ministro dos Esportes,

Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Luiz Dulci, ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Waldir Pires, da Controladoria-Geral da República,

Meus queridos companheiros secretários especiais, Nilcéa Freire, de
Políticas para as Mulheres; José Fritsch, da Aqüicultura e Pesca;

Senhor Carlos Nogueira, interino de Políticas de Promoção da Igualdade
Racial,

Minha querida companheira Marisa,

Meu caro Chico Menezes, presidente do Consea,



Meu caro Carlos Lopes, representante da ONU no Brasil, que logo, logo estará representando o Brasil na ONU, porque ele vai voltar para Nova Iorque, Senhora Pamela Cox, vice-presidente regional do Banco Mundial para América Latina,

Meu caro João Sayad, vice-presidente de Finanças e Administração do Banco Interamericano de Desenvolvimento, BID,

Meu querido companheiro, José Orcírio do Santos, Zeca do PT, governador do Mato Grosso do Sul,

Meu querido companheiro Jorge Viana, governador do estado do Acre, Senador Aloizio Mercadante, líder do governo,

Senadora Ideli Salvatti,

Senador Eduardo Suplicy,

Deputado e líder do governo, Arlindo Chinaglia,

Deputada Maria do Carmo,

Deputado Beto Albuquerque,

Deputado Jackson Barreto, agora eu estou vendo a cadeira, acho que ele já foi,

Meus queridos companheiros e companheiras representantes das entidades que colaboram, de um jeito ou de outro, com a Política de Segurança Alimentar no Brasil, com o Bolsa Família,

Meu caro André Spitz, meu caro Selvino Heck, dois companheiros que trabalham no meu gabinete, tentando contribuir para organizar a sociedade,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, eu perdi 21 páginas do meu discurso, porque a exposição e o discurso do Patrus comeram metade do meu discurso, uma felicidade para vocês. Agora, se eu improvisar um pouco aqui, essa felicidade pode não acontecer.



Eu queria dizer, antes de ler algumas coisas que eu acho importantes, só para a nossa memória ser recuperada, que em março de 1993, se não me falha a memória, nós produzimos no Instituto Cidadania um programa de políticas de segurança alimentar. Na época, o presidente era Itamar Franco, eu vim a Brasília e entreguei a proposta de segurança alimentar ao presidente Itamar Franco. Naquela ocasião, criamos o Consea. O presidente do Consea foi o dom Mauro Morelli, o coordenador do programa foi o companheiro Betinho. Mas o programa, naquela ocasião, se transformou muito mais num programa de solidariedade, que era um programa de arrecadação de alimentos.

Eu me lembro que, naquela época, eu tinha sugerido ao presidente Itamar Franco que o Consea deveria estar intimamente ligado à Presidência da República, porque tinha um problema de precisar de recursos do governo federal, e se o Consea fosse atrás do Ministro da Fazenda, a chance seria nenhuma. Então, era preciso que estivesse muito intimamente ligado ao Presidente da República.

O presidente Itamar Franco acolheu a idéia, criou o Consea, o dom Mauro Morelli foi o presidente, o Betinho fez uma campanha extraordinária. Mas eu me lembro que, naquela época, tinha uma divergência que ainda hoje eu vi aqui, na exposição do Patrus, sempre a tentativa de explicar se o programa é assistencialista ou não.

E, na minha vida, as coisas acontecem sempre desse jeito. Quando eu entrei no Sindicato e nós começamos a fazer movimentos, o pessoal dizia assim para mim: “mas o sindicato é assistencialista, o sindicato é economicista.” Não importa o que era, o que importa é que estava cumprindo a sua finalidade.

Quando fui fundar o PT, e ia conversar com os mais ideologizados, que vinham da militância política do passado, o que me irritava profundamente era



alguém perguntar: é tático ou estratégico? Eu lá sabia se eu queria tático ou estratégico, eu queria um partido.

Nesse caso aqui, o que menos me incomoda é saber se é assistencialista ou não. O que me incomoda é saber se as crianças deste país estão tomando café, estão almoçando ou estão jantando. É isso o que me incomoda.

E, aí, cada um dê um nome. Isso é que nem enredo de carnaval. Cada um invente no seu enredo e toque a bola para a frente. O nosso papel não é ficar discutindo filosofia. O nosso problema é discutir o seguinte: o Programa está atendendo, de forma categórica, as pessoas que nós queremos atender? As mães que recebem o Bolsa Família estão colocando os seus filhos na escola? As mães que estão grávidas estão fazendo os exames que têm que fazer? As crianças novas estão tomando vacina? E ainda mais, agora vão ter o Brasil Sorridente, as crianças vão poder sair com os dentes bem tratados também. É isso, é isso que vai contar na história desse Programa. Se a gente entrar no debate academicista, se ele é assistencialista ou não, se ele é estruturante ou não, a gente não vai terminar nunca. No século que vem, Patrus, nós estaremos mortos e terá “nego” discutindo: “mas será que aquele Programa era isso, era aquilo?” Não importa.

O resultado final é o seguinte: quantos anos de vida nós demos a mais para as crianças deste país? Quantos anos de vida nós demos a mais, em se tratando de saúde para as pessoas? Esse é o desejo.

Bom, também, se isso tivesse acontecido com a estrutura com que está acontecendo agora, desde a época em que nós propusemos, certamente nós já teríamos resolvido e, as Metas do Milênio, nós já estaríamos ajudando outros a cumprirem. Mas nós ainda temos que assumir o compromisso e, quem sabe, Carlos, a gente possa conversar com o secretário Kofi Annan para sugerir que cada país crie uma comissão específica para cuidar do cumprimento das Metas



do Milênio. Eu sei que elas são difíceis de cumprir. Eu digo sempre o seguinte: a diferença entre as coisas que parecem impossíveis de serem feitas... o impossível não existe, ele é só mais difícil. Mas se as pessoas ficarem esperando que caia do céu, se cada país ficar esperando que um belo dia, um alemão, um belo dia, um sueco, um belo dia, um americano, um belo dia, um inglês, um belo dia, um dinamarquês vai acordar com pena de alguém que está morrendo na África e, por si só, vai dar o dinheiro, pode saber que nós vamos demorar três séculos para resolver esse problema.

O que é importante, e é esse o compromisso que eu assumi com a minha consciência, com a minha vida, é que nós temos que dar o exemplo. Essa é a coisa mais fantástica, vocês darem o exemplo. E a cada vez que chegarmos para debater em algum lugar do mundo, a gente poder dizer “é possível”. É possível fazer isso, é possível fazer aquilo, por quê? Porque nós fizemos. Obviamente que nós temos consciência e também não é possível acabar com males que estão sendo gerados no Brasil há décadas, há séculos, em apenas quatro anos. Mas o dado concreto é que o começo tem que ser sólido, a fiscalização de um Programa como este – envolvendo o Ministério Público, envolvendo a Controladoria-Geral da República, envolvendo a sociedade civil, envolvendo um monte de gente que quer contribuir – é a única garantia que nós temos de que qualquer governo que venha depois de nós vai ser obrigado, no mínimo, a dar continuidade ao êxito que o Programa está tendo, corrigir as coisas que possivelmente tenham falhas e aprimorá-las.

Bem, mas o mais importante de tudo isso, é que o Patrus disse, no seu discurso, e depois nós vimos ali, na imagem, na exposição feita pelo Ministério, que o Bolsa Família, o programa Fome Zero, é uma espécie de guarda-chuva. Quando o Agnelo Queiroz cria o Segundo Tempo, não deixa de ser uma extensão do Bolsa Família. Quando o Marinho anuncia que no mês de setembro nós criamos 189 mil novos empregos, é a melhor coisa que poderia acontecer ao programa Fome Zero ou ao Bolsa Família, porque essa é a



consolidação do fim, senão da pobreza, mas da miséria, para muita gente no nosso país. Quando nós ficamos ouvindo programas, como o ProJovem, que está, agora, chegando a 190 mil jovens que estão estudando, jovens de 17 a 24 anos que voltaram para a escola e estão recebendo uma bolsa de 120 reais. E prestar um trabalho comunitário, para esse jovem se formar, está dentro do programa Bolsa Família. Quando o Marinho cria o Consórcio da Juventude, que também paga uma mensalidade para jovens aprenderem uma profissão, está dentro do Bolsa Família. Quando nós criamos a Escola de Fábrica, no Ministério da Educação, está dentro do Bolsa Família. E, assim, são dezenas de programas. Por isso, eu não sei se foram 31 programas que vocês mostraram ali.

Há um leque de programas que fazem parte do programa Fome Zero, que fazem parte do nosso desejo de resolver o problema do emprego neste país, o problema da fome, o problema da educação e, portanto, eu acho que aquele mapa do Brasil mostra claramente a grandiosidade do Programa. Aliás, vamos deixar exposto lá, com o antes e o depois, porque muitas vezes, vocês sabem que a imagem vale mais do que um discurso. Possivelmente, as pessoas já esqueceram algumas coisas que eu falei, ou nem prestaram atenção, ou já esqueceram do Patrus, mas a imagem que ficar gravada ali... porque esse é um trabalho sério. Por que é sério? Porque combater a fome não é uma tarefa fácil. Primeiro, porque quem tem fome tem vergonha de dizer que tem fome. O Marinho está lembrado do famoso discurso que fazíamos na porta de fábrica, que o trabalhador tinha vergonha. Você, no domingo, visitando o trabalhador, ele não tinha um pedaço de carne para colocar na mesa mas, se você perguntasse para ele: “você está comendo carne?” Ele falava “estou”, porque ele tinha vergonha de dizer.

Eu sei que, muitas vezes, parece que não faz parte da liturgia presidencial contar determinados casos. Mas, quando eu comecei a trabalhar na Villares não tinha refeitório, não tinha restaurante, a gente levava marmita. E



a segunda-feira, normalmente, é o melhor dia da marmita, porque é a sobra do almoço do domingo, é o bife à milanesa, é o macarrão, é o frango. E eu me lembro, isso está gravado na minha memória, eu me lembro como se fosse hoje, que cheguei, numa segunda-feira – normalmente, sentam-se os mesmos companheiros à mesa, quem já trabalhou em fábrica sabe, às vezes, chegam certos companheiros e sentam-se juntos durante anos e anos, é como se fosse uma confraria – e eu fiquei distanciado porque na minha marmita não tinha mistura. Eu estava lá sentado, cada um dos companheiros abria a comida cheirosa, e quando eu fui abrir a minha, eu vi que não tinha carne. Eu peguei e fechei: “Ah! Eu não estou com fome, não. Vou deixar para comer depois”. E sempre tem aquele cara que faz a pergunta indesejável. O cara falou assim para mim: “ô Lula, me dá a tua mistura”. Eu falei: “não, não vou dar porque eu vou comer mais tarde”. E isso acontece porque as pessoas têm vergonha. Ninguém vai reconhecer para um amigo, para um namorado que não teve o que comer, ninguém vai reconhecer.

Então, combater a fome é um trabalho mais delicado por isso, porque nós temos que encontrar um corte na tal da linha da pobreza e temos que confiar nos dados do IBGE, da Fundação Getúlio Vargas, porque não tem uma coisa mais forte para a gente se pegar. Você se pega nas estatísticas que você tem, algumas com três anos de antecedência, outras com dois anos, outras com cinco. Você trabalha.

O dado concreto, gente, eu vou dizer para vocês, é que tem gente que reclama: “Ah! Mas o governo poderia estar fazendo estradas com isso. O governo poderia estar fazendo isso...” Sabe, eu acho normal, não fico nem nervoso quando as pessoas falam isso porque o cidadão que toma café da manhã todo dia, almoça todo dia, janta todo dia, não tem por que reconhecer a fome com a mesma força com que outros reconhecem. Então, eu acho que é um processo de educação. Muita gente fala: “Ah! Mas poderia estar atendendo a classe média...” O programa Bolsa Família é para atender a classe média. O



resultado final é atender aqueles que pagam impostos no Brasil, porque quanto mais crianças comerem, menos crianças teremos na rua; quanto mais adolescentes estiverem na escola, menos adolescentes teremos na rua ou na criminalidade; quanto mais crianças estiverem comendo na escola, menos pessoas nós vamos ter cometendo delitos e pequenos delitos, tornando-se marginais. Então, no fundo, no fundo, o ganhador de tudo isso não é a própria pessoa que recebe, é a sociedade brasileira que vai ganhar. Por isso, este Seminário é importante.

No âmbito internacional eu tenho, com a graça de Deus e com a compreensão de muitos, sobretudo de pessoas como o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, como o presidente Lagos, do Chile; como o presidente Zapatero, primeiro-ministro da Espanha; como o presidente Chirac, que têm tido sensibilidade de ajudar a organizar campanhas internacionais contra isso. Porque também nós temos que ter em conta o seguinte: nós ficamos habituados a chorar e a lamentar as coisas. Você chega num país e o cara fala: “porque, lá a gente está com ‘hambre’.”

Agora, o que nós estamos fazendo? Tudo bem. Agora, o que eu estou fazendo? Qual é o esforço pessoal que o meu governo está fazendo? O que o meu estado está fazendo? Porque, para que a gente possa sensibilizar alguém de fora a dar uma hora do seu trabalho ou 1 dólar, 1 euro para ajudar outro país, é preciso que a gente faça por merecer. E fazer por merecer não é apenas estar com fome, fazer por merecer é o governo ter um comportamento sério, em que as pessoas reconheçam que dinheiro vai ser aplicado corretamente para cumprir sua finalidade, e aí, sim, nós vamos ter os recursos necessários.

Não é uma tarefa fácil. Confesso a vocês que é uma tarefa extremamente difícil, é uma tarefa que vai precisar de muitas reuniões, de muitas viagens, de muitas conversas para a gente poder convencer o mundo a se dar conta disso.



Já foi aprovado, agora, junto a alguns países, cobrar uma pequena taxa das passagens de vôos internacionais para o combate à fome. Nós tínhamos sugerido que fosse utilizada, um pouco, uma cobrança no dinheiro que está nos paraísos fiscais, que fosse cobrada uma taxa sobre o comércio de armas, que fosse cobrada uma taxa sobre a relação comercial no mundo inteiro. Mas tudo isso são coisas que precisam amadurecer, não é de repente que acontece, não é em uma reunião, em duas ou três, às vezes leva-se dez reuniões para a gente convencer as pessoas a aceitarem colocar uma palavra num documento.

E, como tem um ditado aqui no Brasil que diz: “de grão em grão, a galinha enche o papo”, de reunião em reunião e de palavra em palavra a gente vai construindo a possibilidade de tornar o cumprimento das Metas do Milênio uma coisa muito mais séria, uma coisa muito mais eficaz. É com essa visão que eu gostaria que o mundo olhasse o programa Bolsa Família e o programa Fome Zero.

Eu estou convencido de que a coisa mais importante, de contribuição, que o Brasil pode dar, companheiro Patrus, é de, a cada possibilidade que você tiver de viajar o mundo, você poder mostrar a seriedade do Programa.

Sabendo que, de vez em quando, alguém vai pegar uma falha numa cidadezinha qualquer e vai tentar dar uma dimensão nacional, não vai nem especificar, porque no Brasil é assim: quando as coisas são boas eles não especificam e não dizem nem o nome de quem fez, quando são ruins eles nacionalizam e fica muito difícil as pessoas que estão em casa, que não sabem do Programa, entenderem essas coisas. O que nós precisamos ter claro é que nós precisamos viajar o mundo e ir convencendo as pessoas, viajar o Brasil e ir convencendo as pessoas para que a gente possa consolidar.

Eu ouvi aqui, tanto do Banco Mundial, quanto do representante das Nações Unidas, de que, sem dúvida nenhuma, vocês podem ter certeza: esse já é o mais importante programa de transferência de renda do mundo. Tem



gente que não sabe o que fazer com mil reais, tem gente que não sabe o que fazer com 5 mil, tem gente que não sabe o que fazer 35 mil, com 50 mil. Mas podem ficar certos de que uma mãe que está passando necessidade, quando ela tem na sua mão, 50, 60, 70, 80, 90 reais, ela consegue fazer, com aquele pouco dinheiro, a verdadeira multiplicação dos pães. E é por isso que este Programa ganha uma seriedade maior, porque 95% ou 99% dos recursos são dados para a mãe. Eu disse agora no debate que estava em Salamanca, que a gente dando dinheiro para a mãe, não que as mulheres sejam melhores do que os homens, eu acho que elas têm mais responsabilidade no trato da família. E você não olha feio, dona Marisa, por favor. É que eu acho que a gente dando dinheiro para a mãe, a gente tem a certeza de que o dinheiro vai cumprir a sua finalidade. A mãe não vai ter a vontade de passar na casa lotérica e gastar dois reais, apostando. Se tiver frio, a mãe não vai ter vontade de parar, “mas deixa eu tirar aqui um realzinho e tomar um aperitivozinho aqui porque está muito frio”. A mãe nunca terá essa vontade. A mãe sabe o que é sagrado, a pessoa poder tomar café de manhã, almoçar e jantar. Somente a mãe é que tem noção do que significa crianças agarradas no rabo da sua saia, pedindo as coisas para comer sem ter. Então, quando a gente dá o dinheiro para a mulher, a gente dá o dinheiro com a certeza de que não tem fiscal no mundo melhor do que a própria mãe.

Patrus, eu quero que a gente não tenha 11 milhões e 400 mil pobres no ano que vem, até porque essa quantidade de empregos que o Marinho me anuncia todo mês deve estar contribuindo para diminuir a pobreza no Brasil. Se tudo der certo, e o ritmo continuar assim, nós poderemos chegar aos quatro milhões de empregos com carteira profissional assinada, aí vamos pegar os nossos economistas para dizer quanto cada emprego formal significa na informalidade; o que significa na criação de postos de trabalho a nossa política agrícola; o que significa o crescimento da economia informal, porque ela cresce concomitantemente com a economia formal – gostou do concomitante, hein,



Dulci?

Eu acho, viu Patrus, você que foi o companheiro que, no começo recebeu muitas críticas e críticas e críticas, eu queria dizer uma coisa para você: a gente sempre tem que levar muito a sério as críticas, analisar tudo, mas eu vou te dar um conselho de alguém que aprendeu a fazer isso há muito tempo. O que é importante é a gente ler todos os jornais que puder ler por dia, ler todas as revistas que puder ler por semana, e ver todos os programas de televisão. Temos que ter ouvidos e olhos tanto para ouvir como para ler tudo. Agora, nada, nada, Patrus, é mais prazeroso para um ser humano, sobretudo que faz política, do que, apesar de tudo, deitar todo santo dia com a cabeça no travesseiro e dizer “hoje valeu a pena governar este país. Hoje valeu a pena ser o Ministro do Desenvolvimento Social”, porque chegar a oito milhões de famílias, a oito milhões, com a certeza de que poderemos chegar a quanto for necessário, e ainda acordar e ler no jornal que os juros baixaram mais um pouco, Aloizio Mercadante, saber que o emprego cresceu um pouco mais.

Eu acho que, mais importante do que tudo que estamos fazendo, é a gente dormir todos os dias com a consciência tranqüila de que, fiquem certos de uma coisa, o Brasil nunca mais será o Brasil do acaso, o Brasil nunca mais será o Brasil da mágica. Este país será um país grande, respeitado no mundo, na medida em que os seus governantes sejam grandes e se respeitem. É isso que nós estamos conseguindo. E o programa Fome Zero, Patrus, o programa Bolsa Família, pode ficar certo, é motivo de orgulho e eu falo de “boca cheia” em qualquer lugar do mundo. Quem tiver igual, ótimo. Quem tiver melhor, me apresente. Quem não tiver, por favor, nós não queremos, não patenteamos, não somos pais, nós apenas somos os realizadores de idéias de muitos no Brasil. E o que nós queremos é ajudar que outros países façam igual ou melhor, porque assim nós poderemos chegar, em 2015, e dizer “finalmente nós temos um mundo em que as pessoas bebem e comem todos os dias”.

Muito obrigado pelo trabalho de vocês, que Deus possa abençoar a



dedicação que tem as igrejas e, Patrus, esteja certo, meu caro, se nós cumprirmos a meta para o ano que vem, daqui a 100 anos, quando estiverem discutindo nutrição alimentar neste país, alguém vai lembrar que, um dia, teve um ministro chamado Patrus Ananias que conseguiu, não apenas cumprir a meta, mas finalmente dar seriedade ao programa social brasileiro.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia em homenagem ao Dia do Aviador e da FAB e lançamento da campanha em homenagem ao centenário do vôo do 14-BIS

Brasília-DF, 21 de outubro de 2005

Excelentíssimo senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,

Ministro Nelson Jobim, presidente do Supremo Tribunal Federal,

Almirante-de-Esquadra, Roberto de Guimarães Carvalho, comandante da Marinha,

General do Exército, Francisco Roberto de Albuquerque, comandante do Exército,

Tenente-Brigadeiro-do-Ar, Luís Carlos da Silva Bueno, comandante da Aeronáutica,

Senhores oficiais gerais,

Senhores e senhoras integrantes das Forças Armadas,

Minha querida companheira Marisa,

No meu governo, o grande herói nacional a ser cultuado é Santos Dumont, o que marca e honra a minha gestão, e corrobora que “o melhor do Brasil é o brasileiro”.

Sei dos mais de cem projetos que a Comissão tem para executar neste ano de comemorações. Porém, orientei que o lançamento da campanha repousasse num binômio essencial para o culto de nossos heróis: a cultura e a criança.

Um dos projetos imaginados como mais simples é aquele que atenderá milhares de crianças, alunos das escolas públicas, com a distribuição de livros infantis sobre a vida de Santos Dumont. É um projeto simples na criação, mas



de grande extensão no tempo.

Serão, certamente, os netos e bisnetos dessas crianças que, um dia, farão parte da comissão do bicentenário do vôo do 14-Bis. É com o ato da entrega desses exemplares a essas crianças que fico com a certeza da perpetuação da memória desse gênio.

De forma singela, mas com grande representatividade, quero dizer para vocês que eu e muitos outros brasileiros usaremos este símbolo como forma de demonstrar todo o nosso respeito ao Pai da Aviação brasileira.

Já houve quem quisesse ter a primazia de ter inventado o avião, tentando negar os feitos extraordinários de Santos Dumont. No próximo ano, nós iremos dedicar o ano inteiro de comemoração para que a gente possa fazer valer, não apenas aos brasileiros, mas ao mundo inteiro, quem é o Pai da Aviação. É um brasileiro chamado Santos Dumont, e o resto é apenas pretensão.

Muito obrigado.



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, pelo Dia do Aviador e pelo Dia da Força Aérea

Nesta comemoração do Dia do Aviador e do Dia da Força Aérea Brasileira quero lembrar a figura deste grande brasileiro, o Pai da Aviação e Patrono da Aeronáutica, Alberto Santos Dumont.

Em 23 de outubro de 1906, Paris assistiu, no Campo de Bagatelle, o início de uma nova dimensão na trajetória da Humanidade. Inicia-se, portanto, o ano do centenário do primeiro vôo publicamente registrado de um avião, o 14 Bis, resultado da genialidade de Santos Dumont.

Essa façanha extraordinária merece ser comemorada pelo Brasil e por todo o mundo, expressão que é da nossa capacidade inventiva e estímulo permanente para uma cultura de inovação. O frágil 14-Bis simbolizou a vitória da persistência na realização de séculos de sonhos, de expectativas e de frustrações, recompensando finalmente os idealistas que aspiravam a conquista do espaço.

O vôo inaugural de Alberto Santos Dumont foi uma extraordinária contribuição para o progresso tecnológico, resultado de um trabalho ao longo do qual outros inventos de destaque foram concebidos, ampliando sua participação no elenco das conquistas científicas.

Essa é uma das mais fortes tradições de nossa Força Aérea: sua contribuição para o nosso desenvolvimento científico e tecnológico, seu esforço continuado de pesquisa e desenvolvimento através de núcleos de excelência como o Instituto Tecnológico da Aeronáutica e o Centro Técnico Aeroespacial.

Ao longo do tempo, nossa aviação se transformou em uma das mais respeitadas do Planeta, pelo número de profissionais, pela malha de ligações e pelo porte da frota brasileira, reforçando a nossa dimensão estratégica no cenário internacional. Temos uma Força Aérea totalmente integrada com



múltiplos aspectos da vida nacional.

Herdeira das tradições da Aviação Naval e da Aviação do Exército, ela conquistou o carinho e a admiração do povo brasileiro, ao levar a esperança nas asas do Correio Aéreo Nacional, ao promover a defesa da liberdade e da democracia nos céus da Itália, e ao implementar um moderno sistema de controle do espaço aéreo brasileiro. No campo social, a Aeronáutica oferece permanente e valiosa contribuição, integrando o país e participando do esforço para arrancar da exclusão tantos irmãos brasileiros.

Nascida em combate, em pleno conflito mundial, a Força Aérea Brasileira vem mantendo o seu espírito nobre e aguerrido, tornando-se uma referência para toda a nação. Atuando em estreita ligação com a Marinha do Brasil e com o Exército Brasileiro, ela também patrulha a amplidão de nossos mares, leva o apoio aos pelotões de fronteira e exerce intensa participação no campo da defesa civil. É o continuar de uma longa caminhada, balizada pela vocação de personalidades que, como o Pai da Aviação, fizeram de suas vidas uma lição de brasilidade.

Santos Dumont semeou os caminhos. Hoje, os aviadores brasileiros, civis e militares, continuam marcando sua presença de gênio nos céus do Brasil e do mundo. A lição que herdamos desse ilustre compatriota foi, antes de mais nada, a de alimentar um sonho e de apostar em sua realização. Foi a de ter a determinação de superar obstáculos, a coragem de correr riscos, a confiança na possibilidade de concretizar um ideal.

Hoje temos o exemplo do nosso Tenente Coronel Marcos César Pontes – o primeiro astronauta brasileiro – que, em março próximo, embarcará em uma nave russa com destino à Estação Espacial Internacional.

Lembro também dos corajosos brasileiros que fizeram de cada vôo uma lição, um exemplo de como se deve conhecer e como se deve trabalhar por este país – heróis que ajudaram a escrever, com o fervor de seu idealismo, uma página grandiosa de nossa História. Se eles não estivessem armados de



uma tenacidade inquebrantável e de um agudo senso da grandeza da missão, talvez não pudéssemos desfrutar hoje deste portentoso legado – a integração nacional.

As mulheres e os homens da Força Aérea treinam com afinco, preparam-se nas atividades de defesa, mas também juntam espontaneamente seus braços na batalha pelo progresso e pelo bem-estar do povo brasileiro.

E é a essa Força Aérea e ao Aviador brasileiro – lembrando o exemplo de Santos Dumont – que, no dia de hoje, manifesto confiança e gratidão por um valioso legado de patriotismo e amor ao Brasil, confiante por saber que a convocação da pátria será sempre atendida com abnegação e lealdade.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de formatura de alunos do “Projeto Sesi – Por um Brasil Alfabetizado”

Rio de Janeiro - RJ, 22 de outubro de 2005

Eu quero, primeiro, cumprimentar o meu querido companheiro, Fernando Haddad, ministro da Educação,

Quero cumprimentar o Eduardo Eugênio Gouveia Vieira, presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, e a sua esposa, Cristina Gouveia Vieira,

Quero cumprimentar minha companheira Marisa,

Quero cumprimentar o Jair Meneghelli, presidente do Sesi,

Quero cumprimentar os deputados Jorge Bittar, Antônio Carlos Biscaia e Luiz Sérgio,

Quero cumprimentar os prefeitos Godofredo Pinto, de Niterói, doutora Saudade, de Nova Friburgo, Lourenço e Carline, de Carapebus, William Cardoso, de Cambuci, e Alfredo José, de Quatis,

Meus queridos companheiros estudantes do Programa do Sesi, da Firjan e do MEC,

Meus caros formandos Antônio Rodrigues Neto, José Tomás de Oliveira, Jorge Alves Felipe, Maria Célia Pereira de Souza, Maria das Dores Santos Silva, Antoildo de Oliveira Silva,

Alunas e alunos do projeto Sesi – Por um Brasil Alfabetizado,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu quero ser muito rápido porque já são doze horas e trinta minutos, tem pessoas que estão passando mal com o calor, também somos filhos de Deus,



todo mundo também quer almoçar e, daqui a pouco, vai ter um show da Alcione.

Mas eu queria dizer umas coisas, meu querido Eduardo e meu querido Meneghelli, meu querido Fernando Haddad. Esta semana é a semana dos professores, é a semana que homenageia os professores brasileiros, normalmente uma categoria que merece o respeito, não apenas das crianças que estudam, mas merece o respeito dos pais das crianças porque, muitas vezes, conseguem passar mais horas com os nossos filhos do que nós mesmos e, muitas vezes, são obrigados a dar, na escola, a educação que, muitas vezes, não temos competência para dar dentro de casa. Eu queria uma salva de palmas para os professores brasileiros e, dentre os professores brasileiros, há os professores que trabalham neste Projeto.

A segunda coisa, eu estou vendo o pessoal de verde lá atrás, em maioria, em maior quantidade, estou vendo o pessoal de amarelo, aqui, em menor quantidade, ainda não temos o azul e ainda não temos o branco, mas, se Deus quiser, eu estarei vivo para, no ano que vem, voltar aqui e ver a bandeira nacional ganhar mais uma cor, com a cor azul. E, se Deus quiser, o ano que vem também estarei vivo para voltar aqui e já ver o branco, e completar a bandeira nacional com o verde, amarelo, azul e branco. E, se Deus quiser, vocês vão escolher uma outra cor, para que a gente possa voltar aqui e já ver os nossos alfabetizando entrando na universidade brasileira.

Esse é um desejo que nós precisamos cumprir porque, sem educação, nenhum país do mundo e nenhum lugar do mundo conseguiu se desenvolver, conseguiu progredir, e o povo conseguiu se transformar ou transformar a sua vida e a vida da Nação. Meneghelli e Eduardo, se nós pegássemos o maior ateu do mundo, aquela pessoa que não crê em nada, e o trouxéssemos aqui para ele ver, de cima, este espetáculo de brasileiros e brasileiras que, não apenas acreditam em Deus, mas acreditam na sua própria capacidade de transformação, certamente esse ateu iria sair daqui dizendo: eu, agora, sou



obrigado a acreditar que Deus existe, porque a transformação está à frente dos meus olhos, a transformação está muito próxima de mim. Porque, para chegar onde vocês chegaram, precisa de um ser superior para dar motivação para vocês.

Muitas vezes, é muito mais fácil a gente ficar em casa sem fazer nada, achando que tudo é difícil. O que vocês fizeram é a demonstração de que não existe nada impossível. A única coisa impossível na face da Terra é Deus pecar. Para nós, seres humanos, o que parece impossível é apenas um pouco mais difícil e vocês estão dando a demonstração de que conseguiram vencer barreiras. Eu estive aqui no ano passado, não tinha ninguém de cor amarela. Hoje já tem cinco mil pessoas. Aumentou o número de verde e, se Deus quiser, não estará longe o dia em que nós não teremos mais gente vestida de camisa verde, porque o Brasil não terá mais analfabetos e nós teremos muita gente, não vestida apenas de amarelo, mas vestida de azul, de branco, e gente que possa cursar o ensino superior, que possa aprender uma profissão.

Eu queria dizer a vocês uma coisa, dar o meu exemplo de vida outra vez. Pelo amor de Deus, vocês deram o primeiro passo, não parem nunca mais. Não parem, continuem estudando, aprendam uma profissão, porque a profissão é a possibilidade de vocês ganharem mais, é a possibilidade de vocês terem mais estabilidade no emprego, é a possibilidade de vocês poderem melhorar a qualidade de vida da família de vocês. O orgulho desta mulher de 94 anos, que não deveria se chamar Maria das Dores, deveria se chamar, como disse o Eduardo, Maria da Esperança... Porque, aos 94 anos, ela está dando uma lição de moral ao Presidente da República e a 186 milhões de brasileiros, dizendo o quê? Ela está dizendo: eu sou brasileira, acredito sempre e não desisto nunca. É isso o que precisa permear a vida de cada um de vocês, não desistir nunca. Vocês vão perceber, com o diploma, que vai ficar mais fácil arrumar emprego; vocês vão perceber, com a profissão, que vai ficar



mais fácil arrumar emprego; vocês vão perceber que vão ganhar mais do que o salário mínimo. E é para isso que este Programa acontece.

Já houve outros Programas que tentavam alfabetizar em oito semanas, em dois meses, dois meses e meio. Nós não queremos que a pessoa aprenda apenas a escrever o seu nome, a desenhar o seu nome. Nós queremos que as pessoas aprendam, como a dona Maria das Dores, que veio aqui e leu a sua carta. E, da mesma forma que ela leu a carta, ela vai ler um livro, vai ler um jornal, vai ler uma revista, ela vai conseguir compreender. Porque, certamente, o livro pode não mudar o mundo, mas o livro vai mudar a cabeça de todos vocês. A leitura vai dar a vocês uma visão de mundo que, até ontem, vocês não tinham.

Meu querido Eduardo, meu querido Meneghelli, meu querido Fernando Haddad, certamente eu já estou compromissado de, no ano que vem, estar aqui de volta. E já estou compromissado para ver todas aquelas pessoas que estão de verde do lado de cá de amarelo, as de amarelo do lado de cá de azul, e outros de verde estarem lá para que a gente possa dizer: finalmente o Brasil criou vergonha e resolveu ensinar a sua gente a aprender a ler, a escrever, independentemente da idade. Porque tem gente que achava que a gente não deveria gastar dinheiro para alfabetizar pessoas de idade. Tem gente que acha que a gente só deveria gastar com a juventude. Lógico que é importante e prioritário gastar com a juventude, mas a dona Maria das Dores é um exemplo de que ser jovem não é a quantidade de anos, é o estado de espírito que ela demonstrou aqui para nós.

Que Deus abençoe todos vocês, que possa fazer a vida de vocês melhor. Que Deus abençoe o Fernando Haddad, o Eduardo e o Meneghelli e, sobretudo, que Deus permita que no ano que vem nós estejamos juntos outra vez.

Até o ano que vem, se Deus quiser.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do Salão Internacional do Transporte –
Fenatran/2005**

São Paulo-SP, 23 de outubro de 2005

Meu caro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria
e Comércio,

Meu caro Luiz Marinho, ministro do Trabalho,

Minha querida companheira Márcia Helena Carvalho Lopes, ministra
interina do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu caro Rogério Golfarb, presidente da Anfavea,

Senhor Geraldo Viana, presidente da NTC e Logística,

Senhor Rafael Guagliardi, presidente da Alcântara Machado,

Senhor Lauro Pastre Júnior, presidente da Anfir,

Meus caros amigos empresários da indústria automobilística e
empresários do setor de transporte, tanto aqui, como todos os autônomos dos
Brasil,

Caminhoneiros,

Meus amigos e minhas amigas,

Deixaram vocês em pé e nós, aqui, para os discursos serem curtos. Mas
acontece que não tem Feira todo dia, nem todo mês. Então, a Feira tem que
ser tratada como uma coisa mais... Se o Corinthians jogasse hoje, eu teria mais
dificuldade de vir. Como o Corinthians resolveu seu problema ontem, eu fiquei
livre para vir à Feira.

O transporte de cargas é, para a vida de um país, como sangue que
circula em nossas veias. É ele, afinal, que possibilita que centros produtores



sejam abastecidos com matérias-primas e, também, que de lá saiam os produtos para o consumo em nossas cidades ou para exportação, por meio de nossos portos e aeroportos.

Graças a toda a cadeia de empresas e caminhoneiros autônomos envolvidos com o transporte, o Brasil possui a unidade e a força necessárias ao dinamismo e à grandeza de nossa economia.

É por esse motivo que fiz questão de estar presente, aqui, na abertura da Fenatran, feira que reúne empresas das mais diferentes modalidades, mas que tem no transporte rodoviário, na logística, o seu maior foco.

Quero, portanto, não só atestar a importância que dou a este setor, que reúne transportadores, prestadores de serviços e fabricantes de caminhões e de equipamentos rodoviários, mas também apresentar o que temos feito e, sobretudo, dialogar com vocês que vivem o dia-a-dia da cadeia do transporte.

Minhas amigas e meus amigos,

O setor de material de transporte, como vocês sabem, está vivendo um ano auspicioso, batendo recordes na produção de caminhões e outros veículos. No ano passado, as exportações do setor atingiram mais de 15 bilhões de dólares, contrariando o que muita gente pensa, que o Brasil exporta apenas commodities. Somos grandes na exportação de commodities, mas exportamos também carros, caminhões, tratores, aviões, inclusive para países desenvolvidos.

No caso dos caminhões, produzimos modelos que são referência, em termos mundiais. E toda essa demanda, certamente, vai incentivar maiores investimentos no setor, além dos que já vêm sendo feitos.

Além do Finame, que financia, normalmente, a aquisição de caminhões, o Modernaq deve ampliar significativamente os seus recursos disponíveis. E, aqui, apenas um dado importante para vocês: aproveitem que o BNDES tem muito dinheiro, reúnam-se com o Furlan, com o Presidente do BNDES e com o Marinho, que é o presidente do FAT, para fazer financiamento, porque se tem



uma coisa que não falta, este ano, é dinheiro no BNDES. Então, aproveitem. Não sejam tímidos na reivindicação, nem na pressão, por favor, é preciso porque o momento exige que nós não vacilemos quanto ao que pode acontecer no Brasil, no setor.

Já encaminhamos ao Conselho Monetário Nacional a liberação de mais 3 bilhões de reais para o Modermaq, na medida em que os 2 bilhões e meio do Programa original vão se esgotar nos próximos meses.

Meus amigos e minhas amigas,

Qualquer motorista que rodar por muitas das principais estradas brasileiras vai constatar que as coisas estão mudando. Vocês sabem que os problemas foram se acumulando, durante muito tempo, e não é fácil nem possível resolver de uma vez. Já conseguimos melhorar uma parte e vamos continuar nos empenhando para completar essa empreitada.

Em 30 meses de trabalho duro, recuperamos mais de seis mil quilômetros de estradas e sinalizamos praticamente 18 mil quilômetros de rodovias federais. Precisamos de muito mais, mas este volume de obras é o mais expressivo dos últimos 20 anos no Brasil.

Como vocês sabem, nossa prioridade não foi construir rodovias novas, mas sim destinar os recursos, sempre apertados, à recuperação das estradas mais importantes por onde circulam nossa produção e nossa gente, e terminar obras que vinham sendo executadas há muitos anos, mas que pareciam não ter fim. Foi o que aconteceu há três semanas, quando entregamos a Fernão Dias completamente duplicada, após dez anos de obras, ou há pouco mais de um mês, quando inauguramos a duplicação da quase totalidade da Régis Bittencourt; apenas o trecho da Serra do Cafezal é que ainda precisa ser duplicada, pois ela será feita pela futura concessionária.

Essas rodovias não ligam apenas três das principais capitais brasileiras. Elas facilitam a vida do nosso povo, dos turistas que nos visitam, e fazem com que a produção do nosso interior chegue aos portos exportadores e também ao



Mercosul. E essa situação vai melhorar mais ainda com a duplicação da BR-101, entre Santa Catarina e o Rio Grande do Sul, que vamos entregar até o final de 2006. Finalmente, vai sair a famosa BR-101/Sul, que foi manipulada eleitoralmente durante muitos anos no Brasil e, finalmente, eu espero que no ano que vem os motoristas, os turistas, as cargas possam transitar livremente da Argentina até onde quiserem, no Brasil e, do Brasil, onde quiserem, no Mercosul.

Temos nos empenhado para conservar e expandir a infra-estrutura rodoviária do país, mas não posso deixar de citar outros pontos que julgo igualmente importantes em nossa relação com o setor de transporte rodoviário. As relações que mantivemos, desde o início do governo, e que incluem a minha reunião com 72 representantes do setor no ano passado, resultaram em ações concretas para que as propostas e as reivindicações levadas ao Executivo se transformassem em realidade. São vocês, afinal, que melhor conhecem a realidade das estradas e as necessidades do setor, e sua contribuição é fundamental para que possamos adequar as ações do Estado às prioridades exigidas pelo nosso país.

É por esse motivo que estamos trabalhando com seriedade e afinco no que se refere a atender antigas reivindicações como aquelas que se referem à segurança das estradas. A Polícia Federal realizou, desde 2003, cinco grandes operações para reprimir o roubo de cargas e, em apenas uma delas, a famosa “Cavalo de Aço”, foram presas 33 pessoas, entre elas alguns policiais rodoviários.

Criamos também uma Ouvidoria, para que caminhoneiros, empresários e demais cidadãos possam denunciar, com segurança, maus policiais, e aumentamos o nosso efetivo nas estradas: 580 policiais federais estão sendo treinados e entrarão em serviço ainda este ano. Ao mesmo tempo, com o objetivo de enfrentar o excesso de carga nas rodovias, elevamos de apenas três para 40 o número de balanças em operação nas estradas e estamos



empenhados em fiscalizar cada vez melhor o uso do vale-pedágio, obrigação dos transportadores.

Estamos, também, elevando o número de funcionários da Agência Nacional de Transportes Terrestres, que atuam nas praças de pedágio em todo o país. Nossa ação mais recente, porém, ocorreu na última sexta-feira, quando o governo federal decidiu liberar os bi-trens da obrigatoriedade da Autorização Especial de Trânsito. Vocês sabem muito bem como eles são importantes para o escoamento de nossa produção agrícola. Essa ação, que atende a um antigo e justo pleito dos motoristas autônomos e empresas de transporte, vai beneficiar uma frota de mais de 100 mil veículos.

Minhas amigas e meus amigos,

O que estamos vendo aqui, e o que eu vi mostra como esta indústria vem se fortalecendo cada vez mais com o crescimento da nossa economia. Como eu disse no início, este tem sido um ano de grande produção para o setor. Entre janeiro e setembro produzimos, no Brasil, mais de 88 mil caminhões – não sei se é isso ou mais do que isso – o que nos permite superar a marca de 107 mil caminhões atingida no ano passado, um recorde histórico, superando uma marca que não vinha sendo alcançada desde 1980. Tenho certeza de que vamos continuar cumprindo, cada vez com maior empenho, a nossa parte. O Brasil, certamente, conta com o trabalho, com o esforço e com a iniciativa de todos vocês.

Então, queridos companheiros, eu não poderia deixar de fazer um improviso aqui, porque elogios a gente não pode escrever, têm que ser da alma. Eu acho que todos nós que estamos aqui, governo e empresários, temos consciência do que significa não só a qualidade dos nossos meios de transporte, dos caminhões que nós vimos aqui hoje, que parecem mais um carro de passeio do que um caminhão. Todos nós sabemos o que significam os avanços tecnológicos conquistados pela indústria automobilística, como também nós sabemos da necessidade de investirmos na infra-estrutura



brasileira, tão esquecida durante tantos e tantos anos. O grande problema do Brasil é que, durante muitos anos, não se fez a manutenção obrigatória que tinha que ser feita e, todo mundo sabe, uma estrada é como um aparelho eletrônico que nós temos em casa, se a gente passa muito tempo sem usá-lo, quando vai usar, tem algum problema. As estradas brasileiras foram feitas, às vezes, de boa qualidade, às vezes, não, às vezes, para transporte de 30 toneladas e, às vezes, o caminhão passa com 60 ou 70. Não tinha balança para fiscalização e, cada vez mais, nós temos que melhorar a qualidade para, cada vez mais, suportar o aumento do peso que cada caminhão transporta neste país. Nós sabemos da deficiência do setor de infra-estrutura que tem no Brasil, até porque muita gente não esperava que o Brasil crescesse como está crescendo e, muita gente não esperava, ao longo de muitos anos, que as exportações brasileiras atingissem o patamar que atingiram.

Todo mundo sabe que em 2003, quando tomamos posse, o Brasil exportava 60 bilhões de dólares, todo mundo sabe que o Brasil tinha um superávit em 2003, 2002, de 13 bilhões de dólares e que, hoje, nós chegamos a 112 bilhões. Nossa estimativa é chegar a 117 bilhões em dezembro e superar os 41 bilhões de dólares de superávit na balança comercial que temos hoje. Isso significou o quê? Significou, praticamente, a duplicação do transporte no país. Portanto, nós temos que cuidar da nossa parte, que é a infra-estrutura, para acompanhar o trabalho que vocês fizeram até agora porque, com esses caminhões aqui, certamente nós vamos agora ter mais vontade de renovar a nossa frota.

A renovação da frota não é uma vontade apenas do empresário que precisa vender, ou do motorista que precisa comprar, ou do empresário que precisa comprar. É uma necessidade para melhorar a qualidade do rendimento do nosso país, para diminuir o custo-Brasil porque, com caminhões modernos, a gente vai perder menos carga nas estradas, a gente vai demorar menos tempo, nós vamos poluir menos, o motorista vai viajar mais confortável,



portanto, ele correrá menos risco de vida, e todo mundo ganha com isso.

Alegra-me, Marinho, uma coisa que o Maciel me falou, que o novo projeto que a Ford vai lançar agora, somente os trabalhadores, através do Sindicato... para que o produto fosse fabricado no Brasil, Furlan, veja a evolução do comportamento político neste país: era impensável, 20 anos atrás, os trabalhadores darem contribuição para que uma indústria produzisse o seu produto aqui. Pois bem, o Sindicato dos Trabalhadores contribuiu com 200 sugestões para que pudessem reduzir o custo do carro, para que a Ford pudesse produzir o seu novo produto no Brasil, ao invés de produzir no exterior. Ora, quando nós temos empresários com uma disposição política de negociar com os trabalhadores, quando nós temos os trabalhadores com a disposição política de negociar com os empresários, quando nós temos os empresários com a disposição política de conversar com o governo, quando nós temos o governo com a disposição política de conversar com os empresários e com os trabalhadores nós estamos, na verdade, com mais de 50% dos nossos problemas resolvidos.

Agora, é tornar práticas determinadas coisas que nós já aprofundamos, que já discutimos. Por exemplo, nós tivemos um problema na Medida Provisória 252, na semana passada, porque em cada Medida Provisória que vai ser votada, às vezes, as pessoas tentam colocar 500 novidades, nós temos que tomar cuidado. Mas nós vamos tentar, agora, na próxima semana, em uma outra Medida Provisória, fazer as desonerações que estavam previstas na Medida Provisória 252, até porque tem muita gente, e eu mesmo já participei de reuniões em que nós precisamos, isso não pode ser feito de uma vez, mas aos poucos nós temos que ir preparando o Brasil para que a gente possa desonerar todos os setores que possam significar, num curto prazo, maior rentabilidade, maior geração de emprego, maior distribuição de renda no Brasil.

Isso não é uma tarefa simples, porque muita gente pensa que depende apenas do governo federal. Muitas vezes, uma desoneração que nós fazemos



tem implicação nos governos estaduais, na transferência, ela tem problema nos prefeitos, e aí a pressão sobre o Congresso Nacional é mais forte. Portanto, nós precisamos conversar mais, saber quais os atores que precisamos colocar na mesa para que nós façamos as coisas acontecerem de verdade.

Os empresários da indústria automobilística sabem perfeitamente bem que os avanços que nós conseguimos nesses poucos meses de governo foram muito grandes. E eu queria dizer para vocês que tenho andado junto com o Furlan pelo mundo. Na semana passada fomos a Portugal, fomos à Itália, fomos à Espanha, fomos à Rússia. O Furlan foi para outro tanto de lugares, para a China; o companheiro Roberto Rodrigues, para outros, o Celso Amorim, para outros, porque nesse mundo globalizado, hoje, não adianta a gente ficar sentado no escritório da nossa empresa esperando que alguém descubra que nós produzimos um bom produto e venha aqui comprá-lo. Não. Agora, tem 500 produzindo produtos iguais aos nossos e todo mundo está viajando o mundo para tentar vender. E, certamente, em muitos dos produtos produzidos no mundo, o Brasil compete de forma extraordinária, com qualidade, com quantidade e com preços.

Portanto, se todos nós, governo e empresários, botarmos a mala embaixo do braço e sairmos por aí para vender os nossos produtos, a chance de nós ganharmos mercado é extraordinária.

As nossas exportações para a América do Sul cresceram 83%. Eu não consigo imaginar como é que um país vizinho do Brasil compra carro do Japão, compra carro americano, quando a gente pode vender o carro para ele, mais próximo, quando a gente pode fazer parcerias com empresas deles.

Vocês vejam que nós não produzíamos navios há muito tempo. Na semana passada eu fui ao Rio de Janeiro participar do contrato feito pela Petrobras. Nós vamos contratar 22 grandes navios e vamos recuperar a Marinha Mercante Brasileira, porque estamos tendo um déficit de frete de quase 10 bilhões de dólares. Não tem explicação um país do tamanho do Brasil



ficar trabalhando com navios de bandeira estrangeira, quando a gente pode produzir um navio aqui no nosso estaleiro, a gente pode ter marinheiros brasileiros, e pode produzir para o mundo. O Brasil tem competitividade, tem tecnologia, tem engenharia. Então, não tem explicação. E nós vamos retomar esse potencial que o Brasil tem em todas as áreas.

Nós estamos vivendo um momento em que a economia brasileira está crescendo. E estamos vivendo um momento em que as exportações brasileiras estão crescendo e também as importações, sobretudo na área de bens de capital, o que significa que as empresas brasileiras estão acreditando no futuro.

Estamos crescendo o crédito. É importante lembrar que a poupança interna, em 2002, era quase 18% do PIB. E, hoje, a poupança interna já está a 24% do PIB. Estamos crescendo no crédito ao consumidor de forma extraordinária, sobretudo, depois do advento do crédito consignado, que foi uma coisa extraordinária, produzida e colocada para mim pelos trabalhadores, através do Marinho.

Nós estamos crescendo, nesse momento. A massa salarial brasileira está crescendo. Nós estamos, agora, com duas coisas caindo, a inflação e o custo de vida. Eu acho que nós entramos, agora, numa fase mais importante para o Brasil. Os empregos estão crescendo, a massa salarial está crescendo, as exportações estão crescendo, o superávit comercial está crescendo, o superávit de conta corrente está crescendo. Nós, agora, já estamos vendo, pelos jornais, os juros baixarem um pouco. Na medida em que o juro baixe mais, certamente, o dólar vai encontrar o seu equilíbrio e ninguém vai ficar querendo que o governo mexa no câmbio porque tem que mexer, por si só ele vai se ajustar, vão melhorar as exportações, o rendimento para quem exporta, vai melhorar a vontade de produzir internamente. E eu acho que o que é mais sagrado, que vocês não podem perder: um presidente da República, um ministro pode sair a qualquer momento, um ministro, sobretudo. O Presidente tem um mandato de quatro anos, portanto, o mandato é com prazo



determinado. Mas as conquistas que a sociedade tem não podem ser derrotadas porque muda o presidente da República. Esse é um dos males do Brasil, esse é um dos males da administração pública brasileira: cada um que entra quer fazer uma coisa nova e esquece a coisa velha.

Pois bem, o Brasil entrou num momento em que, se nós persistirmos, o Brasil encontrou, definitivamente, a forma de ter um crescimento com inflação baixa, coisa que a gente não tinha. Eu sei que aqui tem muito especialista. Não há momento em que o Brasil cresceu com inflação baixa. Todo vez que o Brasil cresceu, a inflação subiu, e toda vez que o Brasil exportou, o mercado interno foi arrojado. Nós estamos crescendo com a inflação baixa e estamos exportando com o mercado interno crescendo. Isso é uma conquista, não nossa, é uma conquista da sociedade brasileira, que soube acreditar em si mesma. E a gente não pode permitir que isso volte ao passado, porque muitos de vocês já foram dormir com um plano econômico mirabolante, aquele que salvava a humanidade, todo mundo já foi dormir, um dia. O governo anunciava com pompas um plano, não vou dizer nome de nenhum aqui, para não citar nenhum governo. Mas todo mundo já foi dormir, teve gente que foi dormir, um dia, devendo 4, e acordou devendo 12. Teve gente que quebrou, e nós não vamos fazer a opção pela mágica.

Eu faço questão de dizer isso, sobretudo aos empresários que falaram aqui: o nosso governo não vai permitir que um ano eleitoral faça com que a gente entre numa aventura de fazer política fácil, de apresentar uma mágica e, no dia seguinte, a gente acordar com o prejuízo. Nós vamos continuar no ritmo em que nós estamos, sem inventar nenhuma mágica, mas fazendo aquilo que precisa ser feito, porque eu estou convencido de que o Brasil não pode jogar fora essa chance. O Brasil não pode mais fazer uma aventura sem que a gente tenha o planejamento correto.

Eu acho que o Brasil encontrou o seu caminho. Esse caminho foi encontrado junto com vocês, e eu peço para vocês: vamos persistir porque o



Brasil merece a chance de se transformar, definitivamente, num país desenvolvido, num país grande e num país de economia sólida, com um ciclo de crescimento de longo prazo.

Eu trabalho com a idéia de que a gente dê uma chance a nós mesmos para os próximos 15 ou 20 anos, porque somente assim a gente vai poder se orgulhar de um dia ser convidado para participar do G-8, porque quando nós éramos G-8, quando nós éramos a oitava economia do mundo, só tinha G-7. Quando nós fomos para décima, eles criaram o G-8. Quando a gente voltar a ser a oitava economia, eu quero ver se nós vamos ser convidados. E eu acho que esse ciclo de crescimento é que vai permitir que o Brasil entre definitivamente na rota dos países desenvolvidos.

E, pela mostra desta Feira, eu posso dizer para vocês: nós não devemos nada a ninguém.

Muito obrigado, boa Feira e boa sorte.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
almoço com empresários integrantes do Grupo de Líderes Empresariais**

São Paulo-SP, 24 de outubro de 2005

Quero saudar os empresários do Lide,
Quero saudar os novos e futuros sócios,
Quero saudar os empresários e as empresárias aqui presentes,
Os deputados,
Senadores,

Como a nominata é muito grande, eu peço desculpas, para não precisar citar todos os nomes das pessoas que estão presentes aqui, até porque muitas já foram citadas,

Queria começar com uma informação do Furlan que, ultimamente, tem me dado notícias positivas: ontem, o acumulado de 12 meses da nossa balança comercial chegou a 114 bilhões, com o superávit positivo de 41.882. Nós estamos dizendo isso porque quando chegar a 120 nós vamos tomar um champanhe, merecidamente, no Brasil.

Segundo, a gentileza que foi feita hoje, porque em todos os encontros que vocês fazem, normalmente nas pesquisas tem perguntas sobre o governo. E, normalmente, o governo toma “cacete” nessas perguntas. E hoje, talvez pela minha presença, essa pergunta não apareceu. E eu me lembro que eu fui na convenção do PCdoB, na sexta-feira, e eu terminei dizendo isso. Falaram tão bem do governo que eu sai e disse: bom, eu vou sair para vocês poderem falar o que vocês pensam do governo.

Mas é gratificante poder participar de um encontro como este, quando nós estamos aqui, com um grupo de empresários, lembrando a primeira vez



que Viviane Senna foi a Brasília, com um grupo de empresários, me comunicar essa ação que iria fazer no estado de Pernambuco, por coincidência o meu estado. E, hoje, foi importante a gente ver um pouco do resultado do que a ação de vocês já fez naquela região.

Todos nós que estamos, hoje, participando deste almoço, temos consciência do enorme desafio que é construir um Brasil melhor para todos. A contribuição que o empresariado e suas entidades têm dado nesse sentido é inestimável. É sempre alentador ver os resultados da mobilização cívica e da articulação de iniciativas entre a sociedade e o Estado brasileiro.

Muitos de vocês, por exemplo, participam do Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade ou têm acompanhado os seus trabalhos. Em agosto de 2004, durante o lançamento da Primeira Semana Nacional pela Cidadania e Solidariedade, no Parlatino, aqui em São Paulo, propus a criação de um prêmio para estimular o cumprimento dos oito objetivos do Desenvolvimento do Milênio no nosso país. A adesão foi imediata. Entidades empresariais e organizações da sociedade civil, além do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas – Pnud, fizeram dessa idéia uma realidade.

Como vocês sabem, lançamos o prêmio em agosto passado, em Belo Horizonte, e as inscrições foram encerradas agora, em outubro. Pois bem, quero anunciar a vocês que recebemos mais de 900 inscrições de prefeituras, organizações públicas e do setor privado, associações da sociedade civil, fundações e universidades públicas e particulares, além de inscrições de pessoas físicas indicadas por suas relevantes contribuições ao cumprimento das Metas do Milênio no nosso país. São experiências inovadoras, criativas, exemplares, tanto do ponto de vista do conteúdo como da qualidade do gerenciamento, demonstrando o quanto nosso país está e pode se engajar nesse processo.

No próximo dia 14 de dezembro, em Brasília, vamos anunciar os vencedores e homenagear todos os participantes que representam um Brasil



fortemente comprometido com a educação, a saúde, a erradicação da pobreza extrema, entre outros desafios do desenvolvimento. Este é só um exemplo, mas quero citar também a participação da iniciativa privada e da sociedade civil no programa Fome Zero e no Bolsa Família, que têm sido, como vocês sabem, muito acima da expectativa porque chegaremos, agora em dezembro, atendendo a oito milhões e 700 mil famílias e, o que é mais importante, mais do que o dinheiro, é a condicionalidade de colocar os filhos na escola.

Foi com grande satisfação que tomei conhecimento de que a educação e a capacitação de crianças e de jovens seriam o nosso tema neste almoço. Quero lhes dizer que 2005 está sendo um ano muito importante para a educação no Brasil. No plano do ensino superior retomamos a expansão e a interiorização da oferta em 36 novos pólos universitários, estando previsto um investimento da ordem de 230 milhões de reais.

É importante lembrar, nesse caso, que nós estaremos anunciando, ou melhor, começando já o vestibular, este ano, para quatro novas universidades federais, uma no ABC, uma no Mato Grosso do Sul, uma na Bahia e outra no Rio Grande do Sul. Estaremos também, já fazendo vestibular, para no ano que vem já ter aula em 32 novas extensões de universidades federais para o interior, para que a gente possa levar braços da universidade para regiões mais pobres do nosso país. Vou dar um exemplo aqui, o Vale do Mucuri, em Minas Gerais, o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, Serra Talhada, em Pernambuco, e tantos outros lugares mais pobres.

E da mesma forma, simultaneamente matriculamos, neste ano letivo, 112 mil alunos de baixa renda como bolsistas de instituições particulares através do ProUni, ampliando, de forma inédita, o acesso da juventude mais carente à universidade. Eu quero dizer para vocês que isso aqui, para mim, foi a grata surpresa, porque depois de anos e anos discutindo como aumentar o número de alunos fazendo universidade, já que o Estado não tinha os recursos necessários para fazer as obras da universidade e já que tínhamos problemas



para ocupar vagas nas federais por conta, muitas vezes, de divergências do corporativismo de preencher horários que estavam vazios, o Ministério da Educação – idéia do Tarso Genro e do Fernando Haddad – estabeleceu convênio com as universidades particulares, fazendo isenções de alguns impostos. O equivalente às isenções foi transformado em vagas e, no primeiro ano, este ano, nós tivemos 112 mil alunos a mais, normalmente jovens de escola pública da periferia que teriam pouca chance de chegar à universidade. Já fizemos o Enem este ano e, se Deus quiser, poderemos chegar a 100 ou 112 mil novas vagas este ano, o que pode nos dar a possibilidade de, nos próximos três anos, com o ano de 2005, chegarmos a 460 mil novos alunos com bolsas via ProUni, das universidades particulares, e chegarmos a mais 360 mil alunos nas federais e nas extensões que estamos fazendo, o que significa um salto extraordinário para a formação superior no nosso país.

Mas também não é só isso. Também estamos implementando o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior e apresentamos à sociedade, após amplo debate, um projeto de reforma universitária que vai preparar as universidades brasileiras para o século XXI. Aqui, vocês sabem, uma coisa grave. Eu fui à China em maio do ano passado, muitos de vocês foram comigo, e lá tive a oportunidade de visitar a universidade. Lá, eu pelo menos, descobri que as universidades trabalham em parceria com as empresas e muitas das invenções, das descobertas, são financiadas pelas empresas, e depois a universidade cria, as empresas produzem e o país ganha. Aqui, no Brasil, nós passamos anos e anos para convencer as universidades brasileiras que elas poderiam trabalhar em parceria com empresas, produzir inventos para que as empresas transformassem isso em produto, em dinheiro, em riqueza e, muitas vezes, era difícil, porque algumas pessoas querem fazer as suas teses, para ter a tese, e não querem transformar aquilo num produto.

Eu acho que nós estamos avançando no sentido de garantir que a universidade brasileira possa dar uma grande contribuição para que a gente



possa ter uma progressão tecnológica de novos produtos, novos materiais, muito grande.

No plano da educação profissional, retomamos a expansão da rede federal e lançamos três programas: o Projovem, o Proeja, e o Escola de Fábrica. Esses programas, eles são importantes, porque nós estamos lidando com uma parcela da população que está, eu diria, no fio da navalha, ou seja, são jovens entre 15 e 24 anos que, por qualquer razão, tinham parado de estudar e nós estamos oferecendo uma bolsa entre 100 e 150 reais para que esses jovens voltem a terminar a 8ª série, voltem a fazer o segundo grau e, em alguns casos, eles prestarão serviço à comunidade, no caso do Projovem. Em outros casos esse jovem estará, como o Escola de Fábrica, onde 500 empresas se associaram ao Ministério da Educação para que, no local de trabalho, esse jovem possa aprender.

E com isso nós estamos incluindo praticamente 980 mil jovens em idade de risco, para que eles possam ter a oportunidade de voltar a estudar. Essa é a faixa mais delicada que nós temos que tratar com mais carinho, porque se ele já pendeu para o lado da navalha, nós vamos ter que fazer um esforço dobrado para convencê-lo a voltar a estudar. O resultado até agora tem sido extraordinário.

E a nossa primeira experiência foi com o Soldado Cidadão, em que 30 mil jovens recrutados, além do limite que o exército recrutava, foram colocados não apenas para ter noção de disciplina de hierarquia, mas também para aprender uma profissão dentro das Forças Armadas. Eles aprenderam a ser eletricitistas, a ser encanadores, a trabalhar com informática, ou seja, foi uma experiência riquíssima que nós queremos repetir este ano, porque para mim tem uma coisa sagrada em tudo isso, que é o problema da desagregação da estrutura da família no Brasil, da sociedade, que se a gente não consertar, tudo o mais ficará perdido.

Na educação continuada, o Brasil Alfabetizado, essa é outra experiência



riquíssima, possibilita ao jovem ou adulto não apenas se alfabetizar, mas avançar nos estudos e deixar as estatísticas de analfabetismo funcional, cobrindo pelo menos as quatro séries iniciais do ensino fundamental.

Por fim, o mais importante, a educação básica. Propusemos ao Congresso Nacional três projetos fundamentais para o futuro da educação no nosso país. Aqui eu queria parar um pouquinho, antes de falar dos projetos e dizer que eu fui ao Rio de Janeiro, no sábado, numa parceria entre o MEC o Sesi e a Firjan participar da entrega de diploma para 40 mil pessoas que estavam sendo alfabetizadas.

Todos nós sabemos que, no Brasil, muitas vezes os cursos de alfabetização eram aqueles cursinhos da quantidade que disse a Viviane Senna, ou seja, quem é que consegue alfabetizar mais rapidamente o aluno. Então, tinha um que fazia em oito semanas, o outro queria fazer em sete, o método tal podia fazer em seis, ou seja, nós paramos com isso. E resolvemos entre seis e oito meses alfabetizar, porque não basta ensinar a pessoa a desenhar o nome. O que nós queremos é que a pessoa se prepare para fazer o ensino fundamental. E na diplomação que eu fui, no sábado, nós temos, dos alfabetizados no ano passado, cinco mil terminaram a quarta série. Inclusive, no Brasil, de vez em quando, nós arrumamos polêmica onde não tem polêmica: por que alfabetizar velho? Por que não só criança? Por que cuidar de velho? Como se a pessoa, depois de uma certa idade, depois dos 60, não tivesse que ser alfabetizada.

Eu vi um depoimento de uma senhora de 94 anos que fez um discurso. Ela foi alfabetizada o ano passado, terminou a 4ª série este ano. E ela disse: Presidente, o meu sonho, mesmo, é ser doutora. Ora, como é que pode você ficar dizendo se essa mulher pode ou não pode? Cabe a nós dar as condições para ela ser a doutora, se estiver viva até lá, e Deus queira. O nome dela é Maria das Dores e eu mudei para Maria das Esperanças, porque eu nunca vi ninguém tão otimista, aos 94 anos de idade. Eu que vejo tantos amigos meus



empresários, políticos, com 50, já achando que a vida acabou. Uma mulher com 94 achando que a vida está começando, foi uma coisa extraordinária.

Eu acho que nós resolvemos qualificar melhor a alfabetização. Ou seja, as pessoas têm que ser alfabetizadas na perspectiva de ter continuidade e até chegar a 8ª série ou ao ensino médio, pelo menos.

Mas eu estava falando dos três projetos fundamentais para o futuro da educação no Brasil: primeiro, que amplia para nove anos a etapa do ensino obrigatório; segundo, que incentiva a formação inicial e continuada de professores; e terceiro, a PEC que cria o Fundeb, destinando 4 bilhões e 300 milhões de reais para toda a educação básica, da pré-escola ao ensino médio. Este último, e nós esperamos, os nossos queridos deputados e senadores que estão aqui, este é um programa de extrema importância para o Brasil e a gente não pode deixar para votá-lo no ano que vem, ele precisa ser votado este ano, para que a gente possa, já na discussão do orçamento, colocar o primeiro 1 bilhão e 300 milhões que têm que entrar este ano. Senão, vai ficar para 2007, é mais um ano perdido que nós vamos ter no país.

Paralelamente, estamos cadastrando, pelo censo escolar, aluno por aluno da escola básica, atribuindo-lhes uma identidade estudantil e, a partir daí, acompanhando seu desempenho, por meio da aplicação de exames específicos, e de sua frequência escolar. Aí é um dado importante, que eu não sei se vocês sabem. Eu tive a oportunidade de ter filho na escola pública, filho na escola particular, tive a oportunidade um dia de visitar, em Vila Velha, a Escola do Bradesco – está aqui o Cipriano – e uma coisa que sempre me inquietou é por que uma escola daquela poderia dar qualidade de ensino que dava a custo infinitamente mais barato do que a escola pública? Isso é uma inquietude que toma conta do meu pensamento o tempo inteiro. Porque toda vez que você discute com os educadores tem sempre uma explicação, o custo do Estado, porque tem a aposentadoria, porque tem um monte de coisas que talvez a escola não tem, que eu acho que tem a mesma coisa.



O dado concreto e objetivo é que a Viviane matou a charada. No Brasil priorizou-se a quantidade e a qualidade ficou num segundo plano. E por que priorizou-se a quantidade? Primeiro, porque é importante que esteja todo mundo na escola; segundo, porque são dados que servem como referência a organismos internacionais para dizer: olha, o Brasil está isso, o Brasil tem 99% das crianças nas escolas, sem medir se as crianças estão aprendendo ou não. O Fernando Haddad sabe de uma polêmica que eu tenho com ele e com todo mundo da educação, que eu, por exemplo, acho que as crianças têm que fazer prova todo mês. Não é possível que o professor não queira saber como é que está o seu aluno no final do mês, no final de 30 dias de aula. Pois bem, nós agora vamos fazer uma coisa, uma inovação. Mas agora, eu vou ler, aqui, depois, nós ao invés de ficarmos com a progressão continuada, que alguns adotaram, deixa a criança ir, vai passando o ano, todo o ano, passa. Quando tiver um vestibular é que a gente vai saber se essa criança aprendeu ou não. Aí vai o Ministro da educação nas universidades dizer: as crianças não estão aprendendo. Ora, não vai descobrir que eles não estão aprendendo na universidade, tem que descobrir que eles não estão aprendendo é no ensino fundamental. Por isso é que nós estamos aumentando para nove anos. Para começar toda criança ter a pré-escola, porque essa repetência que a Viviane mostrou aí, os estudos do MEC mostram claramente que as crianças que freqüentam a pré-escola, quando entram na escola têm muito mais chance de progredir do que uma criança que entra diretamente aos sete anos na escola.

Então, nós vamos fazer com que a pré-escola, com o Fundeb, faça parte da nova idade das crianças para a escola, para ver se a gente consegue melhorar. Alguns querem que a gente diminua para seis, mas continue como oito. Nós queremos diminuir para seis e aumentar para nove, para garantir mais tempo das crianças na escola.

E eu acho que agora vai ter uma novidade que eu acho importante, Viviane, que é importante você saber. No ano passado eu participei das



Olimpíadas, da apresentação de um grupo de jovens que estavam fazendo as Olimpíadas da Matemática de escolas particulares de vários lugares do Brasil. E na época eu disse ao ministro Tarso Genro: por que não tentar fazer uma olimpíada da Matemática na escola pública? Aí tem sempre aquele que diz: “Não vamos fazer porque as crianças não vão se interessar.” Pois bem, nós abrimos as inscrições para as Olimpíadas e, para a nossa alegria, 12 milhões de estudantes se inscreveram para participar das Olimpíadas da Matemática. Veja que o país que tem mais crianças inscritas, os Estados Unidos, tem nove milhões, nós tivemos 12 milhões de crianças inscritas para participar das Olimpíadas. E vamos aplicar cerca de 5 milhões e 500 mil provas a todos os alunos da 4ª e 8ª séries. Antigamente era feito por amostragem. Você queria saber como é que vai a escola pública no Brasil, você fazia uma amostragem.

Nós, agora, vamos pegar 5 milhões e 500 mil alunos, vamos dar prova a todos os alunos da 4ª série e da 8ª séries. Nós já aplicamos 2 milhões e 200 mil aos alunos da 3ª série e do nível médio.

O que nós queremos com isso? Nós queremos ter uma radiografia da qualidade da escola em cada município, em cada estado, porque vira e mexe você encontra um prefeito, e o prefeito fala: “A escola da minha cidade é maravilhosa.” Aí você encontra com o governador e ele fala: “A escola do meu estado, a pública, a que o Estado é responsável, é maravilhosa.” Aí você pergunta para ele: escuta aqui, o teu filho está estudando na escola boa, de qualidade? “Não”. Nem prefeito, nem governador, a verdade é essa, depois de elogiarem sistematicamente as suas escolas, você pergunta onde que os filhos estão, os filhos estão nas particulares.

Então, o que nós queremos é ter uma avaliação para saber de cada estado, cada cidade, cada escola, inclusive porque às vezes o problema não é do aluno, às vezes o problema é do professor.

Um dia me disseram o seguinte: se alguém dá uma explicação uma vez e a pessoa que ouviu não entendeu, a pessoa que não ouviu precisa ouvir



outra vez, porque não está apto a entender. Você explicou a segunda vez, aquela pessoa não entendeu, a pessoa não está apta ainda. Você tem que ensinar a terceira vez. Se você falou a terceira vez e a pessoa não entendeu, quem tem que aprender é quem está falando, então nós precisamos ter consciência que essas provas vão ser uma pequena revolução na educação brasileira, porque a gente vai ter um mapa claro de cada região do país e de cada escola do país, para que a gente possa cuidar melhor da qualidade, dito aqui pela Viviane Senna.

Pela primeira vez, todos os secretários estaduais e municipais de educação terão uma radiografia, escola por escola, dos seus sistemas de educação e as condições de localizar e disseminar boas práticas pedagógicas e gerenciais, bem como de corrigir as deficiências identificadas. Tudo isso é, sem dúvida, excepcional, mas há muito mais a fazer.

O Brasil já enfrentou grandes desafios e quando toda a sociedade abraçou uma causa, ela se concretizou de maneira sólida, chamando a atenção do mundo para o que aqui se passava. O nosso país, contudo, tem diante de si, talvez o seu mais importante desafio que ainda o impede de se colocar entre as nações desenvolvidas do planeta. E o desafio é a educação.

O que se fez até agora – tanto o governo federal quanto os estaduais e municipais – por muito que seja, ainda não basta. A sociedade precisa tomar para si a bandeira da educação e exigir de todos nós, e de si mesma, uma nova e definitiva mobilização.

Isso só será possível se todas as classes sociais, todos os grupos, religiões, etnias, todos, enfim, incorporarem a educação como valor absoluto, tanto quanto a democracia e o desenvolvimento sustentável.

Nós precisamos nos apaixonar pela educação e essa paixão há de durar 20 anos, pelo menos, pois a experiência internacional demonstra que é no curso de uma geração, e não antes, que os resultados começam a aparecer de forma sólida.



Assim como hoje lamentamos não ter feito há duas décadas aquilo que devíamos, o Brasil não pode daqui a 20 anos olhar para trás e lamentar novamente o que deixou de fazer. Essa causa não pode ser a causa de um partido, de um governo, de um Ministério. Ela só se realizará se for uma causa comum de toda a sociedade.

É por isso que precisamos, quem sabe de forma embrionária, sair desses debates com a necessidade de entender a construção de um grande pacto nacional pró-educação.

Da minha parte, que quero dizer que o nosso Ministro da Educação terá a tarefa de participar de tantas quantas reuniões forem necessárias, com tantos quantos segmentos da sociedade forem necessários, na construção desse pacto, convidando todos os segmentos da sociedade, convidando sindicatos dos empresários, de trabalhadores, igrejas, ONGs, movimentos sociais, juventude, para que a gente possa assumir um compromisso definitivo para a educação no Brasil.

Tenho certeza de que a sociedade brasileira está preparada para dar esse salto de qualidade, conduzindo o nosso país ao pleno desenvolvimento sustentável.

Aqui, Viviane, uma coisa importante: no núcleo estratégico foram feitas muitas pesquisas, pesquisas com os mais diferentes setores da sociedade, desde trabalhadores rurais a cientistas, desde empresários grandes a empresários pequenos, desde trabalhadores qualificados a empresários não qualificados, e só tem uma unanimidade no Brasil, hoje só existe uma unanimidade no Brasil. Todos esses segmentos envolvidos na pesquisa chegaram à conclusão de que para construirmos o Brasil que estamos prometendo desde que aqui Cabral pôs os pés, nós precisamos investir na educação de qualidade. E educação de qualidade significa mais investimento do Estado, significa mais controle da qualidade feita pelo Estado, significa maior participação da sociedade. E o exemplo, Viviane, mostrado por você aqui



é o exemplo de que cada um de nós já aprendeu, nesses anos todos, de que nós não temos o direito de ficar esperando que alguém faça por nós aquilo que nós mesmos podemos fazer.

O mundo está cheio de bons exemplos, e nós podemos ser mais um país a dar exemplo de que nós poderemos entrar no rol dos países desenvolvidos.

Do ponto de vista da economia, nós podemos ter um ou outro setor que reclama que o menor mal... afinal de contas, nem todo mundo precisa ser corintiano, palmeirense, sãopaulino ou santista, como Aloizio Mercadante, tem outras opções, tem até Flamengo e Vasco. No mundo da economia, as coisas estão andando bem. Todo mundo sabe o que está acontecendo no Brasil, um chora um pouquinho mais de câmbio, outro chora um pouquinho menos. Tudo isso nós vamos levando e eu acho que todo mundo sabe que há muito tempo, na história deste país, a gente não tinha uma combinação de fatores tão positivos como nós temos hoje.

O que a gente precisa agora é dar os outros saltos de qualidade que precisamos dar, e a educação, certamente, dentre todos eles, não pode mais esperar.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no debate sobre “Responsabilidade Social das Empresas na Construção de um Brasil Melhor” com empresários integrantes do Grupo de Líderes Empresariais

São Paulo-SP, 24 de outubro de 2005

João Dória Júnior: A pergunta vem do Adilson Primo, presidente da Siemens, aliás, uma empresa que há 100 anos investe aqui, no Brasil. Primo, a sua pergunta ao Presidente da República, por favor.

Adilson Primo: Presidente, na Cúpula do Milênio, em setembro de 2000, foram estabelecidas as chamadas Metas do Milênio, com um alcance de 15 anos, estabelecendo índices de desenvolvimento humano, e o senhor, na sua exposição, focou na temática educação.

A minha pergunta é: com relação aos outros índices, quais foram, efetivamente, as iniciativas do seu governo para que nós possamos avançar e próximo a 2015 termos uma diminuição deste déficit social que temos hoje?

Presidente: Olha, eu disse, no meu discurso, que nós tínhamos instituído um prêmio para as melhores práticas, dentro das oito necessidades que a ONU colocou, para o cumprimento das Metas do Milênio. E por que nós instituímos este prêmio? É para que possamos motivar não apenas entidades empresariais, ONGs, prefeituras, governos de estado, mas incentivar a sociedade a assumir, desde o programa de combate à desnutrição infantil, a cuidar da mulher grávida, a cuidar do meio ambiente.



E nós esperamos que com a divulgação deste prêmio, com a inclusão das pessoas e a divulgação do nome das pessoas que ganharam o prêmio, nós vamos motivando o Brasil a assumir para si a responsabilidade de cumprir as Metas do Milênio.

Eu estou convencido que dentre os países emergentes o Brasil é o que tem mais possibilidade de cumprir as oito Metas do Milênio. Não acredito que outros países em desenvolvimento, pela quantidade de gente, China ou Índia, possam ter a mesma facilidade que o Brasil tem. Eu acho que nós temos material humano, nós temos gente organizada, na sociedade civil, o que nós precisamos é motivá-las. E se as prefeituras estiverem motivadas, você pode ficar certo que os exemplos serão os mais extraordinários. Por isso é que eu estou convencido que nós vamos cumprir grande parte das Metas do Milênio.

João Dória Júnior: Presidente, a próxima pergunta vem do presidente da Philips do Brasil, Marcos Magalhães. Marcos, sua pergunta ao presidente Lula.

Marcos Magalhães: Presidente, o tema é educação e uma preocupação do contexto empresarial: o senhor sabe que mais e mais, nos dias de hoje, as empresas, e também os países, são valorados em função do seu capital intelectual acumulado. E capital intelectual é conhecimento, e conhecimento pressupõe sistemas educacionais de qualidade.

E o ponto de partida, vários países demonstraram que são o ensino básico, o ensino fundamental, a pré-escola, o ensino médio. Nós temos problemas em todas essas áreas, o senhor descreveu uma quantidade de ações pontuais do governo mas, na realidade, nós sentimos ainda falta dos pontos fundamentais que países já demonstraram que essa trilha deve ser seguida.

A primeira delas é a política pública, política pública no sentido que nós percebamos, a Nação perceba, que é uma política de governo, é uma política



do presidente e não uma política do ministro da Educação, nem do secretário da Educação.

O segundo tema diz respeito ao pacto que o senhor mencionou, mas eu não percebi uma menção ao tema de educação como um assunto suprapartidário, ou seja, que não hajam periódicas discussões políticas em torno do tema, mas que haja um grande pacto político para assegurar, como o senhor bem colocou, que este programa de 20, 30 anos seja executado sem que as discussões recorrentes interrompam o processo de implementação.

Então, nós consideramos que esses dois temas são realmente fundamentais. Por que isso nos preocupa tanto agora? É que o “Estado de São Paulo” publicou, há um mês atrás, que 75% da população brasileira não sabe ler direito, não consegue interpretar um texto de razoável complexidade. Isso é um desastre, realmente é um desastre.

E o que nos preocupa, adicionalmente? É que em dois anos e meio do seu governo nós tivemos três ministros da Educação. Isso não me parece sinalizar para a sociedade uma continuidade e uma consistência de programas. Minha pergunta é: o que nós podemos esperar do seu governo de sinalizações fortes na direção de política pública continuada e encaminhamento de um pacto político suprapartidário para que nós todos possamos trabalhar para uma política de melhor qualidade de educação?

Presidente: Na verdade, nós trocamos um ministro da Educação, porque o Fernando Haddad é continuidade da política educacional levada adiante pelo ministro Tarso Genro. A segunda coisa, é que eu citei aqui algumas coisas que estamos fazendo, que não são poucas coisas, eu imagino que vocês conhecem perfeitamente bem que a educação fundamental no Brasil é de responsabilidade dos estados e não do governo federal. E em muitos estados ela é de responsabilidade das prefeituras, e nem dos estados. É por isso que você tem tantas coisas, tantos níveis diferentes em cada estado. O governo



federal tem responsabilidade, isto sim, pelo ensino médio e o ensino superior. E eu citei algumas coisas que estamos fazendo, o que não é pouco. Se você imaginar que, ao terminar o mandato, vou pegar o dia 31 de dezembro do ano que vem, a gente termina o nosso governo com 32 extensões de universidades federais pelo interior do Brasil, quatro universidades novas, mais 400 mil novos alunos pelo ProUni, nós fizemos uma pequena grande revolução na educação brasileira. Alunos que, certamente, estariam fora.

Se você imaginar que nós vamos fazer, depois de muitos anos, uma medição para aferir a qualidade do ensino na 4ª e na 8ª séries, isso pode significar, a partir daí, estabelecer um outro padrão de educação para o nosso país, porque até agora o que nós sabemos são pesquisas feitas por amostragens e não têm, efetivamente, a fotografia real de cada estado, de cada cidade ou de cada escola, que é o que nós vamos ter a partir do teste que estamos fazendo agora para todos os alunos do Brasil da 4ª série e para todos os alunos do Brasil da 8ª série. E a partir daí eu espero que a gente estabeleça um outro padrão para a educação brasileira.

Quando nós mandamos o Fundeb para o Congresso Nacional, é porque nós achamos que a partir do Fundeb a gente pode fazer a revolução que a educação brasileira precisava ter feito há muitos anos atrás. E eu acho que essa coisa da educação não pode ser partidarizada. Eu não concebo essa questão da partidarização, porque ninguém pode brincar com a educação neste país e ela não pode ser um modelo (inaudível), ela tem que ser um modelo que interessa a todo mundo. Por que nós demoramos para fazer o projeto de reforma universitária? Porque poderia o Tarso Genro ter sentado com o Fernando Haddad e ter feito. Nós preferimos envolver a sociedade brasileira num debate, elaborou-se um modelo, a este modelo agora está sendo dada a forma jurídica, para que ele vá para o Congresso Nacional. Nós não queremos que seja um modelo do governo ou um modelo do Ministério. O que nós queremos é que seja um apanhado daquilo que é a síntese do



pensamento dos que têm interesse na universidade neste país. E o mesmo vale para o ensino fundamental.

Tem muita coisa no ensino fundamental brasileiro que nós precisamos discutir novos parâmetros. É por isso que estamos investindo para reciclar milhares de professores neste país. É por isso que tivemos que fazer o ano passado o concurso – e de vez em quando nós somos atacados porque estamos inchando a máquina –, concurso para seis mil novos professores para repor professores que tinham se aposentado há muito tempo atrás e não tinham sido repostas as suas funções.

Então, eu penso que Fernando Haddad tem nas suas mãos, por tudo que já foi planejado, por tudo que está no Congresso Nacional e por tudo que está sendo feito, a possibilidade da gente dar um novo padrão à educação brasileira. E para isso nós precisamos aprovar o Fundeb.

Quero ressaltar, aqui, eu estou vendo aqui que já foram embora alguns, tem aqui muitos deputados. O Fundeb, meu caro Arlindo, é imprescindível que seja votado para que a gente possa garantir a qualidade do ensino fundamental no Brasil.

João Dória Júnior: Presidente, a última pergunta de hoje, eu peço às senhoras e aos senhores, por favor, aguardem o encerramento pleno para se levantarem, até por razões de segurança, tanto das senhoras e dos senhores, como também das autoridades, a começar do Presidente da República.

A última pergunta da mesa é a do presidente da Nívea, Paulo Zottolo. Paulo, a sua pergunta ao presidente Lula.

Paulo Zottolo: Presidente, uma pergunta bem rápida. Quando o senhor terminar o mandato, no dia 31 de dezembro de 2006, como é que o senhor gostaria de ser lembrado pelo povo brasileiro?



Presidente: Eu disse no dia 1º de janeiro de 2003, quando fiz o discurso, de que, se ao terminar o meu mandato, todos os brasileiros tivessem comendo no mínimo três refeições por dia, eu ia estar satisfeito. Porque Paulo Freire nos ensinou que uma criança com fome não aprende, uma criança com fome, ela vai para a escola um monte de tempo e ela não vai conseguir aprender, com o risco de que pode ficar com o cérebro atrofiado para o resto da vida. Essa é uma coisa.

A outra coisa, eu acho que qualquer brasileiro quer ser lembrado, e aí não sou eu que tem que lembrar, quando eu terminar o meu mandato eu gostaria que vocês empresários fizessem uma medição do que aconteceu nos últimos 30 anos na economia brasileira e fizessem um estudo comparativo em que momento nós estivemos melhor, em que momento nós tivemos mais solidez, em que momento tivemos mais credibilidade, em que momento as coisas andaram muito melhor para o Brasil. Eu acho que é assim que eu quero que a sociedade veja, analise corretamente, pense, porque eu acho que estamos fazendo para o Brasil uma coisa que deveria ter sido feita há 30 anos atrás. Nós estamos garantindo que o Brasil tenha a primeira oportunidade de ter um ciclo de desenvolvimento sustentável, sem que o governo permita que por causa de um processo eleitoral ou por causa do atendimento ou não de uma categoria, seja ela de grandes empresários ou de pequenos, que a gente faça estupidez ou tente fazer mágica com a economia brasileira. Eu sei da angústia, porque converso com muitos de vocês individualmente, eu sei daqueles que querem que o câmbio seja um pouquinho mais alto, mas também é importante lembrar que pediram, o tempo inteiro, que o câmbio deveria ser flutuante, o câmbio flutuante flutua. Portanto, nós temos que saber que temos que ter paciência nessa coisa.

Nós sabemos que o trabalho feito até agora foi o de dizer para o Brasil: olhe, nós não jogaremos fora esta chance, nós não jogaremos fora. Não haverá nenhuma pressão, de quem quer que seja, que faça com que a gente mude o



rumo de uma coisa que está dando certo. Se nós jogarmos fora essa oportunidade, vocês aqui empresários já foram dormir ganhando dez, levantaram perdendo 15; já foram dormir devendo 100 e acordaram devendo 400. Tudo mundo, aqui, já sabe que não tem mágica, quem inventou mágica quebrou a cara neste país. E a nossa mágica, na verdade, é a seriedade no trato da economia brasileira para que ninguém seja pego de surpresa, que as coisas aconteçam todo mundo sabendo o que está acontecendo. É por isso que a exportação está crescendo; é por isso que as importações de bens de capital estão crescendo; é por isso que a poupança interna, que era 18, quando disputamos as eleições, está 24% hoje; é por isso que o crédito cresce, o crédito ao consumidor cresce; é por isso que o emprego cresce; é por isso que o superávit de conta corrente cresce. O que está decaindo no Brasil neste momento? Agora começaram a cair os juros, a inflação e o custo de vida. E eu acho que nós não temos razão para reclamar. Temos razão, sim, para exigir cada vez mais, porque é com muita exigência que este Brasil pode dar certo.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
abertura do 19º Congresso Brasileiro de Avicultura**

Brasília-DF, 25 de outubro de 2005

Eu tenho uma briga toda vez que eu venho ao Itamaraty, porque você percebe que é muito baixo aqui. Quando o Itamaraty foi feito, acho que o ministro devia ter 1,50m de altura, porque agora é difícil.

Meu querido companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Meu querido companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Meu querido companheiro Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Meu caro José Augusto Lima de Sá, presidente da Associação Brasileira de Produtores e Exportadores de Frango,

Senhores agraciados, os três que receberam o prêmio,

Meus amigos e minhas amigas participantes do 19º Congresso Brasileiro de Avicultura,

Jornalistas,

Primeiro, contrariando o nosso querido Zoé, eu vou ler meu discurso, eu não vou falar de improviso, se bem que quero fazer o reconhecimento de algumas coisas que eu considero importantes e que não estão escritas aqui. O que está escrito vocês já sabem, porque foi cópia do texto que o senhor Zoé leu aí, na pasta, deve estar aqui.



Mas eu queria fazer um reconhecimento, aproveitar um Congresso como este, três Ministros que estão ali na mesa. E, sempre que eu posso, eu faço questão de frisar o seguinte: eu não conhecia o Furlan, eu não conhecia o Roberto Rodrigues e eu não conhecia o Celso Amorim. O Roberto Rodrigues eu conhecia *en passant* de algumas reuniões em que ele participava, meio convidado, assim, especial. O Furlan, eu conheci de umas duas vezes em que nos encontramos. E o Celso Amorim eu conhecia, assim de passagem, porque, como embaixador, ele me recebeu em outros países quando ele estava na Embaixada.

Todo mundo sabe que durante o processo eleitoral de 2002 eu dizia que desejava criar uma Secretaria Especial de Comércio Exterior, uma Secretaria que só cuidasse disso. E achava que, a partir daí, nós poderíamos fazer com que o Brasil tivesse na sua política de exportação uma coisa muito definida, que a gente não ficasse oscilando, como sempre oscilamos no Brasil: toda vez que a gente decidia exportar, a gente asfixiava o mercado interno, e toda vez que tentava fortalecer o mercado interno matava as exportações. Ou seja, era preciso provar que as duas coisas podiam caminhar juntas: crescer a exportação e crescer o mercado interno.

Pois bem, a sorte é que eu encontrei o Furlan para ser ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e ele cumpriu a função do “mascate” que eu sempre sonhei ter para o Brasil. É, um mascate. Um vendedor tem que ser um mascate, não tem que ter vergonha de defender o seu produto, não tem que ter vergonha de vender o seu produto como o melhor do mundo, de melhor qualidade e de menor preço porque, senão, a gente não disputa neste mundo globalizado em que as grandes potências têm muito desejo de levar vantagem sobre nós. E eu acho que o Furlan cumpre isso com muita galhardia, muita dignidade.

Segundo, o companheiro Roberto Rodrigues, que é um companheiro conhecido de todos vocês, um companheiro que, acho, sofre o dia-a-dia de



qualquer agricultor neste país, porque não só ele é ministro como é agricultor e, portanto, sabe do sofrimento, sabe o que representam as crises, sabe o que representa, às vezes, a falta de recursos.

Mas, sem desmerecer nenhum outro ministro que já passou por aqui – e passaram tantos, e tantas pessoas qualificadas, formadas – eu penso que poucas vezes o Brasil teve a sorte de ter um ministro com todos os predicados do Roberto Rodrigues porque, além de tudo que ele é de bom, ele é cantador de tango, tem empolgado as platéias, pelo menos onde eu tenho viajado com ele, e é um companheiro que tem dado uma contribuição extraordinária.

O terceiro é o Celso Amorim. Nós não poderíamos ter chegado onde chegamos se nós não tivéssemos tomado a decisão de fazer da política externa brasileira uma política estratégica, não de políticas eventuais: “eu vou, se puder, ou eu faço, se der para fazer”. Assim, nós não competimos. Qual foi a decisão? É que nós deveríamos ter a nossa política externa como uma das prioridades do governo, para que a gente pudesse ocupar todos os espaços no Planeta em que a gente pudesse vender os nossos produtos.

Eu me lembro do ano passado, Celso, quando o Putin veio ao Brasil e, naquele tempo, tinha surgido o caso de um foco de febre aftosa numa cidade no estado do Amazonas. E, como sempre, disseram que iam parar de comprar carne do Brasil porque tinha um foco de febre aftosa no Amazonas. Eu levei o Putin a uma sala em que estava o mapa do Brasil e, do outro lado, tinha o mapa-múndi, para mostrar para ele a diferença entre o Brasil e a Europa, e para mostrar para ele a distância entre o local em que estava o foco de febre aftosa e o chamado local exportador de carne brasileira, para ele perceber que dava umas quatro Alemanhas, umas três França, ou seja, ele não tinha o que temer, o que ele precisaria era conhecer um pouco o Brasil, até porque nós já tínhamos mandado uma carta para ele porque, na distribuição de cotas, deram 70% para os Estados Unidos e o Brasil ficou entre outros.

Essas coisas vão mudando. A gente sabe que já está comprando um



bocado e vai comprar mais ainda porque quem tem que ser teimoso, neste negócio, somos nós. Nós não temos que ficar lamentando, nós temos é que ir atrás, cutucar, para que a gente possa colocar os nossos produtos. E fazemos isso porque temos consciência de que hoje ninguém pode ficar sentado numa poltrona esperando que um comprador bata à sua porta.

Eu tive a oportunidade de visitar alguns grandes exportadores, fui visitar a Perdigão, a Sadia. Toda vez que eu falo da Sadia, eu tenho que falar da Perdigão; quando eu falo da Perdigão, eu tenho que falar da Sadia. Ou seja, um país que é capaz de ter complexos empresariais desse porte não tem que ter medo de competir, realmente, com ninguém. O que nós precisamos é colocar a cara para fora, fazer as disputas que temos que fazer e aprimorar, cada vez mais, os nossos produtos, porque é isso que termina levando em conta a nossa capacidade de competir ou não. E eu acho que nós estamos no caminho certo. Eu acho que o Brasil vive um momento auspicioso, mas é importante lembrar a vocês: toda vez que a gente cresce muito, também aparecem aqueles que querem jogar casca de banana, aqueles que não querem que as coisas dêem certo, aqueles que querem competir conosco e, portanto, querem atrapalhar. O jogo é mais duro.

Por isso é que quanto mais nós crescermos, mais responsabilidades nós temos que ter, melhor qualidade nós temos que ter, de preferência, o melhor preço nós temos que ter. Quando a gente é pequeno e não é competitivo, ninguém dá importância para a gente. Todo mundo aqui, quem faz política sabe, um partido que tem três deputados pode gritar o que quiser o dia inteiro na Câmara que ele é ouvido mas, na hora de votar, não tem o peso que precisava. No comércio é a mesma coisa. Um país que não tem importância neste mundo dos negócios, pode gritar que não será ouvido. Por isso é que nós construímos o G-20, uma organização dos países com potencial similar ao do Brasil, alguns muito grandes, outros médios, outros menores. Mas, para que a gente chegue na OMC, que a gente chegue com o mínimo, mais ou menos



como o time do Corinthians agora, bem organizado, bem estruturado, pensando em ganhar definitivamente o título, porque se a gente chega sozinho, tentando cada um resolver o seu problema, a tendência natural é nós perdermos.

E foi assim que nós tivemos algumas vitórias, e é assim que a gente está com muita esperança de, quem sabe, quando chegarmos à Rodada de Doha, a gente possa ter uma decisão de política comercial mais definitiva e mais importante, sobretudo, para os países emergentes, como costumam dizer os nossos concorrentes pelo mundo.

Por isso, eu não poderia faltar a este Congresso. O Brasil, definitivamente, tem que tirar lições. Eu disse ao Roberto Rodrigues, quando surgiu esse foco da febre aftosa no Mato Grosso do Sul que, diferentemente do que aconteceu no Rio Grande do Sul, três ou quatro anos atrás, quando ficamos um mês na imprensa vendo quem era culpado, se era o Papa, se era o prefeito, o governador, o deputado, o criador... sabe, aconteceu! Nós vamos ter que resolver o problema e vamos ter que evitar que aconteça outra vez.

Em um país que tem a quantidade de quilômetros de fronteira seca como tem o Brasil, a nossa responsabilidade aumenta, na medida em que nós temos que conversar com os nossos vizinhos para que tenham o mesmo cuidado e para que tenham, eu diria, o compromisso conjunto, que é uma proposta que fizemos em Ouro Preto para que a gente assuma como responsabilidade tentar tirar a América do Sul, ou seja, livrar a América do Sul dos países com febre aftosa. E, aí, se não tiver compromisso de Estado, vai ficar muito mais difícil.

De forma que eu queria dizer a vocês algumas medidas que o Roberto deve ter anunciado hoje. Não vou falar aqui do crescimento das exportações, não vou falar aqui da geração de empregos, porque o senhor Zoé já falou, e vocês já devem ter ouvido, vocês que passaram os dados para ele e para mim também, então, eu não vou repetir aqui o que vocês já sabem.



Eu acho que é importante a gente saber que a Embrapa joga um papel importante. É importante vocês saberem que o Estado brasileiro, e o ministro sabe disso, outros que já foram ministros sabem, o Estado brasileiro sofreu, nos últimos 15 ou 20 anos, um processo de desmonte. E podem ficar certos de que muitos de vocês contribuíram para isso, sem querer e sem saber, porque houve um tempo neste país em que um técnico especializado, quando ganhava 5 mil reais, era chamado de “marajá”, era criticado. Hoje, uma empresa, para contratar um grande especialista, seja numa empresa de vocês ou em outra empresa qualquer, ele vai ganhar 15, 20 ou 25 mil reais por mês.

Aqui no governo, para contratar um grande especialista, a começar do ministro, que ganha 8 mil reais, para você convencer um técnico a vir trabalhar no governo para ganhar 5 mil reais, 6 mil reais, só se a pessoa for, realmente, muito, eu diria, comprometida ideologicamente, senão não vem.

E todo mundo sabe como é que é: um grande técnico, hoje, vai trabalhar numa empresa privada para ganhar 15 mil reais, 20 mil reais, ainda tem despesa com gasolina paga, tem despesa com restaurante, tem despesa... e não tem Ministério Público atrás dele, não tem CPI atrás dele, não tem nada.

A máquina pública foi desmontada. Em vários setores, em vários departamentos a máquina pública foi totalmente desmontada. Recuperar esta máquina significa ter um outro debate, porque houve um tempo em que a moda era dizer que o Estado não precisava de nada, precisava tirar o Estado de tudo. Está lembrado do tempo do Estado mínimo?

Agora, nós estamos chegando à conclusão de que o Estado não tem que ser mínimo, nem máximo, ele tem que ser um Estado necessário para dar conta das coisas, porque embora a febre aftosa seja da responsabilidade dos estados, o governo federal é que tem responsabilidade de fiscalizar. E assim vale para todas as áreas. Montar este Estado, podem ter certeza, vai precisar da ajuda de vocês e não só da ajuda, não é pedir dinheiro para vocês pagarem, não, é para que reconheçam. E um companheiro como o Zoé que veio aqui e



fez o discurso. É importante fazer em todo lugar. O Estado brasileiro precisa de grandes técnicos. Quando é uma grande empresa como Itaipu, não precisa porque paga bem, quando é uma grande empresa como a Petrobras, não precisa porque paga bem, quando é o BNDES não precisa, porque paga bem. Mas a máquina pública, do Estado, do governo federal, ou nós tomamos uma atitude de reestruturá-la... E a cada vez que nós fazemos concursos, e já fizemos muitos concursos em quase todos os Ministérios, a cada vez que nós fazemos concursos é uma enxurrada de editoriais dizendo que nós estamos inchando a máquina pública.

Na verdade, essa máquina, que já tem uma máquina pública de primeira qualidade, que compete com qualquer máquina pública do mundo, essa máquina foi desmontada ao longo de muitos anos. E todo mundo sabe que começou propriamente em 1990, foi desmontada. Agora, remontar essa máquina vai levar algum tempo. E quando a máquina estiver montada, ela precisa menos de governo porque ela funciona. Você tem hoje alguns departamentos no Estado que funcionam bem, um deles é a Receita Federal, que funciona bem, que tem profissionais. O (inaudível) da Embrapa sabe da dificuldade de trazer um técnico para a Embrapa, de trazer um grande pesquisador. O cidadão prefere dar duas aulas por mês na Sorbonne ou prefere dar aula na Getúlio Vargas, fazer uma palestra, escrever um artigo, do que se matar para ganhar 5 mil reais, 6 mil reais. E quanto de entrada? 2 mil e 500, 3 mil e 500 de entrada? Então, a máquina pública precisa, efetivamente, ser reordenada com gente de qualidade, pegar o que tem de melhor nas nossas universidades para ajudar, porque senão o Estado não responde às necessidades da sociedade.

Eu diria que esse é um compromisso que nós temos que ter e é novo. Obviamente que o Roberto, o Celso Amorim e o Furlan, que eram três companheiros, como eu disse para vocês, que vieram trabalhar comigo, porque tem aquela coisa de time, você conversa com as pessoas e você vê uma



pessoa tão ativa que você fala “é esse que eu vou levar.” Ou seja, esses companheiros tiveram total liberdade de montar os seus Ministérios. O Roberto trouxe quem quis, mandou embora quem quis. O Celso trouxe, o Celso não pôde trazer quem quis, porque tem uma parte que não pode. E, às vezes, as pessoas não querem ficar. Todo mundo sabe que o Amaury era um homem bem situado na vida, o Amaury era um homem que tinha a situação privilegiada. Agora, quando o Amaury começou a engordar, vocês estão lembrados que o Amaury começou a engordar, o Amaury sofria porque não só ganhava pouco como a responsabilidade do mundo caía nas costas das pessoas.

Então, eu acho que esse é um desafio em que vocês podem ajudar. E acho que nós já temos responsabilidade de entender o seguinte: a carne de frango, a carne de porco ou a carne de gado hoje, para nós, não é mais aquele negócio primário, aquele negócio: “não, aquilo é uma fabriqueta”, não. Isso para nós, hoje, é cartão de visita internacional. Eu me lembro, logo no começo, que o Furlan um dia me disse que pegou não sei quem aí, que estava colocando um pouco de água no frango para congelar, para ficar um pouco mais pesado. Eu falei: Furlan, diga para quem estiver fazendo isso que é, no mínimo, um tonto, porque na hora em que for descoberto, esse cidadão vai prejudicar não apenas ele, mas o Brasil inteiro.

Hoje, a nossa responsabilidade é de tamanha envergadura que nós não podemos brincar, porque se a gente brincar alguém vai aparecer e vai em outro lugar comprar. Então, eu acho que isso é uma coisa extremamente importante e eu acho que vocês são exemplo. Eu por exemplo, fui visitar o trabalho dos integrados lá em Concórdia, depois eu fui ao Mato Grosso visitar, depois eu fui em Goiás visitar. Obviamente que é uma coisa extraordinária, são formas de produção, empresas modernas que permitem que qualquer brasileiro, seja ele presidente ou não, tenha orgulho das coisas que estão sendo implantadas neste país. E os integrados são uma coisa tão importante que hoje,



difícilmente, uma fábrica de celulose se implantará no Brasil se não tiver os integrados. Ao invés de produzir 500 mil hectares de eucalipto, faz parceria com os pequenos proprietários e vai dando um pouquinho de recurso. Vai desmatar menos, vai gerar mais empregos, vai gerar mais renda, isso já está acontecendo em vários lugares do Brasil, possivelmente, pela experiência que nós tivemos com os nossos queridos pequenos agricultores. Teve um tempo em que, ideologicamente, eu era contra, eu achava que aquilo era um absurdo. Até que eu fui a Concórdia e um cidadão falou para mim: “pô, Lula, você é contra? Nós, aqui, ó... eu passo um ano sem ver um dinheirinho, o dinheirinho que eu ganho é aqui, a cada – eu não sei se era a cada 70 dias, 90 dias – eu tenho aqui umas notinhas para ir ao mercado comprar, se não fosse isso aqui eu não tinha, não”. Eu falei: bom, então eu estava errado, deixa eu apoiar logo esse serviço aí.

Bem, o governo também não pode tudo. Habitualmente, as pessoas pensam que o governo pode tudo, e o governo não pode tudo porque tem também muitas limitações e vocês conhecem, pelo menos alguns de vocês conhecem perfeitamente bem. Vou dar o exemplo das dificuldades: anteontem, nós estávamos discutindo aqui sobre a questão da febre aftosa com o governador do estado do Mato Grosso do Sul, com o ministro Roberto Rodrigues, e eu tinha ficado nervoso porque tinha saído no jornal a matéria dizendo que faltava dinheiro, que não tinha três milhões e meio para o Mato Grosso do Sul, e eu não me conformava que fosse por causa de três milhões e meio. E, na verdade, sentamos à mesa, o Secretário-Executivo do Roberto falava assim: “o dinheiro para o Mato Grosso do Sul”. Aí, o Secretário do Mato Grosso do Sul perguntava: “o orçamentário ou o financeiro?” Aí, o do Roberto falou: “orçamentário”. E por que é que não manda o dinheiro? O dinheiro não está lá ainda porque tem que ter um projeto do governo do estado, porque se não tiver um projeto do governo do estado, o Tribunal de Contas da União não vai permitir passar o dinheiro para o estado. Eu disse para o Guedes: ô



Guedes, não dá para sentar naquela mesa ali do lado, você e o Governador, fazem um documento e assinam os dois? porque estávamos marcando uma nova reunião; também, a burocracia no Estado brasileiro foi feita... ela dá com uma mão e tira com a outra. Uma lei diz que pode, a outra diz que não pode.

Nós temos isso aqui, no caso do Ibama, a mesma lei que diz que tem que fiscalizar é a lei que diz que não tem que fiscalizar e, quando o fiscal é sério, que fiscaliza e faz alguma coisa errada, o que acontece? O Ministério Público vai em cima dele, e a primeira coisa disponibilizada são os bens dele. Ele, então, fica: “eu não vou dar licenciamento para isso funcionar”. É um Estado feito... e eu fui oposição, durante os anos da Constituinte, e é impressionante. É impressionante, parece que a gente trabalha para evitar que as coisas sejam fáceis. Agora, quando se apresenta a possibilidade de um vírus que pode atacar a extraordinária criação de frango que nós temos ou o nosso gado, aí não tem oposição, não tem situação, não tem pequena, não tem grande, não tem governo, aí somos todos nós porque independe de quem esteja no governo ou na oposição. É um problema do Brasil e os nossos filhos serão as vítimas, os nossos netos, se a gente não aproveitar essa coisa agora e fazer o que tem que ser feito.

O Brasil tem que primar pela qualidade e tem que oferecer essa qualidade ao mundo. E eu tenho a certeza de que essa coisa que está acontecendo hoje no Brasil vai fazer com que, ao discutirmos o dinheiro para que a gente cuide de forma correta do nosso rebanho, ele não seja tratado como se fosse dinheiro de outro Ministério que não tem o mesmo problema. Por isso eu quero desejar a vocês... Primeiro, algumas medidas que o Roberto anunciou. Você já anunciou as medidas que nós vamos fazer aqui? Então, também, não preciso ler. Eu quero só terminar dizendo o seguinte: olhem, eu acho que a hora é agora. O Brasil está consolidado como o maior exportador de carne de frango e de carne de gado do mundo. Não é fácil chegar onde nós chegamos. Então, agora, nós não podemos deixar a peteca cair. Por isso,



estejam certos do seguinte: não é apenas porque os ministros são aquilo que eu disse que são e, possivelmente, sejam melhores do que o que eu falei deles, mas é porque é um compromisso de honra do Estado brasileiro não permitir que a gente retroceda depois dessa conquista que nós tivemos.

Bom Congresso para vocês e que Deus ajude este país a andar cada vez mais.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do 33º Congresso Brasileiro de Agências de
Viagens e Exposição de Turismo
Rio de Janeiro-RJ, 27 de outubro de 2005**

O problema é que quando nós temos 17 anos, nós ficamos rezando todo dia para que o dia tenha apenas uma hora e não 24 horas, para completar 18 anos logo. Quando a gente tem 60, a gente fica pedindo a Deus que demore 10 anos para a gente não chegar aos 61. De qualquer forma estamos cumprindo o ciclo da vida e, quisera Deus, que todos pudessem chegar aos 60.

Eu quero cumprimentar a nossa querida Rosinha Garotinho, governadora do estado do Rio de Janeiro,

A nossa querida governadora Wilma Maria de Faria, governadora do Rio Grande do Norte,

O nosso querido ministro Walfrido que, se não existisse, teríamos que criar um ministro do Turismo,

Quero, cumprimentando o Walfrido, cumprimentar a todos os ministros de outros países que estão nos visitando neste Congresso,

Quero cumprimentar os embaixadores estrangeiros acreditados junto ao meu governo,

Quero cumprimentar o deputado federal, Antonio Cambraia, presidente da Comissão de Turismo e de Esportes da Câmara dos Deputados,

Quero cumprimentar a deputada federal Elaine Costa, deputado federal Júlio Lopes e Ricarte de Freitas,

Quero cumprimentar o senhor Otávio Leite, vice-prefeito do Rio de



Janeiro,

Quero cumprimentar a todos os secretários e secretárias estaduais do Turismo,

Quero cumprimentar o dono da festa, aqui, que é o João Pereira Martins Neto, presidente da Associação Brasileira de Agências de Viagens, em nome de quem eu quero cumprimentar os demais integrantes da mesa,

Quero cumprimentar os deputados estaduais, prefeitos, vereadores que estão presentes,

Mas, sobretudo, quero cumprimentar os agentes de viagens e os empresários do turismo que estão participando desse 33º Congresso da Abav.

Na verdade, o que nós estamos, pela fala do nosso presidente da Abav e pela fala do companheiro Walfrido, o que nós estamos é colhendo um pouco daquilo que foi plantado.

A primeira grande coisa que aconteceu no Brasil foi definir o turismo como uma indústria e como prioridade. Nós não poderíamos continuar com o turismo sendo o resultado da bravura de vocês ou de medidas ocasionais do governo, ou da inteligência e da criatividade de alguns empresários brasileiros. Era preciso que nós déssemos a dimensão estrutural para que o turismo fosse definido como prioridade nacional. Não só porque gera emprego, gera renda, mas porque a questão cultural com o turismo, ela faz com que o brasileiro possa ensinar mais e que outros aprendam aqui conosco, mas ela também melhora a cabeça do nosso povo, aprendendo mais um pouco, não só da nossa diversidade cultural interna, mas é muito importante também que viajemos para fora para aprender um pouco com outros povos, com outras civilizações.

O dado é que isso não seria possível se não houvesse uma definição estratégica e uma parceria entre os empresários e o governo, através do ministro do Turismo. Não seria possível se não houvesse a compreensão dos



estados brasileiros, dos municípios, onde não se disputa quem é o pai da criança, esse tem que ser um pai coletivo. Essa criança, na verdade não tem pai, ela está num grande orfanato chamado Brasil e nós vamos cuidar dela com carinho, porque dela depende, muito, o futuro do Brasil, o futuro de muitos países da América do Sul, para que um dia possamos chegar a nos vangloriar como os espanhóis, como os franceses, pela quantidade de turistas que recebem todo ano, sem falar dos Estados Unidos.

Essa parceria só foi possível porque houve um entrosamento entre a iniciativa privada, o governo, os estados e os municípios. Então, o que nós estamos colhendo aqui, hoje, é o que vocês plantaram, é o que vocês semearam.

Eu me lembro do encontro internacional que fizemos lá em Brasília, sempre tem gente contra, porque pessimista você encontra em qualquer lugar do mundo. Eu estou ficando velho e estou aprendendo que a gente tem que levantar, todo santo dia, e fazer uma reza profunda para que a gente deixe o pessimismo no banheiro, dê descarga nele logo cedo e saia para a rua pensando coisas boas, porque aí elas acontecem, tem muito mais chance de acontecer.

E aí, qual é o resultado que nós temos? No ano passado, foram 4 milhões, 793 mil e 703 turistas que visitaram o Brasil, o que representou 26,7% a mais do que em 2002. Até agosto de 2005, a entrada oficial de divisas decorrentes do turismo foi de 2 bilhões e 526 milhões de dólares, um crescimento de 20% em relação ao mesmo período do ano passado. Esses resultados, por si só, mostram o quanto foi significativo o trabalho que vocês construíram até agora.

Crescemos de forma pujante e invertimos a balança turística, historicamente, todo mundo sabe, o Brasil produzia déficit. Você sabe que eu mantenho uma marcação cerrada, uma marcação muito cerrada em cima do Walfrido. Quando ele passa 15 dias sem me ligar para me dar uma boa notícia



do turismo, eu ligo e pergunto: o que está acontecendo? Cadê os números? Aí no dia seguinte ele inventa um monte de números que eu nem sei se todos são... mas ele me mostra lá e me convence.

Portanto, não há dúvida de que acertamos ao incluirmos o turismo entre as dez prioridades do nosso governo. E foi importante criar um Ministério, tem muita gente que critica: “por que vai criar mais um Ministério? Por que isso vai inchar a máquina”. Bobagem, quem pensa assim é porque queria que o Brasil continuasse não dando certo na área do turismo, quem pensa assim, quem sabe, foi quem determinou que o Ministério do Turismo, na década de 40, fosse ligado ao Ministério da Agricultura, ou seja, o turismo hoje é uma coisa que tem que ser tratada como se fosse a miss Brasil. Tem que ser tratada com carinho excepcional. Não pode ser tratada como uma coisa secundária. Eu vou fazer ver tudo, eu vou pensar numa siderúrgica, vou pensar num pólo petroquímico, eu vou pensar... Quem pensar assim, vai quebrar a cara, porque nós achamos que o turismo tem que ser determinante para o crescimento de alguns países e, dentre eles, o Brasil que tem um potencial extraordinário.

Eu quando falei aqui, João Pereira, no outro encontro em que estava o embaixador americano e eu falei que era preciso pegar os turistas que vão visitar Niágara, e trazer para visitar Foz do Iguaçu, que eles iam perceber que o Niágara era um filete de água, era um corregozinho perto das nossas Cataratas. Mas é verdade, se a gente não mostrar, meu caro, ninguém casa com quem não conhece, ninguém visita uma coisa porque é feia. As pessoas precisam conhecer. E o Brasil precisa fazer o que está fazendo, se mostrar. Não ter vergonha de se mostrar. Não é vaidade, não é arrogância, não é nada. Os defeitos que nós temos, os nossos competidores mostram. As virtudes que nós temos, somos nós que temos que mostrar.

Vocês sabem que nós temos uma meta ambiciosa. Eu prefiro meta ambiciosa a meta frouxa, porque quando você vai falar “quanto é que vai ser o jogo?” – agora que o Corinthians está na moda, Corinthians e Goiás – “quanto



é que vai ser o jogo?” Se um jogador falar que vai ser 0X0 ou 1X0, não passa confiança. Ele tem que falar “vamos entrar para arrebentar e vamos ganhar o jogo”. Essa meta nossa de receber nove milhões de viajantes estrangeiros e ampliar para cerca de oito bilhões de dólares a geração de divisas é muito importante. A gente pode até nem chegar lá, mas o importante é que a gente trabalhe com muito afinco para chegar, que a gente trabalhe efetivamente porque eu aprendi uma coisa: não existe nada impossível. O impossível é apenas um pouco mais difícil e exige de nós um pouco mais de competência, um pouco mais de trabalho. E por isso é que nós temos que pegar essa meta e dizer: “aqui nós vamos cumprir esta meta”. E quem vai ganhar com isso? Todos nós vamos ganhar com isso.

Portanto, é com muita alegria que a gente participa deste encontro. Eu disse que, na outra encarnação, se eu pudesse ser um homem público, eu queria ser ministro do Turismo, porque na política é o seguinte: ser ministro, presidente ou governador, ou prefeito, e ser secretário da Fazenda ou ministro da Fazenda é que é espinhoso no governo. Agora, ser ministro do Turismo, apesar de trabalhar muito... Mas o mesmo ainda vai acontecer com a Rosinha aqui, com o Secretário dela. “Onde está o Secretário? Está em Búzios em um encontro. Onde está o Presidente? Está dentro da Volkswagen, está na Reduc. Onde está o Walfrido Mares Guia? Ah! Ele estava em Cancun, em um encontro”. E Deus queira que você continue viajando mais, porque falando o que você fala, porque se você não passar o otimismo que nós precisamos passar, os outros passarão o pessimismo.

E aí eu quero dizer para vocês umas coisas que são resultado do trabalho de vocês. Vocês sabem que o Plano Nacional de Turismo foi elaborado com o objetivo de contemplar a rica diversidade brasileira, as belezas naturais, a cultura da nossa gente e os sítios históricos existentes em várias regiões do país. Já foram identificados 219 pólos com potencialidade para o desenvolvimento do turismo. E eu vou dizer uma coisa para vocês: eu



acho que o Walfrido, é verdade, se ele não estivesse, se ele não existisse, nós teríamos que criar, porque ele foi o homem colocado no lugar certo porque, para que as coisas dêem certo, as pessoas têm que gostar. Se as pessoas não fizerem o seu trabalho com paixão, e vocês sabem disso, se você não fizer o trabalho com paixão, a coisa pode não produzir o tanto que a gente quer. E é verdade, eu acho que pouca gente na história do turismo brasileiro teve a felicidade de montar a equipe que o Walfrido montou. Eu sou suspeito para falar dos companheiros, porque são todos meus amigos, alguns históricos, mas eu só tenho recebido elogios por todos os lugares do Brasil em que eu vou, da equipe montada pelo companheiro Walfrido. Portanto, o resultado só poderia ser esse.

Convencer estrangeiros a virem ao Brasil é uma tarefa incomensurável. Você fazer um alemão, um japonês, um francês, um italiano vir para o Brasil é preciso que a gente se dedique com profissionalismo, porque não falta quem fale mal do Brasil. E uma coisa que nós fizemos e que eu acho que é uma coisa excepcional, que ainda não produziu todos os resultados que nós queremos é o trabalho que a Embratur está fazendo no exterior. Nós mais do que dobramos a nossa participação em feiras internacionais. Quem assistiu, este ano, o Ano Brasil lá na França, viu o poder que tem o Brasil quando nós acreditamos em nós mesmos. Possivelmente, a França jamais esperasse que o Ano Brasil fosse o sucesso que foi. O dobro, o triplo, cinco vezes do que o Ano da China. Nunca se viu tanto brasileiro, tantos franceses freqüentando salões de artes brasileiras, lendo coisas do Brasil, tendo acesso às informações brasileiras, nunca se viu tanto. E eu acho que é assim que o Brasil vai ocupar um lugar de destaque.

Apenas em 2005, já captamos 24 novos grandes eventos internacionais de negócios para o nosso país. Com isso, o Brasil subiu no ranking mundial de país realizador de eventos, passando da 21ª para a 14ª posição, significa um avanço extraordinário. Se nós tivéssemos caído uma, quem sabe a imprensa



tivesse dado destaque. Como nós crescemos um monte, nós precisamos falar e repetir aqui para as pessoas saberem que nós melhoramos a nossa participação no cenário internacional.

Além dos escritórios que instalamos em Nova Iorque, Lisboa, Londres, Paris, Frankfurt e Milão, criamos, em 2005, o escritório da Espanha, bem como o escritório conjunto de Promoção do Mercosul, no Japão. Eu confesso a vocês que eu fiquei emocionado quando entrei em um vagão, em um trem em Tóquio, para fazer propaganda do Brasil, e lá estava a exposição das coisas mais bonitas que nós temos. Aquilo ficou um tempo naquele metrô, e eu quase me lancei candidato lá em Tóquio porque quando eu saí, não sei se é porque eu era a única pessoa diferente lá, as pessoas me conheciam, tinha pouca gente diferente lá e eu era um deles, mas foi uma coisa muito emocionante, saber o potencial que o Brasil tem para ser vendido lá fora.

E depois, uma coisa fantástica, que é a coisa que eles mais gostam, é o jeito do nosso povo. A pernambucanidade, a baianidade, a maranhidade, eu acho que o jeito do nosso povo, eu não sei se eu vou ser presunçoso aqui, mas eu acho que tem pouca gente no mundo que tem o jeito do brasileiro. Quando você vê, por exemplo, na Bahia, qualquer batuque, é verdade, na Bahia, até o barulho de uma batida de carro, as pessoas pensam que é música e começam a dançar. A riqueza cultural do Rio de Janeiro... se a gente for analisar as matérias negativas que saem na televisão falando do Rio de Janeiro, qualquer coisinha no Rio de Janeiro ganha uma dimensão enorme. Agora, não adianta falar mal do Rio de Janeiro, porque isso aqui... Deus, Jesus Cristo está com os braços abertos ali, tomando conta. Isso aqui é um poder extraordinário. Só o cidadão chegar de avião, e ele ver o cenário, já valeu a viagem. É que nem gol de Ronaldinho no Barcelona. Viu um gol de letra, valeu o ingresso, nós não falamos assim? Volta para casa! Se pegar um dia de sol bonito, aqui no Rio de Janeiro, já valeu. E aí, a beleza do Nordeste, a beleza do Sul do país. Então, nós temos que colocar isso para fora, nós é que temos que colocar. E, ao invés



de esperar que eles venham para cá, nós temos que ir lá. Por isso, meu caro Eduardo, meus parabéns pela montagem dos escritórios e, se puder, vamos montar mais escritórios lá fora.

Sempre tem gente que vai dizer que nós estamos gastando. Mas o Brasil é o único país capitalista do mundo em que as pessoas querem ganhar dinheiro sem investir. Então, nós temos que investir. Antes, dizia-se que não adiantava intensificar o marketing turístico, pois nossa infra-estrutura receptiva não comportaria o aumento significativo de visitantes estrangeiros. Nós estamos provando o quê? Eu quero ser a testemunha de vocês: em algum momento da história deste país nós tivemos a quantidade de aeroportos brasileiros, de uma única vez sendo preparados, como estão agora? A Infraero está, de forma responsável, tentando adaptar todos os aeroportos à nova realidade brasileira. Ou seja, não adianta a gente querer que turista venha para ver muquifo, não vem. E o aeroporto é o primeiro sinal que você pode dar de forma positiva para um visitante. Vejam uma coisa, do total de 66% dos aeroportos da Infraero, nós estamos consertando praticamente quase todos. Em 19 destes, incluindo a primeira etapa de Congonhas e os aeroportos de Recife e Maceió, as obras já foram concluídas, já fui inaugurar o de Uberlândia. Quem é de São Paulo, aqui, sabe: aquele aeroporto de Congonhas, o sacrifício que a gente faz para chegar e para sair é um negócio maluco.

Agora, no final do ano, se Deus quiser, vamos resolver o problema do estacionamento, para que o turista que chegar em São Paulo... Em São Paulo tem muito turista de negócios, o cara já vai pensando em ganhar dinheiro ou perder dinheiro, então ele tem que ter um bom tratamento no aeroporto. E, ali, aquele estacionamento, faz 12 anos que eu xingo alguém por causa daquele estacionamento. Eu, um tempo, pensei que havia um acordo entre a polícia e os táxis, porque eles queriam que a gente descesse do carro andando, não dava nem para parar que eles iam multando, as pessoas sofrem. Graças a Deus, nesse final de ano, nós vamos resolver esse problema para que as



peessoas se sintam mais leves ao chegar ao aeroporto de Congonhas, em São Paulo. O de Santos Dumont, nós vamos torná-lo também mais acessível. Ou seja, as pessoas merecem, no mínimo, respeito, e nós estamos fazendo isso.

Uma coisa importante que eu quero dizer para vocês. Nós estamos, desde março deste ano, tentando começar a Rodovia 101/Nordeste, aquela que vai de Natal até a Bahia. É uma coisa que estava na nossa prioridade, para dar conforto ao turista que, ao descer num estado, poder transitar por todo o Nordeste. O que aconteceu? Primeiro, o Tribunal de Contas encontrou irregularidades, mandaram vários senadores do Nordeste ao Tribunal de Contas conversar, foi suspenso. Depois acertamos tudo, fizemos a licitação. Ganha um grupo de empresas. Um outro grupo de empresas entra na justiça, ganha uma liminar. Pára a obra. Nós, agora, tomamos a decisão de começá-la com um Batalhão de Engenharia do Exército Brasileiro, para que a gente comece a fazer.

Da mesma forma que nós estamos, agora, acreditando que a BR 101/Sul, de Osório a Palhoça, vai dar mais tranquilidade aos brasileiros que vão para a Argentina e para o Uruguai, e a eles que vêm para cá, porque todo ano tem muito acidente de carro. Com a duplicação, se Deus quiser, eu acho que nós vamos resolver um problema crônico e vai aumentar o trânsito de brasileiros e de gente do Mercosul transitando de um lado para o outro além das cargas. Essas obras são prioritárias, inclusive pensando no turismo do nosso país e, sobretudo, o turismo interno.

Eu quero dizer que estou pulando muitas páginas aqui, não vou citar mais números porque eu quero dizer duas coisas para vocês. O Brasil, isso é importante vocês atentarem, porque de vez em quando a gente perde oportunidades. Nós temos um jeito todo especial de ser, enquanto seres humanos: agora, está calor e a gente passa o dia inteiro: “precisava chover, precisava fazer um pouco de frio”; levantamos e vamos dormir assim, não é? Deitamos, e está calor, “precisa fazer um pouco de frio”; quando começa a



fazer frio, faz uma semana e a gente começa: “precisa fazer calor, precisa fazer calor”. A vida é assim, na política, na economia.

Nós estamos vivendo um momento no Brasil em que nós não podemos permitir que a impaciência tome conta de nós, porque uma chuva só vai promover os resultados importantes para a agricultura se ela cair de forma razoável, nem pouca nem muita. Pouca, não resolve; muita, mata as coisas. Ela tem que cair no limite.

O que está acontecendo com o país neste instante? Eu tenho brincado muito com os economistas para pegar o governo Juscelino Kubitschek como marco. Há muitos e muitos anos nós não temos no Brasil uma conjunção de fatores dando certo, combinando entre si. Se nós aproveitarmos essa oportunidade nós poderemos ter, definitivamente, um ciclo de crescimento sustentável, de longo prazo.

Prestem atenção numa coisa. O Brasil nunca cresceu com inflação baixa. Toda vez que a economia brasileira cresceu, a inflação chegou a dois dígitos. Segundo, o Brasil nunca conseguiu combinar a exportação com o crescimento do mercado interno, nunca. Toda vez que a gente decidia exportar, matava-se o mercado interno, toda vez que se voltava para o mercado interno, a gente matava as exportações.

O que está acontecendo neste momento? Nós estamos crescendo com a inflação baixa, nós estamos exportando com o mercado interno crescendo, nós estamos tendo superávit de conta corrente, nós estamos tendo crescimento da poupança interna, nós estamos tendo crescimento do crédito, sobretudo, o crédito popular neste país cresceu de forma excepcional com o crédito consignado, nós estamos tendo um crescimento das exportações. Eu sei que é normal reclamar, tem gente que fala: “Presidente, mas o câmbio está baixo, precisava ser um pouquinho mais alto”. Aí, sai aquele, esse é o exportador, ele fala: “Presidente, olha, o câmbio precisava ser um pouquinho mais alto”. Aí, sai e entra o outro, que é importador e fala: “Presidente, poderia



ser um pouquinho mais baixo”.

A verdade é que a sociedade brasileira reivindicava o câmbio flutuante, e sabe qual é o problema do câmbio flutuante? Ele flutua. As pessoas agora querem que o câmbio não seja flutuante, que o presidente diga qual é o valor do dólar e nós não vamos fazer isso. No ano que vem tem eleições e, no Brasil, em todo ano eleitoral o político é chegado a fazer loucura, é chegado a inventar, a criar mágica, quem sabe, vender ilusão temporária para a sociedade brasileira.

Eu tenho dito isso em todos os lugares: Não haverá mágica, não passarei para a história com a irresponsabilidade de que inventei mais uma mágica, que acabou quando eu deixei o governo e o povo pagou o pato. Não, este país merece uma chance. A chance deste país se transformar num país grande, desenvolvido, que possa participar do rol dos países ricos, é este país agir com seriedade. Todo sacrifício que nós fizemos está dando resultado agora e vocês estão sentindo dentro dos aviões, vocês estão sentindo nos restaurantes, vocês estão sentindo nos hotéis, vocês estão sentindo no número de empregos criados por este país afora. Então, não vamos jogar isso fora, não vamos permitir que haja banalidade da política brasileira outra vez, porque este país só consegue pensar de quatro em quatro anos e este país tem que pensar para 20 anos.

Um projeto de turismo para este país é de longo prazo, nós não vamos ter o Brasil turístico que nós queremos se a gente não acreditar que as coisas que vocês aprovaram são coisas que têm que perpassar vários governos. Não pode, cada um que entrar, fazer o seu turismo porque é isso que tem feito o Brasil ficar que nem sanfona: parece que vai, mas não vai, parece que vai, mas não vai. Nós temos uma chance agora. Os empresários sabem disso, vocês sabem disso, e nós queremos dizer para vocês: nós, com muita humildade, vamos fazer a nossa parte. Eu tenho certeza de que vocês, há muitos e muitos anos já fazem a parte de vocês, até em momentos adversos, e muito adversos.



Não vamos inventar nada. Vamos fazer o que precisa ser feito com seriedade, e a seriedade é a mágica, a seriedade é o sucesso da nossa política.

Portanto, meus queridos, que Deus os abençoe, que tenham um bom Congresso, e muito obrigado.